

# **Livro Didático de Fundamentos das Ciências Sociais**



**EDIR FIGUEIREDO TEIXEIRA DE MELLO  
ANTONIO HENRIQUE DE CASTILHO GOMES  
ANTONIO CLAUDIO ENGELKE TEIXEIRA  
RENATA SALOMONE DA SILVA ANSEL**

**ORGANIZAÇÃO**

**SOLANGE FERREIRA DE MOURA**

**1ª EDIÇÃO**

**RIO DE JANEIRO 2014**

**Comitê editorial externo** EDIR FIGUEIREDO DE OLIVEIRA TEIXEIRA DE MELLO, HUSTANA VARGAS E RENATA SALOMONE DA SILVA ANSEL

**Comitê editorial interno** ARTUR NUNES GOMES, CAMILLE FERREIRA MISSICK GUIMARÃES E SOLANGE FERREIRA DE MOURA

**Organizador do livro** SOLANGE FERREIRA DE MOURA

**Autores dos originais** EDIR FIGUEIREDO DE OLIVEIRA TEIXEIRA DE MELLO (CAPÍTULOS 1, 2 E 4), ANTONIO HENRIQUE DE CASTILHO GOMES (CAPÍTULO 3), ANTONIO CLAUDIO ENGELKE MENEZES TEIXEIRA (CAPÍTULO 5) E RENATA SALOMONE DA SILVA ANSEL (CAPÍTULO 6).

**Projeto editorial** ROBERTO PAES

**Coordenação de produção** RODRIGO AZEVEDO DE OLIVEIRA

**Projeto gráfico** PAULO VITOR FERNANDES BASTOS

**Diagramação** PAULO VITOR FERNANDES BASTOS

**Supervisão de revisão** ADERBAL TORRES BEZERRA

**Redação final e desenho didático** JOÃO PEDRO DE LIMA JÚNIOR E RODRIGO AZEVEDO DE OLIVEIRA

**Revisão linguística** IONE NASCIMENTO E KATIA SOUZA

**Capa** THIAGO LOPES AMARAL

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Copyright SESES, 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L784 Livro didático de fundamentos das Ciências Sociais  
Solange Ferreira de Moura [organizador].  
— Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2013.  
176 p

ISBN: 978-85-60923-12-0

1. Ciências sociais. 2. Sociologia. 3. Sociedade. 4. Cultura. I. Título.

CDD 301

# Sumário

Apresentação	7
--------------	---

Prefácio	9
----------	---

## 1. A Sociedade como objeto de estudo: laços que formam nós 11

Para início de conversa.....	12
Vontade de saber: o conhecimento como característica do ser humano.....	13
O senso comum: características e armadilhas.....	15
Outra perspectiva: o conhecimento científico.....	16
As assim chamadas ciências sociais:	
a constituição de um campo de conhecimento.....	18
A investigação científica da sociedade.....	19
As Ciências Sociais no cotidiano: problemas sociais e sociológicos.....	22
A sociedade em nós: individuo e sociedade.....	24

## 2. Os Usos e Abusos da Cultura 31

O conceito antropológico de cultura.....	32
A crítica ao determinismo geográfico.....	34
O método antropológico.....	37
Etnocentrismo e relativismo cultural.....	41
Diversidade cultural .....	44

## 3. Passeando pela História 49

Passeando pela história.....	50
O Iluminismo.....	51
A Revolução Francesa.....	55
Vejamos como tudo começou.....	56
A Era das instituições .....	57
A Era das Antecipações.....	58
Era das Consolidações.....	59
A Revolução Industrial.....	61
A Segunda Revolução Industrial.....	66
Sobre o percurso traçado.....	69

## 4. Sociologia à Francesa 75

O positivismo de Auguste Comte.....	76
A lei dos três estados e a classificação das ciências.....	79
A influência do positivismo no Brasil.....	84
O surgimento da sociologia científica: David Émile Durkheim.....	86
Os fatos sociais e suas características.....	88
Os fatos sociais: fixos e não fixos .....	89
A dualidade dos fatos morais.....	90
Regras relativas à observação dos fatos sociais .....	91
Regras relativas à distinção entre o normal e o patológico.....	92
Coesão, solidariedade e consciência coletiva.....	94
Morfologia social.....	95

## 5. A Sociologia Alemã 101

Karl Marx, crítico da modernidade.....	102
Apresentando Marx.....	102
Introdução.....	103
Estrutura, superestrutura e relações de produção.....	106
Capitalismo, trabalho e alienação.....	108
Luta de classes, história e revolução.....	111
Fetichismo da mercadoria e ideologia.....	113
Marx nos dias de hoje.....	116
A sociologia compreensiva de Max Weber.....	121
Apresentando Max Weber.....	121
Introdução: Weber, leitor e crítico de Marx.....	122
Ciência e política.....	123
Os tipos de ação.....	125
Os tipos ideais .....	127
A ética protestante e o espírito do capitalismo.....	128
Racionalização, burocracia e desencantamento do mundo.....	130
A teoria da dominação.....	132
Notas finais: Marx, Weber e a Caixa de ferramentas.....	133

## 6. Temas contemporâneos da Sociologia 139

A produção das diferenças.....	140
Preconceito, discriminação e segregação.....	140
Preconceito racial.....	142
O mito da democracia racial brasileira.....	143
Preconceitos de gênero e orientação sexual.....	144

Existe um modelo de família? .....	147
Nós e eles: a produção do estigma.....	148
Do <i>blasé</i> ao <i>zappeur</i> : cenas da vida na metrópole.....	150
A filosofia do dinheiro.....	151
A vida na metrópole: solidão na multidão .....	152
A intensificação da vida nervosa e a atitude de reserva.....	153
Olhares sobre a sociedade.....	153
A invisibilidade social.....	155
A visibilidade o <i>zappeur</i> e a lógica de consumo.....	159
A obsolescência planejada .....	160



# Apresentação

Caro leitor,

A disciplina Fundamentos das Ciências Sociais, a que este livro se destina, foi pensada como um espaço de análise dos conceitos e temas fundamentais para compreensão da realidade social, numa perspectiva crítica.

A Rede Estácio de Educação Superior entende que seu papel na formação de futuros profissionais vai além de oferecer conteúdos de boa qualidade. Temos como missão formar profissionais autônomos, críticos, reflexivos e capazes de atuar como agentes de transformação social.

Por essa razão, os autores deste livro fazem uso do discurso socioantropológico como ferramenta para possibilitar ao estudante a compreensão e o debate dos vários processos sociais que dão origem à criação, à manutenção, à crise, à reprodução e inovação dos diversos fenômenos sociais e suas múltiplas relações.

No que se refere à sua concepção formal, esta obra divide-se em três unidades programáticas, cada uma delas com dois capítulos temáticos.

A primeira unidade apresenta, em seu capítulo inicial, a sociedade como objeto de investigação e demonstra a importância da análise científica dos fenômenos sociais, problematizando a aplicabilidade das ciências sociais nas questões ligadas ao nosso cotidiano. Busca-se, também, definir a socialização como um processo através do qual os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social.

No segundo capítulo, dá-se ênfase à cultura, conceito fundamental da Antropologia. Por meio da análise de obras clássicas dessa ciência, explica-se como a cultura opera nos diversos domínios da sociedade. Demonstra-se que o trabalho de campo é a técnica mais apropriada para a análise antropológica, e descrevem-se as diferentes posturas que se reconhecem quando se comparam padrões culturais diferentes. Constrói-se, também, uma reflexão sobre a diversidade cultural e suas implicações nas relações sociais, tomando a pluralidade étnica e cultural brasileira como exemplo.

A segunda unidade dedica-se à compreensão da análise científica da sociedade. No primeiro capítulo resume-se o contexto histórico do surgimento das Ciências Sociais, descrevendo-se o cenário histórico da Europa no século XIX, marcado pela influência do Iluminismo, das grandes Revoluções (Científica, Francesa e Industrial) e das ideias evolucionistas.

No segundo capítulo, revela-se a contribuição da sociologia francesa para a análise dos fenômenos sociais, por meio da análise do positivismo de Auguste Comte e da sociologia científica de Émile Durkheim.

A terceira unidade tem como objetivo compreender ideias e questões que movimentam o mundo contemporâneo. No primeiro capítulo abordam-se as obras de dois autores que nos ajudam a distinguir a complexidade dos conflitos sociais que atravessam a sociedade moderna: Karl Marx e sua abordagem crítica da sociedade de classes, e Max Weber e sua sociologia compreensiva.

Na quarta unidade, discutem-se temas contemporâneos na análise social, em especial as novas configurações identitárias e os novos estilos de vida. Dentre esses temas, recorrentemente presentes em exames e concursos, são abordados o preconceito e a discriminação

social, racial, de gênero e de orientação sexual. Analisam-se, também, os processos de produção de estigma e segregação de indivíduos e grupos que não se enquadram nos padrões culturais dominantes da sociedade em se inserem.

Os temas aqui abordados não esgotam a complexidade da análise dos fenômenos sociais, mas procuram sedimentar a formação dos estudantes nas Ciências Sociais, da forma mais eficaz e prazerosa possível.

**Boa leitura!**

PROFESSOR ARTUR NUNES GOMES

## Prefácio

O Projeto Livro Didático Estácio propicia a construção de obras coletivas que reúnem professores das instituições da Rede Estácio de Educação Superior e professores de outras instituições de ensino, com o objetivo de fornecer aos estudantes da Estácio material didático adequado aos Projetos Pedagógicos e Planos de Ensino das disciplinas dos cursos de graduação.

O Livro Didático de Fundamentos das Ciências Sociais reuniu uma equipe de excelência, com titulação acadêmica de referência e ampla experiência no magistério. Da construção coletiva resultou uma obra de leitura agradável e de grande qualidade científica. A linguagem acessível e a lógica interativa tornam o estudo introdutório da antropologia e da sociologia uma atraente jornada.

Esperamos que você, estudante, aproveite esta obra ao longo de seu curso e que os conhecimentos nela contidos sirvam como a estrutura necessária para a compreensão do mundo contemporâneo, em toda a sua complexidade.

**Bons estudos e sucesso!**

SOLANGE FERREIRA DE MOURA



# 1

## **A sociedade como objeto de estudo: laços que formam nós**

EDIR FIGUEIREDO DE OLIVEIRA  
TEIXEIRA DE MELLO



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Arraigado:** adj. Que criou raízes; enraizado, radicado, difícil de extirpar: hábitos arraigados.

**Fenômeno:** s.m. Manifestação, sinal, sintoma. Fil. Tudo o que está sujeito à ação dos nossos sentidos, ou que nos impressiona de um modo qualquer, física ou moralmente.

**Impregnado:** saturado, cheio.

**Juiz e parte:** Utilização feita a partir do significado jurídico dos termos – respectivamente, aquele que julga, arbitra e a pessoa que participa do processo como autor ou réu.

## Para início de conversa...

É muito comum participarmos de conversas ou mesmo escutarmos algum diálogo, cujo tema principal é a sociedade em que vivemos.



## EXEMPLO

Quando falamos, por exemplo, do excesso de lixo nas ruas, do abandono de nossas crianças que se multiplicam nos sinais de trânsito esmolando ou mesmo cometendo pequenos delitos; do aumento da inflação; da precariedade dos transportes públicos; do futebol, enfim, da novela, estamos refletindo sobre as relações sociais de que fazemos parte, dos problemas sociais que nos afetam. Isso mostra não só a importância que damos à experiência cotidiana, mas também e, sobretudo, que observamos a sociedade e os fenômenos que a constituem.

Entretanto, na maioria das vezes, as observações que fazemos sobre determinados eventos sociais estão impregnadas de nossa própria visão de mundo, de preconceitos e valores arraigados em nós, o que pode dificultar uma análise mais crítica da realidade que nos cerca. Isto acontece porque somos ao mesmo tempo juiz e parte, ou seja, pensamos sobre o que vivemos a partir de nossas convicções pessoais.

Neste sentido, uma boa maneira de começarmos a redirecionar nosso olhar é traçar uma rota que nos ajude a percorrer o caminho. Partiremos, pois, como bons viajantes, formulando perguntas em vez de respostas. Façamos então: como construímos o nosso conhecimento sobre o mundo em que vivemos? Por que nos organizamos de uma forma e não de outra? O que é sociedade?



## REFLEXÃO

Tais indagações constituem há muito o acervo de preocupações dos seres humanos; contudo, somente em um momento histórico determinado esses questionamentos foram produzidos objetivando uma explicação considerada “válida” para compreensão dos fenômenos que resultam da vida social. Surgia, assim, um novo tipo de conhecimento: as chamadas Ciências Sociais.

No intuito de entendermos esse processo, buscamos clarear as proposições postas, e, talvez, elaborarmos tantas outras, fazemos um convite a você: percorra as próximas páginas disposto a vivenciar uma experiência de reflexão e descoberta de uma jovem ciência.

## Vontade de saber: o conhecimento como característica do ser humano

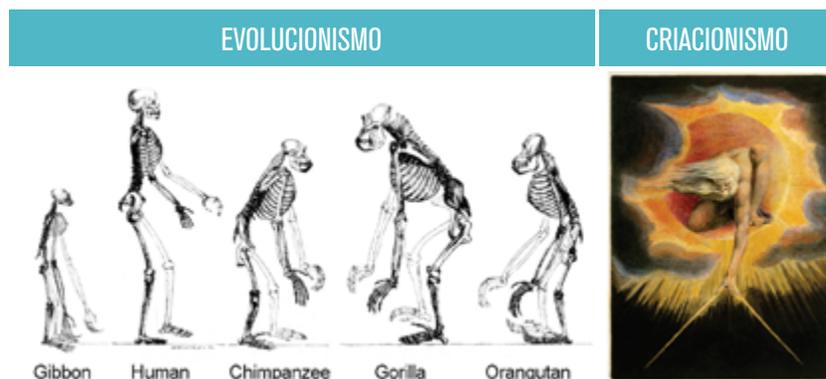
A obra intitulada ***O Pensador*** retrata uma das mais célebres criações artísticas do escultor francês ***Auguste Rodin*** e captura de forma singular uma das características constitutivas do ser humano: a habilidade de refletir sobre as experiências vividas.

Nesse sentido, pode-se dizer que o ser humano é o único animal que vive no mundo e pensa sobre o mundo em que vive. De fato, a preocupação em compreender o mundo acompanha a humanidade ao longo de seu desenvolvimento na Terra, quer seja pela necessidade de construir mecanismos de controle e transformação da natureza, quer pelo desejo de conhecer e formular explicações acerca dos fenômenos.

### ! ATENÇÃO

Entretanto, nem toda forma de conhecimento, e portanto, as formulações que dele derivam, são as mesmas em todo tempo/lugar e mesmo para todos os indivíduos.

### ★ EXEMPLO



Para usar um exemplo simples, colocaremos em contraste duas possibilidades de explicação do surgimento dos seres vivos na Terra: o ***Criacionismo e o Evolucionismo***. No primeiro caso, acredita-se que tudo que existe no mundo, inclusive os seres humanos, surgiu a partir da intervenção divina; já no segundo, a proposição é a de que nosso planeta e tudo que aqui há é fruto de um longo e contínuo processo de evolução. Percebem as diferenças de olhar? Para o mesmo fenômeno podemos encontrar um sem número de explicações que resultam de tipos de conhecimento distintos.

Classicamente, esses tipos de conhecimentos foram assim considerados:

- Conhecimento mítico – este tipo de conhecimento busca explicar o mundo a partir da ação de entidades - ou seja, forças, energias, criaturas, personagens que estão além do mundo natural, que o transcendem,

### IMAGEM

*O Pensador*



### AUTOR

Auguste Rodin

François-Auguste-René Rodin (1840-



1917), mais conhecido como Auguste Rodin, foi um escultor francês. Apesar de ser geralmente considera-

do o progenitor da escultura moderna, ele não se propôs a rebelar-se contra o passado.

### ? CURIOSIDADE

Para saber mais

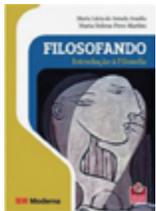
**Sobre a vida e a obra de Auguste Rodin**, sugerimos buscar em sites com conteúdo de História da Arte. Indicamos: [www.infoescola.com](http://www.infoescola.com)

**Sobre Criacionismo e Evolucionismo**, pesquise em sites com conteúdo específico. Indicamos: <http://www.brasilescola.com/historiag/criacionismo.htm>



## AUTOR

### Arruda



Maria Lúcia de Arruda Aranha nasceu em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Formada em Filosofia na Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC-SP). Lecionou para o Ensino Médio em escolas da rede pública e particular, até se aposentar. Em parceria com Maria Helena Pires Martins, é autora de "Filosofando - introdução à filosofia" e "Temas de filosofia", publicados pela Editora Moderna. É autora também de Filosofia da Educação e História da Educação e da Pedagogia — Geral e Brasil pela mesma editora.

que são sobrenaturais. A função dos mitos é fornecer uma compreensão sobre o mundo, organizá-lo e atribuir-lhe sentido. Um exemplo clássico são os mitos gregos. Vale lembrar as emblemáticas narrativas sobre as divindades olimpianas, como Zeus — deus dos raios; Poseidon — deus dos mares; Afrodite — deusa do amor, só para citar algumas.

- **Conhecimento religioso** – Este tipo de conhecimento do mundo se dá a partir da separação entre as esferas do sagrado e do profano. As religiões também apresentam, de forma geral, uma explicação sobrenatural para o mundo; porém, para aderir a uma religião, é condição fundamental crer ou ter fé nessa explicação. Além disso, é uma parte essencial da crença religiosa a fé no fato de que essa explicação sobrenatural pode proporcionar ao homem uma garantia de salvação, bem como prescrever maneiras ou técnicas de obter e conservar essa garantia, que são os ritos, os sacramentos e as orações.

- **Conhecimento filosófico** – De modo geral, o conhecimento filosófico pode ser traduzido como amor à sabedoria, à busca do conhecimento. Embora a concepção filosófica não ofereça soluções definitivas para numerosas questões formuladas pela mente, ela é traduzida em ideologia. E como tal influi diretamente na vida concreta do ser humano, orientando sua atividade prática e intelectual.

- **Conhecimento de senso comum** – O senso comum ou conhecimento espontâneo é a compreensão do mundo baseada no aprendizado acumulado de gerações anteriores. Segundo **ARRUDA** (2010), esse tipo de conhecimento nasce da tentativa do homem de resolver os problemas da vida diária. Daí esse tipo de saber implicar em juízos pessoais acerca das coisas, pois parte dos valores de cada indivíduo, mediante as situações vivenciadas.

- **Conhecimento Científico** – Tradicionalmente, o conhecimento científico é definido como aquele que resulta de investigação metódica, sistemática da realidade. Transcende os fatos e os fenômenos em si, analisa-os para descobrir suas causas e concluir as leis gerais que os regem. De um modo geral, as pessoas costumam considerar que esse tipo de saber pressupõe um modo de conhecimento com absoluta garantia de validade. No entanto, trata-se também de uma crença, pois, como sabemos, as formulações científicas mudam o tempo todo e podem estar a serviço de interesses políticos, econômicos e sociais.



## ATENÇÃO

Antes de prosseguirmos, convém esclarecer que não há hierarquia entre os saberes. A *Mitologia*, a *Religião*, a *Filosofia*, o *senso comum* e a *Ciência* são formas de compreensão do mundo. Todos são formas de conhecimento, pois cada um, a seu modo, desvenda os segredos do mundo, explicando-o ou atribuindo-lhe um sentido. É importante dizer também que tal classificação resulta antes de um processo histórico específico que diz respeito à constituição dos saberes no mundo ocidental.

Diante do exposto, podemos avançar em nossa reflexão. No que diz respeito à abordagem aqui proposta, nos deteremos mais especificamente em dois tipos de conhecimento: o conhecimento de senso comum e o científico.

## O senso comum: características e armadilhas

Conforme vimos, o conhecimento de senso comum surge da necessidade de o homem enfrentar os desafios cotidianos. Esse foi um dos primeiros tipos de conhecimento produzidos pelos indivíduos com a finalidade de compreender a natureza e transformá-la em benefício próprio.

O conhecimento de senso comum é um tipo de conhecimento espontâneo, pois seu aprendizado é passado de geração a geração ao longo dos tempos. Imaginem vocês, por exemplo, nos *primórdios* da humanidade, quantos indivíduos *pereceram* até que todos soubessem, por exemplo, distinguir quais frutos da natureza eram comestíveis. O que hoje, certamente, para nós parece óbvio, resulta de aprendizado como este.



### REFLEXÃO

Portanto, o senso comum é uma herança cultural, um legado, que tem a finalidade prática de orientar a sobrevivência humana nos mais variados aspectos.



### EXEMPLO

Através do senso comum uma criança aprende, por exemplo, que o fogo queima, que a faca corta, aprende o que é o perigo e a se colocar em segurança. Aprende até mesmo noções do que é justo e do que é injusto, do bem e do mal, e outras normas de vida que vão direcionar o seu modo de agir e pensar, as suas atitudes e decisões.

Entretanto, cabe esclarecer, que esse aprendizado tem um caráter *subjetivo*, uma vez que depende dos valores pessoais dos sujeitos envolvidos. Ele é também um saber acrítico, pois não pergunta como e por que as coisas acontecem. O saber de senso comum é assistemático, pois é aprendido de uma forma difusa não sistematizada ou organizada. Assim, não supõe o uso de um *método*.

Por último, podemos dizer que o senso comum é um tipo de conhecimento *empírico*, pois se vale da observação imediata das coisas, não conseguindo ultrapassar as aparências. Daí, não raro, cairmos em armadilhas resultantes de primeiras impressões, uma vez que, como diz o dito popular, as aparências enganam.



### CONCEITO

#### Desvendando as palavras

**Primórdios:** s.m. O que foi organizado antes dos demais; aquilo que se arruma primeiro. O momento relacionado à origem ou surgimento de alguma coisa (geralmente utilizado no plural); princípio: desde os primórdios.

**Perecer:** v.i. Perder a vida; morrer; falecer.

**Subjetivo:** adj. Que se refere ao indivíduo ou dele faz parte.

Particular ou relevante acerca de um indivíduo; pessoal ou individual.

**Método:** s.m. Maneira de dizer, de fazer, de ensinar uma coisa, segundo certos princípios e em determinada ordem. Conjunto de procedimentos.

**Empírico:** adj. Que se fundamenta na observação e na experiência, seguindo métodos ou não.

## COMENTÁRIO

### Senso comum

Decerto que o conhecimento de senso comum tem uma utilidade prática para a vida cotidiana; entretanto, apenas ele não basta para que obtenhamos uma análise crítica da realidade. É preciso, portanto, irmos além dele e buscarmos um conhecimento que não nos deixe enganar pelas primeiras impressões. Isso significa dizer que é necessário compreender os fatos a partir de uma investigação sistemática, crítica e objetiva, ou seja, através do método científico.

## CURIOSIDADE

### Para saber mais

**Revolução científica:** Na história da ciência, chama-se revolução científica o período que começou no século XVI e prolongou-se até o século XVIII. A partir desse período, a Ciência, que até então estava atrelada à Filosofia, separa-se desta e passa a ser um conhecimento mais estruturado e prático.

**Metafísica:** palavra de origem grega que significa o que está para além da física. É uma doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas.

A filósofa Maria Lucia Arruda avalia que o conhecimento de senso comum é um saber de todos nós, homens comuns, não especialistas. De acordo com essa formulação, podemos dizer que, em várias ocasiões, quando fornecemos explicações acerca de algum fenômeno sobre o qual não temos conhecimento técnico especializado, estamos empregando nossos saberes de *senso comum*.

## REFLEXÃO

Nesse caso, remetendo ao início de nosso diálogo, podemos dizer que, mesmo tendo muita informação sobre um evento social qualquer, ao emitirmos nossa opinião, ao conversarmos sobre os fatos da vida cotidiana, estamos construindo impressões de senso comum.

## CURIOSIDADE



### O Nome da Rosa

O filme O Nome da Rosa (1986), de Jean-Jacques Annaud, é uma ilustração interessante sobre a questão de ciência e senso comum.

## Outra perspectiva: o conhecimento científico

Considera-se que a ciência moderna, tal qual a concebemos, surge na Europa, no século XVII, a partir de um marco histórico fundamental: a chamada *revolução científica*. Foi nesse período que houve as primeiras tentativas de superação dos dogmas e das crenças religiosas relacionadas aos fenômenos que regem o mundo e buscou-se uma explicação sistematizada dos fatos.

Não se pode afirmar, contudo, que nunca tenha havido um tipo de conhecimento científico antes do século XVII. Na Antiguidade clássica, os filósofos gregos, por exemplo, construíram um tipo de saber que se assentava na revelação de causas e princípios primeiros do mundo, a *metafísica*. Eles foram também os responsáveis por lançarem as bases da matemática, da medicina e da física moderna.

Entretanto, o que torna o saber produzido ao longo dos séculos XVI e XVII tão específico é a radical transformação que ele provoca na concepção de mundo e na própria forma de conhecê-lo e explicá-lo. Isto porque a ciência moderna marca uma ruptura em relação ao mundo antigo e medieval ao estabelecer um método de estudo, ao privilegiar a razão como meio de alcançar respostas para os fenômenos existentes.

Neste sentido, tradicionalmente, é atribuído a Galileu Galilei (1597–1681) papel fundamental nessa mudança, pois foi a partir das teorias por ele defendidas que se introduziu o método científico.

Podemos perceber, portanto, que o conhecimento científico se constituiu a partir da instauração de métodos de investigação rigorosos que permitiram a formulação de explicações e compreensão das causas e efeitos dos fenômenos observados na natureza.

Mas somente um método não é suficiente para designarmos que um estudo é científico. Um indivíduo pode, por exemplo, seguir passos precisos para obter um resultado impecável na limpeza de seu automóvel ou mesmo traçar a melhor rota para diminuir o tempo de locomoção entre sua casa e o trabalho, nem por isso está praticando ciência. Isso porque o conhecimento científico é produzido a partir do estabelecimento de métodos que correspondem a objetos de estudos específicos. Neste sentido, cada ciência é particular, pois delimita um campo de pesquisa e procedimentos próprios a este campo. “As ciências são particulares na medida em que cada uma privilegia setores distintos da realidade.” (ARRUDA, 2010, p.158).

Foi assim, aliás, que as mais diversas disciplinas se constituíram, só para citar algumas: a física, cujo objeto de estudo é o movimento dos corpos; a biologia, que estuda os seres vivos; a história, que investiga o desenvolvimento da humanidade ao longo do tempo, dentre outras.

Para além do **binômio** método e objeto de estudo, o conhecimento científico se distingue de outras formas de saber porque suas formulações são sistemáticas, baseadas em fatos verificáveis e controláveis através de experiências, chegando, por isso, a conclusões gerais e objetivas. Por um lado, seus resultados são gerais, pois estabelecem leis universais de causa e efeito que explicam fenômenos invariáveis; basta lembrarmos, por exemplo, da lei da gravidade de **Isaac Newton** ou da lei da conservação de massa de Antoine Laurent Lavoisier, químico francês, considerado o pai da química moderna, popularizada pela máxima: “na natureza nada se cria, tudo se transforma”. Por outro lado, as conclusões obtidas no processo científico são objetivas, uma vez que uma mesma experiência pode ser repetida e observada por dois ou mais cientistas em locais distintos. Tal objetividade implica também certa imparcialidade do sujeito que investiga, sem uso de emoções ou juízo de valores.

Para ser precisa e objetiva, a ciência dispõe de uma linguagem rigorosa cujos conceitos são definidos de modo a evitar ambiguidades. A linguagem se torna mais precisa, na medida em que utiliza a matemática para transformar qualidades em quantidades. (ARRUDA, p.158).

**“As ciências são particulares na medida em que cada uma privilegia setores distintos da realidade.” (ARRUDA, 2010, p.158).**



## AUTOR

### Galileu Galilei



Galileu Galilei (1597–1681) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano, considerado persona-

lidade fundamental na revolução científica. Galileu desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia, entre outros. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico.



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Binômio:** s.m. 1. (Matemática) Denominação atribuída a uma expressão de álgebra que é constituída por um par de monômios conectados pelos sinais gráficos + ou - ;

2. Designação da categorização científica de seres vivos constituída por um par de termos ou designações;

3. Sentido figurado: par.



## AUTOR

### Isaac Newton



Isaac Newton (1643–1727) foi um cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, embora tenha sido também astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo.



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Antropologia:** estuda as diferentes culturas do homem, os diversos grupos sociais, culturais ou étnicos e as transformações ocorridas em função da interação entre os grupos.

**Ciência política:** estuda os sistemas de poder, as instituições e os partidos políticos de um país, o comportamento e as políticas públicas em suas diversas fases (elaboração, implantação e avaliação).

**Sociologia:** Investiga as relações sociais, as estruturas e a dinâmica das sociedades modernas, analisando os processos históricos de transformação das organizações sociais.

Sem dúvida, ao chegarmos neste ponto, podemos perceber que o conhecimento científico possui características essenciais que, ao mesmo tempo, o constituem e, conseqüentemente, o distinguem dos demais saberes.



## REFLEXÃO

Mas, se é verdade que a investigação científica dos fatos supõe a transformação de qualidades em quantidades, de subjetividade em objetividade, parcialidade em imparcialidade, em se tratando das Ciências sociais, como isto se aplica?

Para compreendermos melhor essa questão, a proposta é avançarmos um pouco mais em nossa reflexão. Portanto, vamos em frente!

## As assim chamadas ciências sociais: a constituição de um campo de conhecimento

Se considerarmos, como sugerem alguns autores, que o conhecimento científico teve lugar no século XVII, com a instauração de métodos de investigação rigorosos, o mesmo não se pode dizer das Ciências Sociais. Estas se constituíram como um campo de conhecimento somente no século XIX, a partir de um contexto histórico determinado. Mas não vamos antecipar tal narrativa, afinal de contas não se pode começar uma história de trás para frente. Portanto, primeiro vamos entender o que são as Ciências Sociais, do que tratam, os seus métodos e especificidades.

Por Ciências Sociais entende-se o conjunto de saberes relativos às disciplinas de **Antropologia**, **Ciência Política** e **Sociologia**. Há, contudo, especialistas que consideram este leque mais amplo, englobando outras áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Etnologia, a Geografia Humana, a Economia, a Administração e as Ciências Jurídicas. Todavia, a designação usualmente mais aceita é aquela que reconhece apenas três disciplinas como parte constitutiva desse campo científico.

As disciplinas Sociologia, Antropologia e a Ciência Política, estudam fenômenos muito semelhantes, ou seja, fatos que resultam da vida em sociedade. Mas, embora estas áreas do conhecimento sejam muito próximas entre si, não são totalmente iguais. Dado o recorte aqui proposto, trataremos em nossos estudos mais especificamente de elementos da análise antropológica e do método sociológico.

No que diz respeito à Antropologia, pode-se dizer que tal ciência estuda o homem a partir daquilo que o constitui em sua humanidade, isto é, a produção de cultura (conforme veremos no capítulo 2). Neste sentido, o eixo da análise antropológica funda-se na compreensão de



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Microcosmo:** s.m. Mundo pequeno, mundo abreviado; miniatura do universo. O próprio homem como expressão do universo.

**Macrocosmo:** s.m. Filosofia. O Universo, em oposição ao homem, considerado este como um mundo em miniatura, ou microcosmo.

aspectos **microcósmicos** da sociedade, tais como religião, costumes, tradições, dentre outros – dos indivíduos ou de pequenos grupos –, na tentativa de entender os significados culturais que possuem. Seu foco, portanto, está predominantemente no estudo da cultura, à medida que se parte do princípio que entendendo a cultura dos grupos, consegue-se entender a lógica da sociedade.

Para isso, busca investigar aspectos **macrocósmicos**, partindo, geralmente, do conhecimento de coletividades com o objetivo de entender o comportamento grupal e/ou individual. Seu foco está, via de regra, na investigação das estruturas da sociedade, procurando compreender como estas influenciam os grupos ou indivíduos no que se refere a seu comportamento, seus costumes e sua cultura.

Diante do exposto, é possível perceber que as disciplinas Antropologia e Sociologia apesar de serem campos de conhecimento muito próximos, possuem algumas diferenças, tanto no que diz respeito ao seu objeto quanto a sua abordagem. Todavia, para além de situarmos as disciplinas que compõem o quadro das ciências sociais, outra questão de igual relevância é a compreensão dos fenômenos por elas estudados.

## A investigação científica da sociedade

O conhecimento científico da vida social não se baseia apenas no fato, mas na concepção do fato e na relação entre a concepção e o fato. Isto porque, ao contrário das demais ciências, as ciências sociais lidam não apenas com o que se chama de realidade, com fatos exteriores aos indivíduos, mas do mesmo modo com as interpretações que são feitas sobre a realidade. Elas buscam investigar as ações dos indivíduos em sociedade, suas crenças, sentimentos, representações, seus símbolos, linguagem, seus valores e cultura, as aspirações que os animam e as alterações que sofrem.



## EXEMPLO



Vamos entender melhor tal perspectiva; pensemos, por exemplo, em uma situação simples: quando desenhamos um coração ou cantamos uma música com essa palavra, geralmente o sentido imediato que lhe é atribuído é amor, bem

querer, paixão ou algo semelhante. Esta percepção não é a mesma se estivermos em um contexto hospitalar. Nesta ambiência o coração é um órgão do corpo com funções bem definidas.

Outra ilustração que nos ajuda a compreender melhor as proposições postas é o significado que construímos acerca de determinados sinais e/ou adereços empregados



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Epistemologia:** A epistemologia estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, sendo também conhecida como teoria do conhecimento.

**Sincrônico:** adj. Que se passa ao mesmo tempo; que é da mesma época; síncrono.

**Quadro sincrônico:** quadro que representa, em várias colunas, os fatos acontecidos ao mesmo tempo em diferentes países.



## AUTOR

### Roberto da Matta

Roberto da Matta (nascido em 29 de julho de 1936) é um grande antropólogo brasileiro, preocupado em analisar dilemas relacionados ao tema indivíduo/sociedade. É graduado em Filosofia e Doutor em Sociologia, com pós-doutorados na Alemanha e Estados Unidos. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem.



## AUTOR

### Pedro Demo

É graduado em Filosofia e Doutor em Sociologia, com pós-doutorados na Alemanha e Estados Unidos. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem.

no corpo. Sobre isso, vale lembrar a tatuagem, cuja visão estética mudou ao longo do tempo, o uso de brincos por indivíduos do sexo masculino, e mesmo o hábito de usar calças compridas entre mulheres. Sem dúvida, poderíamos citar inúmeros exemplos, mas, por ora, esses são suficientemente esclarecedores quanto a alguns aspectos que envolvem a investigação da vida social.

O objeto de estudo das Ciências Sociais são as relações que os homens estabelecem entre si vivendo em sociedade; isto é, não é algo objetivo, antes resultam de valores, costumes e representações histórico-culturais. De outro modo, indicam também a constante mudança dos acontecimentos analisados pelos cientistas sociais, seja pelo seu dinamismo e sua transformação no tempo e no espaço, seja porque são também subjetivos, uma vez que partem de significações dadas socialmente. Daí advém o fato de as Ciências Sociais não serem, portanto, como as ciências naturais, uma vez que aquelas lidam com fenômenos distintos daqueles estudados por biólogos, físicos ou químicos.

Nas Ciências Naturais o objeto de estudo é a própria natureza, uma realidade dada, exterior ao homem; e o sujeito do conhecimento se põe fora dela para estudá-la. Já nas ciências humanas, o objeto de estudo é o próprio homem, vivendo em sociedade, ou seja, o homem nas suas relações com os outros homens e com a própria natureza.

Decerto, no que se refere ao objeto de estudo e, conseqüentemente, ao método de investigação, as Ciências Sociais diferem bastante das Ciências Naturais. Tal diferença, aliás, suscita intensos debates quanto à validade e o rigor científico do conhecimento produzido pelas ciências sociais. Os argumentos utilizados têm como ***princípio epistemológico*** a dificuldade de reconhecê-las como verdadeiras ciências, na medida em que elas tratam com eventos complexos, de difícil determinação, uma vez que envolvem valores e significados socialmente dados. Outra questão reside no fato de estar o pesquisador social, de alguma forma, envolvido com os fenômenos que pretende investigar dificultando a objetividade e a neutralidade científica.

A análise de ***Roberto Da Matta***, célebre antropólogo brasileiro, oferece uma compreensão valiosa sobre o tema. Ele coloca as principais controvérsias no tocante à comparação entre as Ciências Sociais e Ciências Naturais nos seguintes termos:

- As chamadas Ciências Naturais estudam fatos simples, eventos isoláveis. Tais fenômenos seriam, por isso mesmo, recorrentes e ***sincrônicos***, na medida em que podem ser vistos, isolados e, assim, reproduzidos dentro de condições de controle razoáveis, em um laboratório.
- A simplicidade, a sincronia e a repetitividade asseguram outro elemento fundamental às Ciências Naturais, qual seja: o fato de que a prova ou o teste de uma dada teoria possa ser feita por dois observadores diferentes, situados em locais diversos e até mesmo com perspectivas opostas. O laboratório assegura de certo modo tal condição de objetividade.

- Em contraste, as chamadas Ciências Sociais estudam fenômenos complexos, situados em planos de causalidade e determinação complicados. Nos eventos que constituem a matéria-prima do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do cientista político, do economista e do psicólogo, não é fácil isolar causas e motivações exclusivas. Mesmo quando o sujeito está apenas desejando realizar uma ação aparentemente inocente e basicamente simples, como o ato de comer um bolo. Pois um bolo pode ser comido porque se tem fome, porque se quer comemorar um aniversário, porque se gosta de doces etc.

- Entre as Ciências Sociais e as Ciências Naturais temos uma relação invertida, a saber: nas Ciências Naturais os fenômenos podem ser percebidos, divididos, classificados e explicados, objetivamente, dentro de condições de relativo controle em laboratório; nas Ciências Sociais os eventos estudados têm determinações complicadas e que podem ocorrer em ambientes diferenciados, pois o laboratório é a sociedade, tendo por causa disso, a possibilidade de mudar seu significado de acordo com o ator, as relações existentes em um dado momento.

- Se as ciências da natureza aspiram instaurar as leis objetivas gerais, universais e necessárias dos fatos, como estabelecer leis objetivas para o que é essencialmente subjetivo, como, por exemplo, a expressão dos sentimentos? Como estabelecer leis universais para algo que é particular, como é o caso de uma sociedade humana?

- Os fatos que formam a matéria-prima das Ciências Sociais são, pois, fenômenos complexos, geralmente impossíveis de serem reproduzidos, embora possam ser observados. Podemos observar funerais, aniversários, rituais de iniciação, trocas comerciais, proclamações de leis etc. Mas, além de não podermos reproduzir tais eventos, temos de enfrentar a nossa própria posição, histórica, biográfica, educação, interesses e preconceitos. O problema não é o de somente reproduzir e observar o fenômeno, mas substancialmente o de como observá-lo.

As observações do autor deixam, pois, evidente que as Ciências Sociais não podem ser enquadradas em modelos de cientificidade de outras ciências, pois possuem uma racionalidade e especificidades próprias, relativas ao seu objeto de estudo. Nesse sentido, tal campo de saber não comporta métodos ou técnicas rígidas e rigorosas, nem fórmulas de aplicação imediata que garantam a obtenção de resultados objetivos e exatos. Assim, o que mais importa é a interpretação dos fenômenos, ou seja, não apenas os fatos por si só, mas a forma como se constituem esses fatos. O sujeito (o pesquisador) deve ser considerado no contexto no qual estes fatos ou fenômenos se apresentam, pois ele também faz parte do objeto que investiga. Para que se possa interpretar, analisar, investigar nessa área do conhecimento, é necessário um suporte teórico que fundamente determinadas opções metodológicas, não podendo ser considerada apenas a aplicação de determinada técnica, pois isto não garante por si só a obtenção de resultados válidos.

Por último, cabe esclarecer, que os valores permeiam as pesquisas sociais, tornando-se muito difícil evitá-los, uma vez que, como diz o célebre sociólogo **Pedro Demo**, ao contexto do objeto da pesquisa pertence também o sujeito. Mas, embora, esse seja um dos obstáculos das Ciências Sociais, não significa que seja impossível superá-lo. As pesquisas sociais existentes e o conhecimento que delas resultam nos demonstram isso.

**O sujeito (o pesquisador) deve ser considerado no contexto no qual estes fatos ou fenômenos se apresentam, pois ele também faz parte do objeto que investiga.**



## AUTOR

### Wright Mills



Charles Wright Mills (1916-1962) sociólogo americano. Foi professor de Sociologia das Universidades de

Maryland e Columbia. Ficou principalmente conhecido por seu livro *A imaginação Sociológica*, publicado originalmente nos EUA, em 1959. Nele, o autor faz um apelo para que sociólogos não deixem a imaginação e a criatividade de lado, ao exercerem sua profissão, em favor de uma pretensa objetividade e neutralidade do trabalho científico.



## COMENTÁRIO

### Imaginação sociológica

A construção de imaginação sociológica implica, pois, uma mudança de perspectiva, no estabelecimento de relações entre as diferentes instâncias daquilo que constitui o individual e o social.

## As Ciências Sociais no cotidiano: problemas sociais e sociológicos

Tudo o que foi visto até aqui nos ajuda a compreender a constituição das Ciências Sociais enquanto conhecimento científico específico, distinto das ciências da natureza. Mas, embora já tenhamos percorrido boa parte do caminho no que diz respeito ao entendimento desse campo de saber, cabe ainda apresentarmos uma perspectiva relevante quanto a sua aplicação no cotidiano.

Certamente, em algum momento de sua trajetória acadêmica você já se perguntou por que estamos estudando isso? Parece-nos óbvio que tal indagação envolve a ideia de aplicabilidade de um conhecimento quanto a sua utilidade prática no cotidiano. No caso das ciências sociais, uma explicação possível para tal questão é a compreensão daquilo que o eminente sociólogo Wright Mills chamou de imaginação sociológica.

A imaginação sociológica remete ao processo através do qual o indivíduo consegue estabelecer conexões entre sua experiência pessoal e a sociedade em que vive. Isto significa dizer que os indivíduos só podem compreender sua existência social percebendo-se parte de um contexto histórico-cultural determinado. Assim, é possível perceber que nossas ações influenciam e são influenciadas pela dinâmica da sociedade, o que permite enxergar além da estrita esfera dos problemas individuais para os problemas sociais.

Para melhor compreensão dessa abordagem, desafiamos vocês a exercitarem a imaginação sociológica agora mesmo. Pensemos, por exemplo, nas motivações pessoais que fizeram com que se inscrevessem em um curso universitário. Pode ser qualquer um, a título de ilustração, citamos Administração, Direito, Pedagogia, Turismo, Psicologia, dentre outros. Vamos lá...!

Para alguns de vocês as motivações para ingresso no ensino superior resultam da expectativa de ascensão profissional; para outros, significa a possibilidade de assegurar um posto de trabalho no serviço público; há ainda aqueles que sempre sonharam com determinado ofício, mas nunca tiveram oportunidade de fazê-lo até o momento.

Percebem? Certamente alguns de vocês se viram representados nos exemplos dados, mas não pensem que estão sozinhos, talvez exista alguém do seu lado que compartilhe a mesma expectativa. Ousamos afirmar que talvez existam milhares de indivíduos no Brasil e mundo afora cujo repertório biográfico se assemelha ao de vocês. Entretanto, isto não é mera coincidência, essas similaridades ocorrem porque a história de vida de cada um de nós está conectada, uma vez que expressam não apenas problemas de ordem puramente individual, mas, sobretudo, porque são problemas sociais. Isto significa dizer que elas existem e se realizam a partir de uma dinâmica social mais ampla, tornando-nos parte de um coletivo.



### Sebastião Vila Nova



Sebastião Vila Nova, pesquisador e sociólogo alagoano. É autor de diversos livros, entre os quais, Introdução à sociologia, sua obra mais conhecida, publicada em várias edições, sendo a primeira, em 1981.

Do mesmo modo, a imaginação sociológica nos permite compreender as relações sociais que estabelecemos. Essa compreensão auxilia-nos no entendimento do outro, daqueles com quem interagimos, no seu pensar e no seu agir, diminuindo, desta forma, as barreiras sociais e favorecendo o maior conhecimento de nós mesmos.

**(...) a imaginação sociológica nos permite compreender as relações sociais que estabelecemos.**

Há, contudo, um ponto a esclarecer. Já sabemos que vários problemas que nos afetam individualmente são compartilhados por outros tantos indivíduos, constituindo-se, por assim dizer, problemas sociais. Entretanto, existe uma diferença entre problemas sociais e problemas sociológicos.

O problema social designa comumente algo que atinge um grupo, ou uma categoria de indivíduos, as drogas, por exemplo. Entretanto, a classificação de um problema social pode ser subjetiva, afinal de contas, o que é um problema para uma cultura pode não ser para outra. Em outras palavras, o problema social é uma situação que afeta um número significativo de pessoas e é julgada por estas ou por um número significativo de outras pessoas como uma fonte de dificuldade ou infelicidade e considerada suscetível de melhoria.

Já os problemas sociológicos são o objeto de estudo da Sociologia enquanto ciência, a qual se debruça sobre esses para compreender suas características gerais. Como vimos anteriormente, a Sociologia estuda os fenômenos sociais, sendo eles percebidos como problemas sociais ou não, lançando mão de uma observação sistemática e pormenorizada das organizações e relações sociais.

A violência urbana, por exemplo, pode ser um problema sociológico, uma vez que pode despertar o interesse dos sociólogos para desvendar os motivos de tal fenômeno social, mas ao mesmo tempo trata-se de um problema social, haja vista afetar toda a coletividade. No entanto, caberia à Sociologia apenas explicá-la, e não necessariamente resolvê-la. (RIBEIRO, 2010)

O sociólogo ***Sebastião Vila Nova*** ilustra bem essa questão ao afirmar que problemas sociológicos são questões ou problemas de explicação teórica do que acontece na vida social, isto é, na sociedade, como por exemplo: o casamento, a família, a moda, as festas como o carnaval, o gosto pelo futebol, a religião, as relações de trabalho, a produção cultural, a violência urbana, as questões de gênero, desigualdade social etc.

O problema sociológico é uma questão de conhecimento científico que se suscita e resolve no âmbito da Sociologia. Ao contrário do que parece, formular corretamente um problema destes constitui tarefa muito



## CURIOSIDADE

### Socialização



Para análise sobre processo de socialização sugerimos *A Guerra do Fogo*, de Jean-Jacques Annaud. Filmado no Canadá, narrativa fílmica se passa em uma época anterior ao uso da linguagem oral.

difícil, em regra só acessível a quem é especialista da ciência em causa e que seja dotado de uma imaginação viva e treinado na pesquisa.

Em outras palavras, nem todas as questões suscitadas acerca das matérias de que se ocupam as Ciências Sociais constituem problemas científicos, mas podem ser problemas sociais. Só são problemas científicos as questões formuladas de tal modo que as respostas a elas confirmem, ampliem ou modifiquem o que se tinha por conhecido anteriormente. Isto significa dizer que apenas os cientistas estão em condições de enunciá-las e resolvê-las; que a sua formulação como a sua solução pressupõem um esforço metódico de pesquisa.

Podemos concluir, portanto, que todo problema social pode ser um problema sociológico, mas nem todo problema sociológico é um problema social.

## A sociedade em nós: indivíduo e sociedade

Conforme vimos, nossas vivências pessoais estão em estreita conexão com as experiências de outros tantos indivíduos; isto porque nascemos e vivemos em sociedade. Entretanto, diferente de formigas, abelhas e outros animais em que tal processo é reduzido ao mais ínfimo pormenor por instintos hereditários rígidos, a relação indivíduo e sociedade depende de um aprendizado ao qual chamamos **socialização**.

Por socialização compreendem-se os processos através dos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social. Eles começam na infância e prosseguem ao longo da vida. A socialização é um processo de aprendizagem que se apoia, em parte, no ensino explícito e, também em parte, na aprendizagem latente – ou seja, na absorção espontânea de formas consideradas evidentes de relacionamento com os outros. Embora estejamos todos expostos a influências socializantes, os indivíduos variam consideravelmente em sua abertura deliberada ou involuntária a elas.



## REFLEXÃO



Para entendermos melhor tal processo, pensemos nos primeiros momentos de nossa vida. Quando nascemos, somos apenas um corpo biológico equipado de alguns poucos instintos necessários à nossa sobrevivência: chorar ao sentir fome ou sede, dor ou frio; sugar o leite materno; realizar necessidades fisiológicas e movimentos motores involuntariamente como os de agitar as pernas e os braços em resposta a algum estímulo do meio externo, ou virar a cabeça na direção da sonoridade de um objeto, por exemplo.

Na medida em que vamos crescendo e tomamos consciência de nós e dos outros, interagimos com um mundo que já existia antes de nós, e aqueles instintos, tão necessários nos primeiros anos de nossa vida, vão sendo moldados em função das exigências culturais presentes no interior da sociedade em que vivemos. Aos poucos, vamos percebendo que chorar para saciar a fome não é mais tão eficiente, porque vamos entendendo que existem horários determinados para a alimentação. Percebemos também que nossas necessidades fisiológicas não podem ser realizadas em qualquer lugar, descobrindo, a partir da intervenção de outras pessoas, que existe um local específico onde tais necessidades podem ser satisfeitas sem constrangimentos.

Um conjunto variado de outras formas de nos comportar vai sendo introduzido, de modo a ajustar-nos aos padrões culturais vigentes em nosso ambiente social. Podemos perceber, assim, que vamos ingressando gradualmente em um mundo dominado por maneiras de pensar, de agir e de sentir anteriores ao nosso nascimento, e as quais nos são transmitidas através de um longo processo de aprendizado que nos acompanha do nascimento até boa parte de nossa vida adulta.

Neste sentido, é também através do processo de socialização que o sujeito aprende os elementos socioculturais do seu meio, tornando possível a perpetuação da sociedade e a transmissão da sua cultura de geração em geração. Assim, a socialização pode também ser concebida como um elemento essencial da interação entre os indivíduos na medida em que as pessoas desejam fazer valer a sua autoimagem através da obtenção do reconhecimento dos outros. Daí a impossibilidade de vivermos em total isolamento, uma vez que nos tornamos seres humanos em referência a outro ser humano. É, pois, da relação entre os indivíduos que nasce a sociedade, ao mesmo passo que é a partir da sociedade que se constituem os indivíduos.

**É também através do processo de socialização que o sujeito aprende os elementos socioculturais do seu meio, tornando possível a perpetuação da sociedade e a transmissão da sua cultura de geração em geração.**

Algumas histórias emblemáticas de seres humanos que foram submetidos ao total isolamento social podem nos ajudar a compreender melhor essa questão. Vejamos:

#### As meninas lobo



*Lupa Capitolina, escultura de bronze, entre os séculos XI e XII*

Amala e Kamala, também conhecidas como as meninas lobo, foram duas crianças selvagens encontradas na Índia no ano de 1920. A primeira delas tinha um ano e meio e faleceu um ano mais tarde. Kamala, no entanto, já tinha oito anos de idade, e viveu até 1929. Elas eram como lobos; crianças, muito estranhas, mas com uma história interessantíssima. Suas idades presumíveis eram de 2 e 8 anos. Deram-lhes os nomes de Amala e



## CURIOSIDADE



Mowgli, capa do original de ficção sobre a criança-selvagem criada por lobos de *The Jungle Book* de Rudyard Kipling.

Kamala, respectivamente. Após encontrá-las, o Reverendo Singh levou-as para o orfanato que mantinha na cidade de Midnapore. Foi lá que ele iniciou o penoso processo de socialização das duas meninas lobo. Elas não falavam, não sorriam, andavam de quatro, uivavam para a lua e sua visão era melhor à noite do que de dia. Amala, a mais jovem, morreu com um ano e meio de idade devida à adaptação dolorosa do abrigo (ela não tinha a alimentação a que estava acostumada, de carne crua e podre). Kamala viveu durante oito anos na instituição que a acolheu, humanizando-se lentamente. Ela necessitou de seis anos para aprender a andar e pouco antes de morrer tinha um vocabulário de apenas 50 palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos. Ela chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente às pessoas que cuidaram dela e às outras crianças com as quais viveu.

### A educação de um selvagem

No dia 9 de Janeiro de 1799, uma estranha criatura surgiu dos bosques próximos ao povoado de Saint-Serin, no sul da França. Apesar de andar em posição ereta, se assemelhava mais a um animal do que a um ser humano; porém, imediatamente foi identificado como um menino de uns onze ou doze anos. Unicamente emitia estridentes e incompreensíveis grunhidos e parecia carecer do sentido de higiene pessoal, fazia suas necessidades onde e quando lhe apetecia. Foi conduzido para a polícia local e, mais tarde, para um orfanato próximo. Ele foi submetido a um minucioso exame médico no qual não se encontrou nenhuma anormalidade importante. Quando foi colocado diante de um espelho parece que viu sua imagem sem reconhecer-se a si mesmo. Em uma ocasião tratou de alcançar através do espelho uma batata que havia visto refletida nele (de fato, a batata era segurada por alguém atrás de sua cabeça). Depois de várias tentativas, e sem voltar a cabeça, colheu a batata por cima de seu ombro. Um sacerdote que observava o menino diariamente descreveu esse incidente da seguinte forma: "Todos estes pequenos detalhes, e muitos outros que poderia aludir, demonstram que este menino não carece totalmente de inteligência, nem de capacidade de reflexão e raciocínio. Contudo, nos vemos obrigados a reconhecer que, em todos os aspectos que não tem a ver com as necessidades naturais ou a satisfação dos apetites, se percebe nele um comportamento puramente animal".

Posteriormente, o menino foi enviado para Paris, onde ocorreram tentativas sistemáticas de transformá-lo *de besta em humano*. O esforço resultou só parcialmente satisfatório. Aprendeu a utilizar o quarto de banho, aceitou usar roupa e aprendeu a vestir-se sozinho. No entanto, não lhe interessavam nem as brincadeiras nem os jogos e nunca foi capaz de articular mais que um reduzido número de palavras. Até onde sabemos pelas detalhadas descrições de seu comportamento e suas reações, a questão não era a de que fosse retardado mental. Parece que ou não desejava dominar

totalmente a fala humana ou que era incapaz de fazê-lo. Com o tempo fez escassos progressos e morreu em 1828, quando tinha por volta de quarenta anos. (Luci B. Leite e Izabel Galvão (org.). A Educação de um Selvagem. São Paulo: Cortez, 2000).

No limite, os casos descritos demonstram o vínculo inseparável entre o homem e a sociedade. Isto significa dizer que o ser humano precisa e depende da sociedade e esta só existe em razão dos indivíduos. É desta relação, aliás, que surgem as regras e normas que nos humanizam e nos tornam seres sociais. Em outras palavras, podemos dizer que indivíduo e sociedade constituem duas faces da mesma moeda, nos mesmos atos e relações, tornamo-nos pessoas e fazemos a sociedade.



## REFLEXÃO

Nesse sentido, o objetivo principal de todo e qualquer processo de socialização está na interiorização da cultura da sociedade em que nasce e cresce o indivíduo humano. Dito de outro modo: é pela socialização que o mundo social – com seus diversos significados, hábitos de vida, regras, normas e valores morais, por exemplo – é interiorizado pelo indivíduo e passa a fazer parte de sua experiência subjetiva. Os conteúdos e as formas de socialização não são os mesmos para todas as sociedades, uma vez que cada organização social tem uma cultura própria e uma maneira de transmiti-la igualmente específica.

Por fim, é pela socialização que nos tornamos membros de uma determinada sociedade e assimilamos sua cultura. É este processo, portanto, que propicia a construção da nossa identidade sociocultural, como também nos permite aprender os padrões culturais de outras sociedades, conforme veremos no próximo capítulo.



## RESUMO

Em síntese:

- Aprendemos que existem formas distintas de conhecimento e explicação da realidade, dentre estas situamos o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico.
- O conhecimento de senso comum é um tipo de conhecimento espontâneo, pois seu aprendizado é passado de geração a geração ao longo dos tempos. Ele se organiza a partir da necessidade do homem de enfrentar os desafios cotidianos. Esse foi um dos primeiros tipos de conhecimento produzidos pelo homem com a finalidade de compreender a natureza e transformá-la em benefício próprio.
- O conhecimento científico se distingue de outras formas de saber porque suas formulações são sistemáticas, baseadas em fatos verificáveis e controláveis através de experiências, chegando, por isso, a conclusões gerais e objetivas.



## CURIOSIDADE

### O menino selvagem

Para análise de situações em que indivíduos são submetidos ao total isolamento, sugerimos *L'enfant sauvage* (O Menino Selvagem) (1970) de François Truffaut. É um filme francês, do gênero drama, baseado em livro de Jean Itard (1774-1838), um médico psiquiátrico francês.

Ele se constitui a partir do estabelecimento de métodos rigorosos de investigação e de um recorte específico de um objeto de estudo.

- Compreendemos ainda que as Ciências Sociais são constituídas por disciplinas distintas: a Antropologia, a Ciência Política e Sociologia.
- Verificamos que, se nas Ciências Naturais os fenômenos podem ser percebidos, divididos, classificados e explicados objetivamente dentro de condições de relativo controle e em condições de laboratório, nas Ciências Sociais os eventos estudados têm determinações complicadas e podem ocorrer em ambientes diferenciados, pois o laboratório é a sociedade, tendo por causa disso, a possibilidade de mudar seu significado de acordo com o ator ou com as relações existentes em um dado momento.
- Problemizamos ainda a aplicabilidade das Ciências Sociais no nosso cotidiano; para isso utilizamos o conceito de imaginação sociológica. Tal conceito remete ao processo através do qual o indivíduo consegue estabelecer conexões entre sua experiência pessoal e a sociedade em que vive. Isto significa dizer que os indivíduos só podem compreender sua existência social percebendo-se parte de um contexto histórico-cultural determinado. Assim, é possível perceber que nossas ações influenciam e são influenciadas pela dinâmica da sociedade, o que permite enxergar além da estrita esfera dos problemas individuais para os problemas sociais. A construção de imaginação sociológica implica, pois, uma mudança de perspectiva, no estabelecimento de relações entre as diferentes instâncias daquilo que constitui o individual e o social.
- Vimos a diferença entre problemas sociais e problemas sociológicos. O problema social designa comumente algo que atinge um grupo, ou uma categoria de indivíduos, o problema social das drogas, por exemplo. Já os problemas sociológicos são o objeto de estudo da Sociologia enquanto ciência, a qual se debruça sobre esses para compreender suas características gerais.
- Finalmente, aprendemos que a socialização é um processo através do qual os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social. Eles começam na infância e prosseguem ao longo da vida. A socialização é um processo de aprendizagem que se apoia, em parte, no ensino explícito e em parte, na aprendizagem latente – ou seja, na absorção espontânea de formas consideradas evidentes de relacionamento com os outros. Embora estejamos todos expostos a influências socializantes, os indivíduos variam consideravelmente em sua abertura deliberada ou involuntária a elas.



## ATIVIDADE

### Questão 1 (UEL 2012, com adaptações)

Leia o texto a seguir:

“Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas. Além disso, os componentes não sociais das experiências da criança estão entremeados e são modificados por outros componentes, ou seja, pela experiência social.” (BERGER, Peter L. e BERGER, Brigitte. “Socialização: como ser um membro da sociedade”. In FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 200).

A partir da análise do texto podemos concluir que:

**I** - os indivíduos, desde o nascimento, são influenciados pelos valores e pelos costumes que caracterizam sua sociedade.

**II** - a relação que a criança estabelece com o seu corpo não deveria ser do interesse das ciências sociais, mas apenas da biologia.

**III** - o fenômeno tratado pelo autor corresponde ao conceito de socialização, que designa o aprendizado, pelos indivíduos, das regras e dos valores sociais.

**IV** - as experiências individuais, até mesmo aquelas que parecem mais relacionadas às nossas necessidades físicas, contêm exclusivamente dimensões biológicas.

**V** - o desconforto físico que uma criança sente, como a fome, o frio e a dor, pode receber dos adultos distintas respostas de satisfação, dependendo da sociedade na qual eles estão inseridos.

Indique a única alternativa que contém as premissas corretas:

- a) Apenas I, II e III estão corretas
- b) Apenas I, II e IV estão corretas
- c) Apenas II e III estão corretas
- d) Apenas I, III e V estão corretas
- e) Apenas III, IV e V estão corretas

**Questão 2** (Concurso - SEPLAG – Secretaria Municipal de Planejamento e Tecnologia e Gestão)

Ciente de que nossa visão é repleta de pre-noções e juízos de valor, a construção de um olhar sociológico principia com o estranhamento, ao se observar a realidade. Tal procedimento confronta o conhecimento do senso comum e possibilita a construção do conhecimento científico.

Essa reflexão propõe:

- a) buscar as suas próprias experiências para a explicação do conhecimento científico.
  - b) estudar a realidade observada, segundo o critério teórico-metodológico.
  - c) tomar decisões fundamentadas no conhecimento do cotidiano.
  - d) fazer diferentes leituras do fato social, tomando por base o senso comum.
  - e) considerar verdadeiras as explicações biológicas para o comportamento humano em sociedade.
-



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de. & PIRES, Maria Helena. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2000.

CAMARGO, José Carlos Godoy. *O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia*. Rio Claro (SP): UNESP, Dez. 2004.

*Ciências Sociais*. In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-01-24]. Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia>. Acesso em 18/01/2014.

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência de Sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. 13ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEMO, P. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LEITE, Luci B. e GALVÃO, Izabel (org.). *A Educação de um Selvagem*, São Paulo: Cortez, 2000.

NOVA, Sebastião Vila. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Atlas, 1981.

RIBEIRO, Paulo Silvino. *Problema social e problema sociológico*. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/problema-social-problema-sociologico.htm> Acesso: em 16/02/2014.



## IMAGENS DO CAPÍTULO

**P. 13 O Pensador**

*Auguste Rodin · Wikimedia . DP*

**P. 13 Ape Skeletons**

*Autor desconhecido · Wikimedia . DP*

**P. 13 Ancient of Days**

*William Blake · Wikimedia . DP*

**P. 13 Rodin**

*Autor desconhecido · Wikimedia . DP*

**P. 14 Filosofando**

*Divulgação · Editora Moderna*

**P. 16 O nome da Rosa**

*Divulgação · Warner Brothers*

**P. 17 Galileu**

*Autor desconhecido · Wikimedia . DP*

**P. 17 Isaac Newton**

*Autor desconhecido · Wikimedia . DP*

**P. 19 Anatomia do coração**

*Tvanbr · Wikimedia . DP*

**P. 19 Corazon**

*Ilhh · Wikimedia . CC*

**P. 22 Wright Mills**

*Brooke Studio · [www.cwrightmills.org](http://www.cwrightmills.org)*

**P. 23 Sebastião Vila Nova**

*Divulgação · [www.onordeste.com](http://www.onordeste.com)*

**P. 24 A guerra do fogo**

*Divulgação · 20h Century Fox*

**P. 24 Heavenly Bundle pouch**

*DynamOtv · Wikimedia . DP*

**P. 25 Lupa Capitolina**

*Jastrow · Wikimedia . DP*

**P. 26 Mowgli**

*J. Lockwood Kipling · Wikimedia . DP*

# 2

## Os usos e abusos da cultura

EDIR FIGUEIREDO DE OLIVEIRA  
TEIXEIRA DE MELLO



## CURIOSIDADE

## Nelson Mandela



Nelson Mandela (1918 - 2013) foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado o mais importante líder da África Negra, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1993.



## AUTOR

## Edward Tylor



Edward Burnett Tylor (1832 -1917) foi um antropólogo britânico, considerado o pai do conceito moderno de cultura. Tylor vê a cultura humana como única, ao defender que os diferentes povos sofreriam convergência de suas práticas culturais ao longo de seu desenvolvimento, ideia que não é consenso hoje em dia. Sua obra principal é *Primitive Culture* (1871).



## AUTOR

## Kluckhohn

Clyde Kluckhohn (1905 - 1960) foi um antropólogo americano e teórico social, mais conhecido por seu trabalho etnográfico de longo prazo entre os índios Navajo e suas contribuições para o desenvolvimento da teoria da cultura dentro da antropologia norte-americana.

## O conceito antropológico de cultura

Recentemente, as redes de televisão e outros meios de comunicação veicularam uma cena, para muitos, inusitada. Tão logo foram informados da morte de seu grande líder, ***Nelson Mandela***, multidões de sul-africanos saíram às ruas dançando e entoando alegremente cânticos típicos.

Tal atitude causou certa estranheza àqueles acostumados com demonstrações de tristeza, quando não de desespero, sempre que um grande ídolo, seja um líder político ou um artista ou esportista consagrado, vem a falecer.



## REFLEXÃO

Por que ocorrem diferentes manifestações dos indivíduos e grupos em situações semelhantes?

Não é porque diferentes sociedades humanas tenham diferentes instintos. Ou que por uma fatalidade foram destinados a serem assim. Mas por que foram assim criadas, ou seja, foram condicionadas pelo que habitualmente designamos cultura.

A compreensão do conceito de cultura é uma preocupação intensa em diversas áreas do conhecimento; no entanto, a Antropologia é, por excelência, a área de debate sobre esta questão. O primeiro antropólogo a sistematizar o conceito de cultura foi ***Edward Tylor*** que, em seu livro *Primitive Culture* (1871), formulou a seguinte definição:

*“cultura é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.”*

Outra definição importante é aquela que compreende a cultura como:

*“a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode a cultura ser considerada como aquela parte do ambiente que o próprio homem criou” (KLUCKHOHN, 1945).*

Lembramos que nos referimos à cultura em geral e também a culturas específicas tais como: a brasileira, a russa, a popular, a erudita, a negra, a indígena e outras. Por ser tão amplo seu uso, o conceito de cultura permite que “se use e abuse” dele. Contudo, uma ideia geral de cultura para a qual convergem todos os estudiosos do comportamento humano,

é que não podemos explicar os atos culturais de um povo exclusivamente em função de sua característica biológica.

Mas antes de continuarmos, vamos especificar mais ainda, do ponto de vista antropológico, o conceito de cultura. Evidenciaremos os equívocos correntes, especialmente quando definimos cultura baseando-nos nas determinações biológicas e geográficas.

## ? CURIOSIDADE

### Para saber mais

Em Paris, no ano de 1950, após os genocídios cometidos na Alemanha e na Itália fascistas, especialistas de diversas áreas das ciências se reuniram sob a coordenação da Unesco e criaram uma declaração que critica a ideia de que a genética determina o comportamento: “No estado atual de nossos conhecimentos, não foi ainda provada a validade da tese segundo a qual os grupos humanos diferem uns dos outros pelos traços psicologicamente inatos, quer se trate da inteligência ou do temperamento. As pesquisas científicas revelam que o nível das aptidões mentais é quase o mesmo em todos os grupos étnicos.” (*Laraia*; 1986:18)

A antropóloga americana **Margareth Mead** (1901-1978) contribuiu de maneira fundamental para o debate sobre essa questão na década de 30 do século passado. Seu livro *Sexo e Temperamento* (1969) é uma das mais conhecidas obras antropológicas. Nele estão os resultados de sua pesquisa na Nova Guiné sobre o que então se chamava de papéis sexuais, e que hoje em dia chamamos de construção social do gênero.

Da comparação entre três culturas (Arapesh, Mundugumor e Tchambuli) que compartilhavam de uma organização social semelhante, a autora destaca que em duas delas (Arapesh e Mundugumor) a cultura não estabelece um padrão sentimental distinto para homens e mulheres.

Existe, de fato, um tipo de personalidade ou temperamento socialmente aprovado para todos os integrantes da sociedade. Assim, segundo os nossos



critérios de avaliação, a cultura Arapesh poderia ser caracterizada como maternal, tendo na docilidade o traço valorado. Já entre os Mundugumor o comportamento agressivo era incentivado para homens e mulheres.

O caso analisado pela antropóloga diz respeito à questão de como determinadas culturas podem não enfatizar uma relação entre sexo e personalidade. Já em outras, o sistema cultural em torno da diferença sexual pode eleger o que chamamos de afetividade como um campo privilegiado de diferenciação entre os gêneros.

## AUTOR

### Laraia



Roque de Barros Laraia é antropólogo e professor emérito da Universidade de Brasília. Com grande experiência em questões indígenas, chegou a ocupar o cargo de presidente da Funai interinamente durante um mês. É também membro do corpo editorial de diversas revistas acadêmicas.

## AUTOR

### Margareth Mead



Margaret Mead (Filadélfia, 16 de dezembro de 1901 — Nova York, 15 de novembro de 1978)

foi uma antropóloga norte-americana. Margaret Mead começou a interessar-se desde muito cedo pelas questões relacionadas com o Homem. Em 1923, termina a sua licenciatura em Antropologia no Barnard College (Nova York) e inicia uma pós-graduação na Universidade de Columbia. Dois anos mais tarde, realiza, durante nove meses, um trabalho de campo em Samoa (uma pequena ilha do sudoeste central do oceano Pacífico), ao longo do qual estuda as influências biológicas e culturais no comportamento dos adolescentes. Em 1928, publica o seu primeiro livro — *Coming of age in Samoa* —, que rapidamente se torna em um enorme sucesso, e, um ano depois, obtém o seu doutoramento. Nos anos seguintes, volta a publicar relevantes estudos antropológicos — *Growing up in New Guinea* (1930), *Sex and Temperament* (1935) — nos quais defende o papel determinante da cultura na formação de valores e condutas sociais.



## CONCEITO

### Desvendando as palavras

**Infanticídio:** Grosso modo se aplica ao assassinato de crianças.



## COMENTÁRIO

Muita gente ainda acredita que os alemães têm mais habilidade para a mecânica, que os judeus são avarentos, que os portugueses são trabalhadores, porém pouco inteligentes, que os ciganos são nômades por instinto e que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros. Essa forma de pensar tem sido, ao longo dos anos, rejeitada pelos antropólogos que acreditam que nem as diferenças genéticas nem as ambientais são determinantes nas diferenças culturais.



## AUTOR

### Keesing

Em sua obra, o autor Felix Keesing faz suas apreciações e análises acerca da Antropologia Cultural, suas filiações e origens, e examina os problemas da cultura e do povo, a herança cultural e biológica, o crescimento da cultura, a cultura no espaço, e as teorias relacionadas com a cultura, a sociedade e personalidade.

Outra dimensão da vida social em que se expressam essas visões de masculino e feminino é a dimensão sexual do trabalho. O exemplo de diversas sociedades ajuda a esclarecer que, embora certas ideias vigentes em determinados lugares sociais relacionem certos trabalhos com um dos sexos, em outra sociedade a coisa se passa de modo muito distinto.

Margareth Mead mostra ainda que não existem, por exemplo, os chamados *instintos*. Estes são, de fato, resultados de nossa educação, de toda uma aprendizagem social. A autora afirma que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio da mamadeira.

A ideia de “instinto materno”, “instinto sexual” encobre os padrões culturais que os motivam e apenas os evidenciam como resultantes de comportamentos biologicamente determinados. Se estes fossem geneticamente determinados, todas as sociedades agiriam da mesma forma diante das mesmas situações.



## REFLEXÃO

Então, como falarmos em instinto materno, quando sabemos que o *infanticídio* feminino é bastante comum na China e em várias outras sociedades? Como explicar o fato de mulheres deixarem seus bebês recém-nascidos em caixas de papelão na porta das casas de estranhos para serem acolhidos por alguém que se apiede deles? Como falar em instinto filial, quando entre os esquimós os filhos conduzem seus velhos pais para as planícies mais altas para serem devorados pelos ursos?

## A crítica ao determinismo geográfico

O determinismo geográfico, teoria desenvolvida por geógrafos do século XIX e início do XX, afirmava que as diferenças do ambiente condicionam a diversidade cultural. Essa ideia ganhou ampla popularidade e se disseminou entre o senso comum. Contudo, ainda no final do século XIX, esta teoria foi criticada por muitos antropólogos e perdeu força, sobretudo, porque:

*“a afirmação de que a cultura está sujeita aos limites do habitat significa, portanto, mais especificadamente, que o comportamento de um povo deve processar-se dentro dos limites do mundo externo, como é definido e percebido pela experiência adquirida por esse povo até aquele momento. Podemos acrescentar aqui a proposição de que, quanto mais adequada é a tecnologia de um povo, mais ele pode manipular o habitat para criar um ambiente secundário artificial que o liberte das pressões e dos controles diretos do habitat”. (KEESING, 1972:187)*

Isto significa dizer que o ambiente exerce a sua influência mais direta sobre a cultura material ou tecnológica, mas não nos aspectos imateriais da cultura, tais como valores, costumes, crenças etc.



## EXEMPLO

Por exemplo, os materiais que entram na composição de ferramentas são tecnologicamente aperfeiçoados para interagirem com o meio ambiente. Entretanto, as combinações de materiais e técnicas são produtos de escolhas culturais. Em um clima de excessiva chuva, muitos tipos, formas e tamanhos e técnicas de disposição de telhados conservarão secas pessoas e mercadorias.

Vários estudiosos demonstraram as limitações da influência geográfica sobre os fatores culturais.

A título de exemplo temos os habitantes do polo norte: os lapões (norte da Europa) e os esquimós (norte da América). Ainda que habitem o mesmo ambiente, com um constante e rigoroso inverno, mesma flora e fauna disponíveis para utilização, ambos não possuem as mesmas respostas culturais na luta pela sobrevivência em um meio ambiente hostil. Enquanto os primeiros vivem em tendas de pele de renas, sendo excelentes criadores de tais animais, os segundos constroem iglus com blocos de neve e se limitam à caça desses mamíferos.

### Esquimós



Uma família de esquimós, em foto para a Revista National Geographic, 1917.

### Samis ou Lapões



Samis ou lapões. Revista National Geographic, 1917.

O homem é resultado do meio cultural e herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento adquirido pelos seus ancestrais. Não basta a natureza criar pessoas inteligentes, se estas não obtiverem educação para desenvolverem suas aptidões. O que seria de **Santos Dumont** se passasse a vida inteira em Palmira e não tivesse se transferido para Paris em 1892? Poderia ter inventado muita coisa, mas talvez o mundo não pudesse vivenciar a sua genialidade se o mesmo não tivesse acesso ao conhecimento acumulado no ambiente europeu. O mundo conheceria Pelé, se o menino talentoso não tivesse a oportunidade de desenvolver sua aptidão nos pequenos campos de Três Corações e, posteriormente, tivesse sido levado para o Santos, onde foi revelado para o mundo e tornou-se o Rei do Futebol?



## CURIOSIDADE

### Santos Dumont



Santos Dumont também foi o primeiro a decolar a bordo de um avião impulsionado por um motor a gasolina.

Apesar de os brasileiros considerarem Santos Dumont como o responsável pelo primeiro voo num avião, na maior parte do mundo o crédito à invenção do avião é dado aos irmãos Wright.



## CURIOSIDADE

### Sociologia vai ao cinema



**Babel (2007)**, de Alejandro González Iñárritu.

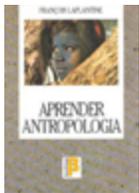
Sinopse: um ônibus repleto de turistas atravessa uma região mon-

tanhosa do Marrocos. Entre os viajantes estão Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett), um casal de americanos. Ali perto os meninos Ahmed (Said Tarchani) e Youssef (Boubker At El Caid) manejam um rifle que seu pai lhes deu para proteger a pequena criação de cabras da família. Um tiro atinge o ônibus, ferindo Susan. A partir daí o filme mostra como este fato afeta a vida de pessoas em vários pontos diferentes do mundo: nos Estados Unidos, onde Richard e Susan deixaram seus filhos aos cuidados da babá mexicana; no Japão, onde um homem (Kôji Yakusho) tenta superar a morte trágica de sua mulher e ajudar a filha surda (Rinko Kinkuchi) a aceitar a perda; no México, para onde a babá (Adriana Barraza) acaba levando as crianças; e ali mesmo, no Marrocos, onde a polícia passa a procurar suspeitos de um ato terrorista.



## AUTOR

### Laplantine



Aprender Antropologia é o nome do livro escrito pelo antropólogo francês, François Laplantine, e publicado

no Brasil em 2003, pela Editora Brasiliense, que aborda a área de conhecimento sobre os homens de acordo com a história e suas perspectivas atuais.



## REFLEXÃO

É importante salientar que é a capacidade de comunicação que nos garante a melhor possibilidade para compartilharmos, acumularmos informações e as transmitirmos às demais gerações. A comunicação é um processo cultural e a linguagem humana é, de fato, um produto cultural. Não existiria cultura se não houvesse a possibilidade de o homem desenvolver um sistema de comunicação.

No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela, como os textos teatrais, não pode prever completamente como iremos nos sentir em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós o desempenharam (DA MATTA, 1993).

Vista assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas de uma vez por todas, por meio de um roteiro geográfico ou de uma raça, como diziam os estudiosos do passado, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua história.

### O conceito de cultura pode ser pensado a partir de diferentes pontos:

- O homem atua de acordo com seus padrões culturais;
- A cultura é um modo de adaptação aos diferentes ambientes. Para se adaptar aos diversos ambientes ecológicos, o homem não modifica seu aparato biológico, mas sim constrói diferentes respostas culturais;
- Mesmo contando com uma estrutura física mais frágil que a de outros animais, o homem superou limites do meio ambiente e estendeu sua influência por toda a Terra;
- A cultura é um processo cumulativo que resulta da experiência adquirida das gerações anteriores.

Logo, o conceito de cultura ou a cultura como conceito permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente, diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores.

Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos. (LAPLANTINE, 1996).

Vimos, até o momento, que o modo de perceber o mundo, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural. Podemos, agora, estudar de que maneira os antropólogos observam os fenômenos culturais, que método de investigação utilizam em suas análises.

## O método antropológico

O método dos antropólogos é o trabalho de campo, através do qual se produz a análise e a descrição do grupo estudado, isto é, a **etnografia**. De acordo com este método, o pesquisador vai até o local (o campo de estudo) e investiga os costumes culturais, as regras, as relações que deseja apreender. O antropólogo converte-se, assim, no principal instrumento de coleta de dados. Neste sentido, o trabalho de campo pode ser considerado como uma situação metodológica de encontro intercultural.

Para o antropólogo, o trabalho de campo é uma espécie de iniciação, de rito de passagem (momentos anteriores que precedem a mudança de situação na ordem social), ou seja, de transição de um status social para um novo.

Veremos rapidamente quais foram os primórdios do trabalho de campo, como este se torna a própria definição do trabalho do antropólogo, e a importância da metodologia comparativa na disciplina.

O trabalho de campo é uma característica da antropologia moderna. Até os fins do século XIX, parte dos cientistas eram os chamados *etnólogos de gabinete*, que escreviam sobre as socieda-

des não ocidentais, não europeias, sem nunca ter estado nelas. Para isso, utilizavam os relatos de cronistas, missionários e viajantes que tiveram contato direto com estas sociedades.

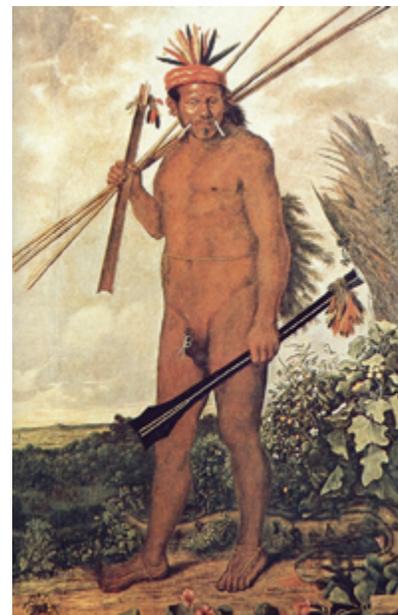
Em geral, esses antropólogos eram diretores ou especialistas ligados aos grandes museus etnográficos que, pela quantidade de documentação cultural dos vários povos que guardavam, tornavam-se o espaço ideal para se praticar a Antropologia na época. Esses homens de ciência procuravam levar para os museus especialistas de várias áreas (Direito, Medicina, Geografia, Botânica, Zoologia, Psiquiatria etc.), para que, financiados por aquelas instituições, fizessem expedições científicas entre os povos não europeus com o intuito de recolher material para os museus e dados para suas pesquisas de gabinete. A esse respeito, versa uma anedota de que, certa vez, um desses famosos antropólogos de gabinete, quando perguntado se já havia visto um nativo, um dos quais possivelmente tenha descrito em sua obra, respondeu: *Deus me livre!*

Esta postura metodológica foi posteriormente muito criticada, uma vez que produzia distorções analíticas acerca das sociedades investigadas. Uma delas, por exemplo, referia-se à comparação feita entre os



### IMAGEM

Tapuia



### IMAGEM



De William Blake, *Europe Supported By Africa and America*, 1796



## CONCEITO

### Conceituando

**Etnocentrismo:** é um conceito antropológico que define o que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor, seja por causa de sua condição social, pelos diferentes hábitos ou manias, ou até mesmo por uma diferente forma de se vestir. Essa avaliação é, por definição, preconceituosa, feita a partir de um ponto de vista específico. Basicamente, encontramos em tal posicionamento um grupo étnico considerar-se como superior a outro. Do ponto de vista intelectual, etnocentrismo é a dificuldade de pensar a diferença, de ver o mundo com os olhos dos outros.

**Etnografia:** é um método clássico que visa realizar a descrição dos significados pertencentes a um determinado grupo. Todo grupo social atribui significados às suas experiências de vida. A etnografia atua enfatizando a exploração da natureza e de um fenômeno social particular; realiza entrevistas em profundidade; inicia observação; analisa o discurso dos informantes; investiga os detalhes de um fato; lança perspectiva microscópica; e por fim interpreta os significados e práticas sociais.

A etnografia investiga a realidade de um grupo e o saber gerado a partir do ponto de vista do outro. Essa ferramenta antropológica praticamente inaugurou as aplicações dos métodos na antropologia.

grupos europeus e não europeus, tomando como parâmetro apenas o ponto de vista do pesquisador e não o do sujeito pesquisado. Tal prática foi severamente contestada, pois privilegiava uma visão *etnocêntrica* acerca das culturas estudadas, ou seja, a do especialista, homem branco europeu que, imerso em valores e costumes próprios, tendia a acreditar que seus hábitos eram melhores do que aqueles observados.

Somente no século XX emergem as bases metodológicas que fundamentam a ciência antropológica contemporaneamente: o trabalho de campo. Abandonando a divisão de tarefas na coleta e análise de dados culturais, os antropólogos modernos fizeram a fusão entre o viajante e o teórico em um só indivíduo: são eles próprios que vão observar os grupos culturais onde vivem e que analisam e sistematizam os dados colhidos, através da escrita etnográfica.

O trabalho de campo é uma metodologia, criada por antropólogos, que tem como base a integração no grupo humano estudado e, como objetivo, a compreensão de seus temas culturais. Neste contexto, a observação participante emerge como a técnica de investigação fundamental, mas também como atitude a adotar.



## REFLEXÃO

A antropologia não é uma ciência do exótico, praticada por acadêmicos fechados em uma torre de marfim: o antropólogo convive e compartilha o tempo com as pessoas, interagindo com as mesmas, tendo como objetivo traduzir a sua experiência.

Faz parte da técnica de observação participante não o distanciamento geográfico, mas um distanciamento cultural, através do qual o observador procura não interferir sobre a realidade observada e, principalmente, não deixar que ela interfira emotivamente sobre si e a sua capacidade de estranhamento em relação ao objeto. Dessa perspectiva, estranhar significa a capacidade do observador de olhar para os eventos culturais de um determinado grupo como algo completamente diferente de tudo que já tenha observado anteriormente, tanto na sua cultura, como em outra qualquer.

**(...) estranhar significa a capacidade do observador de olhar para os eventos culturais de um determinado grupo como algo completamente diferente de tudo que já tenha observado anteriormente, tanto na sua cultura, como em outra qualquer.**

Por essa lógica, o antropólogo tem acesso à realidade cultural de um grupo através das interpretações que seus nativos produzem sobre ela. A partir desse método, os grupos sociocul-

turais passam a ser estudados em si e para si. O etnocentrismo científico é abandonado e criticado através do estabelecimento das bases do que se designou relativismo cultural na Antropologia: toda cultura deve ser estudada em seus próprios termos, e não mais a partir dos parâmetros culturais e valorativos daquele que a estuda.

Um dos primeiros cientistas a adotar a observação participante na análise cultural foi **Bronislaw Malinowski** (1884-1942), antropólogo polonês radicado na Inglaterra. Foi ele que, a partir do trabalho de campo nas ilhas Trobriand, na Melanésia, praticou o que viria a se tornar a técnica de pesquisa tradicional na ciência antropológica, ou seja, a observação participante. Segundo ele, o pesquisador, ao escolher um local, um povo ou um determinado grupo para o seu trabalho de observação, participa ativamente do cotidiano desse grupo, aprendendo a sua língua, sua economia, seus estilos de vida, seus rituais, enfim, sua forma de viver.

É também na passagem do século XIX para o século XX, que ocorreram avanços no trabalho de campo, através das teorias de Franz Boas (1858 — 1942) e de outros pesquisadores. Estes mostraram que se o pesquisador fosse a campo observar diretamente as populações estudadas, poderia coletar material mais significativo para pensar sua própria sociedade.

Este fato cria novos problemas e dilemas para a pesquisa, tornando-a mais rica. Um dos problemas é a constante renovação das experiências a cada nova geração. Outra questão é a possibilidade de repensar a teoria e os conceitos da disciplina a partir da experiência concreta vivida junto ao grupo estudado.

Toda prática de campo põe o antropólogo em contato com o próprio repensar a antropologia, abrindo novos olhares para a construção de novas interpretações e, conseqüentemente, de novos conceitos.

A partir da sistematização do trabalho de campo, torna-se praticamente improvável a redução de uma sociedade a traços isolados, totalmente descontextualizados, inscritos como em um catálogo de costumes humanos arrumados de acordo com uma linha histórica irreversível.

O trabalho de campo também possibilitou a busca de novos dados sem as intermediações de outros povos e culturas. Sem o olhar impregnado da cultura ocidental dos viajantes, dos etnólogos, dos cronistas, dos filósofos, o pesquisador entra em contato direto com a outra sociedade.

Enquanto processo de socialização, o trabalho de campo nos obriga a nos deslocarmos do nosso meio sociocultural, contatarmos as pessoas, nos integrando e aprendendo a sua cultura através do estranhamento e a revisão de nossos preconceitos, para logo depois retornarmos e redesenharmos um espelho da nossa cultura. Mostra que



## AUTOR

### Bronislaw Malinowski



Considerado um dos fundadores da Antropologia Social. Sem dúvida, a principal contribuição de Malinowski à Antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915 – 16, 1917 – 18). Por ter passado muito tempo etnografando, Malinowski coletou um material que permitiu a inovação técnica do trabalho de campo; e sua inteligência colaborou na compreensão da língua nativa e correlação de fatos.



## AUTOR

### Franz Boas

Franz Uri Boas (1858 -1942) foi um dos



pioneiros da Antropologia moderna. Diferente dos evolucionistas que dominavam a Antropologia

em seu princípio, Boas foi pioneiro nas ideias de igualdade racial que resultaram nos estudos de Antropologia Cultural da atualidade. Como orientador de antropólogos notáveis como Margaret Mead, Melville Herkovits, Ruth Benedict, Boas ficou conhecido posteriormente como Pai da Antropologia Contemporânea. Influenciou profundamente o escritor brasileiro Gilberto Freyre, autor de obras marcantes sobre a formação social brasileira.

se devem considerar duas ordens de transformações do antropólogo no decorrer do trabalho de campo:

### TRANSFORMAR O EXÓTICO NO FAMILIAR

A primeira ordem de mudanças corresponde ao movimento da própria disciplina ao abandonar os procedimentos dos *etnólogos de gabinete* e buscar compreender as regras sociais existentes ao estudar o outro no seu contexto de origem.

### TRANSFORMAR O FAMILIAR NO EXÓTICO

A segunda corresponde ao movimento de olhar para dentro de nossa própria sociedade e *estranhar* as nossas regras sociais, verificando os mecanismos de cristalização e legitimação das esferas de poder que tomam por naturais certas atitudes.



## EXEMPLO

Como exemplo: se tomo ônibus todos os dias, posso até ter alguma familiaridade com o sistema de transporte de minha cidade, mas isso não significa que conheça sua política interna, como o sistema funciona, quais os horários e bairros que atende, qual a população total que o utiliza. Por fazer parte do meu cotidiano, do meu sistema de classificação, tenho a enganosa ilusão de dominar os problemas do transporte da cidade; mas quando vou investigar como funciona, percebo que há aspectos, regras e questões que só ganham sentido quando investigamos determinado universo.

Ambos os movimentos estão relacionados entre si. Na realidade, poderiam ser dois lados de uma mesma viagem: ida ao encontro da outra sociedade e o retorno para a nossa sociedade, buscando questionar o que antes tomávamos como algo natural, já conhecido.

Tanto um movimento quanto o outro mostram como a concepção de distância é uma construção social. Isto é, que o próprio trabalho de campo se constitui no momento único, em que o antropólogo refaz a imagem que tem de sua própria sociedade ao dela se afastar e ao se aproximar daquilo que lhe é tão diferente, mas que lhe serve de espelho: o outro.

Outra perspectiva nova que se abre com o trabalho de campo é a própria relação entre Antropologia e História. A ênfase na análise sincrônica, ou seja, eventos dos quais somos testemunhas e agentes participantes, será adotada na própria observação participante. Esta compreende os fatos atuais nos seus contextos presentes. Este aspecto expõe a perspectiva histórica como uma perspectiva limitada ao trabalho com sociedades sem escrita, sem monumentos, sendo muitas vezes o pesquisador que cria o registro e a história do futuro desta comunidade.

**(...) o próprio trabalho de campo se constitui no momento único, em que o antropólogo refaz a imagem que tem de sua própria sociedade ao dela se afastar e ao se aproximar daquilo que lhe é tão diferente, mas que lhe serve de espelho: o outro.**



## REFLEXÃO

Lembramos que existem sociedades que não se baseiam em uma ideia de tempo (intervalos na vida social) que seja marcada por uma sucessão de fatos predeterminados. Há povos que operam com tempo cíclico marcado por repetições e por uma noção de memória diferenciada.

Neste sentido, não há mais indicativos de linearidade, de progresso da história e de desenvolvimento histórico pré-determinado. Não há mais o pressuposto de um tempo histórico que conduzirá as culturas em uma ordem de evolução pré-determinada. Não existirão mais culturas mais atrasadas ou mais civilizadas que outras. Não existirá uma classificação que hierarquize as culturas em uma ordem de menor ou maior progresso tecnológico.

---

Como vimos, o trabalho de campo é um método, isto é, um conjunto de princípios que orientam a seleção do objeto de estudo, a formação dos conceitos apropriados e as hipóteses. Todo método é um caminho para chegar a uma questão e efetivamente a sua resposta. A metodologia é um conjunto de procedimentos e regras para produzir conhecimento e está interligada com o enquadramento teórico global. Portanto, é algo mais que uma *técnica* ou um conjunto delas.

Já fomos apresentados ao conceito de cultura e aprendemos como os antropólogos realizam o trabalho etnográfico. A seguir, veremos como nosso olhar em relação a fenômenos culturais distintos dos nossos podem revelar diferentes posturas: a etnocêntrica e a relativista.

## Etnocentrismo e relativismo cultural

Certamente todos já vivenciamos, mesmo que circunstancialmente, situações de evidente menosprezo diante de algum valor, gosto ou estilo de vida por nós adotados.



## EXEMPLO

Quando revelamos, por exemplo, nossa predileção por uma culinária pouco habitual, não raro percebermos expressões críticas, da mesma forma que o fato de tomarmos banho frequentemente causa espanto aos franceses. Isso acontece porque o fato de vermos o mundo através das lentes de nossa cultura tem como consequência a propensão em considerarmos o nosso modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência foi denominada, conforme vimos, de etnocentrismo e é responsável em casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais (LARAIA, 2001).

---

Neste sentido, o choque gerado diante da presença de outra cultura é simplesmente porque a diferença é ameaçadora e nos atinge naquilo que é mais sagrado para nós: nossos valores culturais.



## CURIOSIDADE

### Sociologia vai ao cinema



**Uma Noite Sobre a Terra** (1991), de Jim Jarmusch.

Sinopse: cinco histórias são contadas, todas ocorrendo em países diferentes, em uma mesma noite, envolvendo motoristas de táxi e seus passageiros e conversas bastante inusitadas.



## COMENTÁRIO

### Técnica

As técnicas de investigação são os procedimentos operativos e os instrumentos para produzir dados (questionários, histórias de vida, entrevistas etc.). Esses dados servem para: compreender e captar as relações entre os fenômenos e a intencionalidade das ações sem permanecer na parte exterior (somente na descrição de fenômenos).

## COMENTÁRIO

### Etnocentrismo

Há, aliás, muitas sociedades que se nomeiam por adjetivos que já demonstram o grau de etnocentrismo que possuem: perfeitos, excelentes, eleitos, humanos, cristãos. Nomes que representam serem os possuidores do espaço do saber, da civilização por excelência. E associam os outros grupos humanos ao espaço da natureza: macacos da terra, ovos de piolhos, canibais, não humanos, mansos, traiçoeiros, selvagens, bugres, bárbaros etc.

## IMAGEM

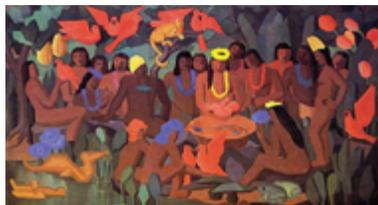


Uma das mais antigas representações dos indígenas brasileiros feita por ocidentais, posta no Atlas Miller de 1519.

Desse ponto de vista, é possível dizer que toda sociedade é etnocêntrica, isto é, acredita que ela própria é o centro do mundo e olha para os outros grupos humanos somente a partir de seus próprios valores.

Assim, podemos definir **etnocentrismo** como a atitude que consiste em expulsar da cultura para a natureza todos aqueles que não participam da faixa de humanidade à qual pertencemos e com a qual nos identificamos.

## EXEMPLO



Quando penduramos um colar indígena para enfeitar a parede de nossa casa, não estamos traduzindo em nossos termos culturais os significados dos objetos feitos na cultura do outro? Os mesmos adornos não terão outro sentido na cultura de origem?

Temos um exemplo muito claro. Em muitos países da América do Sul ou Central causaria certo mal-estar falarmos que os povos indígenas foram descobertos ou mesmo comemorar esta descoberta, mas em nosso cotidiano escolar falar em descobrimento do Brasil é bastante natural. Esse ato natural encobre e tão bem camufla que os povos indígenas jamais foram percebidos como atores da história e sim parte da paisagem que coube aos portugueses dominar.

## REFLEXÃO



De que modo, então, percebemos a visão etnocêntrica vivida em nosso cotidiano?

Muitos livros mostram os índios como preguiçosos e indolentes, incapazes de trabalhar nos engenhos de açúcar. Mas será que era preguiça trabalhar em uma economia que não é a sua? Um engenho que não é o seu?

Outra imagem veiculada é a de que os índios andavam nus. Tal imagem expressa a visão dominante de uma sociedade em que a veste reina de modo absoluto e não permite ver sociedades que possuem outras concepções de técnicas corporais.

Vale ressaltar que podemos perceber a postura etnocêntrica não apenas quando nos referimos a grupos sociais distantes temporalmente ou espacialmente de nós. Em nosso cotidiano, muitas vezes, passamos por situações que resultam em um choque cultural. Isto porque:

“De um lado conhecemos o nosso grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, casa igual, mora no mesmo estilo, distribui o poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí então, de repente, nos deparamos com um outro, o grupo do diferente que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este outro também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe. Decorre, então, do etnocentrismo procedimentos preconceituosos e intolerantes, que não reconhecem o outro dentro dos limites que sua cultura estabelece.” (LARAIA, 2001)

Por essa razão, naturalizamos determinadas condutas e padrões e os classificamos como normais, aceitáveis, esperados. E outros como anormais, repulsivos, perigosos. Assim, tendemos a considerar os brancos superiores aos negros, os homens às mulheres, os heterossexuais aos gays, os ocidentais aos orientais, e assim por diante.



## REFLEXÃO

**Como podemos, então, combater essa tendência ao etnocentrismo, própria de toda sociedade?**

Adotando a prática do relativismo cultural. Como observa Roberto da Matta (1993), esta é a postura, privilegiada pela Antropologia contemporânea, de buscar compreender a lógica da vida do outro. Antes de cogitar se aceitamos ou não esta outra forma de ver o mundo, a Antropologia nos convida a compreendê-la, e verificar que ao seu jeito outra vida é vivida, segundo outros modelos de pensamento e de costumes.

Por isso, faz-se necessário o exercício da alteridade, ou seja, a postura de apreender a visão do outro na plenitude de seu significado. Alteridade pressupõe a valorização da diversidade cultural, da diferença. Dessa forma, não hierarquizamos formas e estilos de vida, mas reconhecemos que é justamente na variedade de formas de viver que reside a riqueza da vida humana.



Operários, 1933. Tarsila do Amaral.

No próximo tópico, vamos entender como a diversidade cultural é marca irrefutável da humanidade, sendo objeto de construção de imagens de nós mesmos, seja pelo senso comum, seja pelos pensadores que produziram diferenciadas interpretações da sociedade brasileira.

## CONCEITO

### Diversidade cultural

Diversidade Cultural: Por diversidade cultural compreendem-se as diferenças culturais que existem entre os seres humanos. Há vários tipos, tais como: a linguagem, danças, vestuários e outras tradições como a organização da sociedade. O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente.

## CONCEITO

### Globalização

Define-se pela *intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa.* (GIDDENS, 2010)

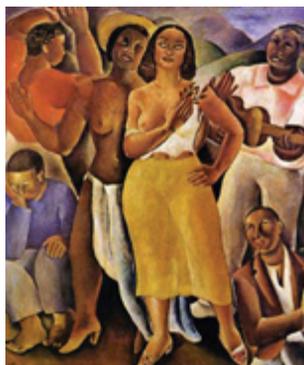
## Diversidade cultural

Como vimos no início do capítulo, entre todas as sociedades humanas conhecidas coexistem diversos hábitos, costumes, línguas, crenças, saberes etc. A essa multiplicidade de formas de ver, sentir e se inserir no mundo damos o nome de ***diversidade cultural***.

No mundo contemporâneo, a diversidade cultural assumiu grande relevância para a compreensão dos fenômenos sociais devido ao processo de ***globalização*** ocorrido a partir da década de 80 do século passado, quando a influência dos países ocidentais mais ricos, em especial os Estados Unidos, passou a se dar em escala mundial.

Contudo, não houve uma padronização total da cultura ao redor do mundo. Como resposta, houve o que se conheceu como movimentos antiglobalização, que visam contestar não apenas o domínio econômico

norte-americano, mas também sua dominação cultural.



Culturalmente, com o vertiginoso avanço da tecnologia, da mídia, da informática e com a diluição de fronteiras geográficas, tem-se acelerado o intercâmbio cultural. O mundo assume, definitivamente, as feições e as marcas da multiculturalidade, da diversidade cultural, fazendo-nos crer que estamos *condenados* a pensar a

unidade humana na base de sua diversidade cultural e nos desafiando a desenvolver a capacidade de conviver com as diferenças.

É nesse contexto que se impõe o multiculturalismo, baseado na convivência de culturas diversas em uma mesma sociedade, buscando não hierarquizar as diferentes culturas coexistentes, reconhecendo a diferença como algo positivo.

## COMENTÁRIO

O multiculturalismo é o reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um. Daí então surge a confusão: se o discurso é pela igualdade de direitos, falar em diferenças parece uma contradição. Mas não é bem assim. A igualdade de que se fala é igualdade perante a lei, é igualdade relativa aos direitos e deveres. As diferenças às quais o multiculturalismo se refere são diferenças de valores, de costumes etc., posto que se trata de indivíduos de etnias diferentes entre si.

Neste sentido, nas sociedades contemporâneas, nas quais a diferenciação dos indivíduos faz com que se identifiquem enquanto seres humanos e enquanto membros de determinado contexto social, o conflito de culturas é inevitável. Assim, se o processo de globalização cada vez mais aproxima grupos de culturas diferentes, a diversidade

cultural passa a ser alvo de intensos debates. Aliás, isto se constitui em um grande desafio frente à realidade onde se pretende o igual, mas, ao mesmo tempo, exige-se o diferente.

Nessa perspectiva, levar em conta a pluralidade cultural no âmbito da educação implica pensar formas de reconhecer, valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas cotidianas. Significa, ainda, refletir sobre mecanismos discriminatórios que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, bem como buscando homogeneizá-las em uma perspectiva monocultural.

A despeito dos desafios impostos pelo mundo globalizado, é preciso que reconheçamos a necessidade do convívio em uma sociedade cuja realidade é multicultural. Para tanto, devemos, mais do que respeitar, valorizar as diferenças próprias de cada indivíduo.



## CURIOSIDADE

### Sociologia vai ao cinema

**Crash - No Limite** (2004), de Paul Haggis.

Sinopse: Jean Cabot (Sandra Bullock) é a rica e mimada esposa de um promotor, em uma cidade ao sul da Califórnia. Ela tem seu carro de luxo roubado por dois assaltantes negros. O roubo culmina em um acidente que acaba por aproximar habitantes de diversas origens étnicas e classes sociais de Los Angeles: um veterano policial racista, um detetive negro e seu irmão traficante de drogas, um bem-sucedido diretor de cinema e sua esposa, e um imigrante iraniano e sua filha.



## RESUMO

### Em síntese

- A Antropologia ocupa-se das diversas formas de cultura que o homem desenvolveu ao longo do seu desenvolvimento biológico. Os vetores essenciais de abordagem são o desenvolvimento da cultura, os povos e a organização social. Desenvolve-se em quatro partes essenciais: a Arqueologia, a Etnologia, a Antropologia Social e a Linguística.
- O trabalho de campo é, para muitos autores, a essência da Antropologia. Caracteriza-se pelo estudo dos povos ou grupos étnicos, utilizando dados e resultados dos demais ramos da Antropologia Cultural. Tem como objeto a observação e compreensão da globalidade cultural de um povo, procurando-se analisar a atuação e comportamentos de cada indivíduo. Os grupos são assim descritos, coletiva e individualmente, em relação aos seus costumes, hábitos sociais, cultura material e instituições.
- Desde a antiguidade, tem-se tentado explicar as diferenças de comportamento entre os homens a partir das diversidades genéticas ou geográficas.
- As características biológicas não são determinantes das diferenças culturais: por exemplo, se uma criança brasileira for criada na França, ela crescerá como uma francesa, aprendendo a língua, os hábitos, crenças e valores dos franceses.
- Podemos citar, ainda, o fato de que muitas atividades que são atribuídas às mulheres em uma cultura são responsabilidade dos homens em outra.
- O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo chamado endoculturação ou socialização. Pessoas de raças ou sexos diferentes têm comportamentos diferentes não em função de transmissão genética ou do ambiente em que vivem, mas por terem recebido uma educação diferenciada.
- Assim, podemos concluir que é a cultura que determina a diferença de comportamento entre os homens.

- O homem age de acordo com os seus padrões culturais, ele é resultado do meio em que foi socializado. O homem é um ser predominantemente cultural. Graças à cultura, ele superou suas limitações orgânicas. O homem conseguiu sobreviver através dos tempos com um equipamento biológico relativamente simples.
- A cultura é um processo acumulativo. O homem recebe conhecimentos e experiências acumulados ao longo das gerações que o antecederam e, se estas informações forem adequada e criativamente manipuladas, permitirão inovações e invenções. Assim, estas não são o resultado da ação isolada de um gênio, mas o esforço de toda uma comunidade.
- O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural (isso é denominado etnocentrismo), depreciando o comportamento daqueles que agem fora dos padrões de sua comunidade — discriminando o comportamento desviante.
- Comportamentos etnocêntricos resultam em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes, práticas de outros sistemas culturais são vistas como absurdas.



## ATIVIDADE

### Verificando a aprendizagem:



**1. Questão discursiva (adaptada do Vestibular 2012 – UNESP)**

O artista holandês Albert Eckhout (c.1610 – c.1666) esteve no Brasil entre 1637 e 1644, na comitiva de Maurício de Nassau. A tela foi pintada nesse período e pode ser considerada exemplar da forma como muitos viajantes europeus representaram os índios que aqui viviam.

Analise a pintura identificando elementos que expressem esse *olhar europeu* sobre o Brasil. Inclua, na sua argumentação, a discussão estabelecida sobre etnocentrismo e relativismo cultural.

**2. (Unioeste 2012)** O relativismo cultural é um princípio segundo o qual não é possível compreender, interpretar ou avaliar de maneira significativa os fenômenos sociais a não ser que sejam considerados em relação ao papel que desempenham no sistema cultural.

Tendo por base o anúncio transcrito acima, é correto afirmar que:

- Relativizar é construir descrições exteriores sobre diferentes modos de vida.
- Relativizar é uma tentativa de construir descrições e interpretações dos fatos culturais a partir do que nos dizem e do que fazem os atores destes fatos culturais.
- Relativizar é uma defesa da homogeneidade cultural.
- É o reconhecimento da unidade biológica da espécie humana. Através dessa unidade biológica podemos explicar as realidades culturais e o comportamento das pessoas.
- O relativismo defende que todas as culturas tendem a se assemelhar com o passar do tempo, e que ao difundir nossos hábitos estamos colaborando com esse processo.

**3. (Interbits 2012 – adaptada)** Leia o trecho da música *Canto para minha morte*, de Raul Seixas.

Qual será a forma da minha morte?

Uma das tantas coisas que eu não escolhi na vida.

Seixas, Raul. Canto para minha morte. *In*: Há 10 mil anos atrás. [LP] Philips, 1976.

Podemos dizer que a morte corresponde a um atributo universal dos seres vivos. Entretanto, há diversas formas de abordá-la. Sobre a forma como a Sociologia e a Antropologia abordam o tema, assinale a alternativa correta.

- a) A morte é a parte essencial da vida. Entretanto, a Sociologia e a Antropologia estão comprometidas em fazer com que a morte violenta deixe de existir.
- b) A Sociologia e a Antropologia consideram que a morte pode ser representada e compreendida de formas muito diversas, dependendo da cultura, da sociedade e da religião dos indivíduos.
- c) Não são as Ciências Sociais, mas a Medicina e a Biologia que devem estar preocupadas com o problema da morte.
- d) A Sociologia e a Antropologia estão preocupadas em fazer uma catalogação dos tipos de morte humana, como o suicídio, o assassinato e o genocídio.
- e) Todas as sociedades possuem medo da morte. É por isso que elas criaram a religião, que é uma forma de controlar esse medo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Franz. *As limitações do método comparativo em Antropologia*. In: BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 17-27.

KEESING, Felix. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KLUCKHOHN, Clyde. *Antropologia: um espelho para o homem*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

KROEBER, Alfred. *O superorgânico*. In: Donald Pearson (org.). Estudos de organização social. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1981.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture, (1871) apud* Roque Laraia. Cultura: um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

---



## IMAGENS DO CAPÍTULO

**R. 32 Mandela no Brasil**

*Agência Brasil · DP*

**R. 32 Edward Taylor**

*Photo. Elliot & Fry · Wikimedia · DP*

**R. 33 Laraia**

*Divulgação · Editora Zahar*

**R. 33 Mead com nativos Arapesh**

*Divulgação · www.arapesh.org*

**R. 33 Margareth Mead**

*Smithsonian Institution · Wikimedia · DP*

**R. 35 Eskimo family**

*George R. King · Wikimedia · DP*

**R. 35 Lapland mother**

*Borg Mesch · Wikimedia · DP*

**R. 35 Santos Dumont**

*Agência Brasil · DP*

**R. 36 Babel**

*Divulgação · Paramount*

**R. 36 Aprender antropologia**

*Divulgação · Editora Brasiliense*

**R. 37 Tapuia**

*Albert Eckhout · Wikimedia · DP*

**R. 37 Europe supported by Africa and America**

*William Blake · Wikimedia · DP*

**R. 39 Bronislaw Malinowski**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**R. 39 Franz Boas**

*Canadian Museum of Civilization · Wikimedia · DP*

**R. 39 The Far Side**

*Gary Larson · The Far Side*

**R. 41 Night on Earth**

*Divulgação · Actionfilm*

**R. 42 Batizado de Macunaíma**

*Tarsila do Amaral · Itaucultural*

**R. 42 Representação de indígenas**

*Autor desconhecido · Gallica*

**R. 42 O caçador de escravos**

*Jean Baptiste Debret · Wikimedia · DP*

**R. 43 Operários**

*Tarsila do Amaral · www.universia.com.br*

**R. 44 Samba**

*Di Cavalcanti · www.dicavalcanti.com.br*

**R. 45 Brasileiros**

*Agência Brasil · DP*

**R. 46 Índia Tarairiu**

*Albert Eckhout · www.unoparead.com.br*

# 3

## Passeando pela História

ANTONIO HENRIQUE GOMES



## CURIOSIDADE

**Liberdade, liberdade**

*Liberdade, Liberdade! Abre As Asas Sobre Nós* foi um samba composto por Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Vicentinho e Jurandir, e interpretado por Domininhos do Estácio, para o carnaval de 1989. Nesse desfile, que teve assinatura do carnavalesco Max Lopes, a Imperatriz Leopoldinense foi a campeã e eternizou este samba que é muitas vezes considerado o melhor da história do carnaval carioca.

## Passeando pela história

Você já teve curiosidade de dar uma olhada em nossa Constituição? Se sua resposta foi não, é bom pensar na ideia. Mas não tem problema, podemos começar pensando juntos sobre ela.



Sessão parlamentar que estabeleceu a Constituição de 1988.

O Artigo 5º diz em seu início que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Esta constituição, como sabemos, entrou em vigor no ano de 1988, um ano antes da comemoração do centenário da proclamação da República no Brasil (1889–1989).

Já em 1989, um ano após a promulgação da Constituição, a Imperatriz Leopoldinense, uma Escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, trazia para a avenida o enredo ***Liberdade, Liberdade***, uma homenagem ao centenário da proclamação da república. Um trecho do samba enredo repetia parte do refrão do hino dedicado à proclamação, que dizia assim: “*Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós e que a voz da igualdade seja sempre a nossa voz*”.



## REFLEXÃO

Mas o que há de comum entre nossa Constituição e este enredo? Se você prestar atenção, nos trechos apresentados, verá que eles repetem alguns conceitos, como

o de liberdade e o de igualdade. Mas de onde vêm estes conceitos? Quando eles adquiriram os significados que possuem hoje?

Observe este trecho: “*Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem ter como fundamento a utilidade comum.*” Uma leitura menos atenta poderia nos levar a crer que se trata do artigo 5º de nossa constituição, descrito no parágrafo anterior.

Mas não, este é o primeiro artigo da **declaração dos direitos do homem e do cidadão**, documento escrito na França revolucionária de fins do século XVIII e início do século XIX, aproximadamente um século antes da composição do hino da república brasileira e cerca de dois séculos antes da promulgação de nossa atual constituição e do enredo da Imperatriz Leopoldinense.

Pois é, um documento redigido na Europa há dois séculos influenciando questões e conceitos tão próximos de nós! Estas ideias ganham força e se tornam concretas em um momento histórico muito complexo e interessante na história da humanidade, o século XIX. É sobre este século e sobre as ideias que nele se construíram que vamos conversar ao longo deste capítulo.

## O Iluminismo



Leitura no salão de Mme. Geoffrin, 1755 (tela de A.Lemonnier)

Para compreender melhor estas ideias, vamos precisar começar um pouco antes, ainda no século XVIII, quando algumas pessoas começaram a pensar a sociedade em que viviam de uma forma diferente. Estes pensadores vão dar início a um movimento que ficou conhecido como Iluminismo.



## REFLEXÃO

Mas que ideias surgiram neste movimento? O que elas contestavam? Qual a relação entre elas e o século que vamos estudar?

Tendo como referência o **racionalismo**, os pensadores iluministas vão criticar duramente o formato de organização dos Estados nacionais europeus, principalmente a França, lugar onde o Iluminismo se manifestou em sua maior plenitude. Este formato criticado, chamado de Antigo Regime, caracterizava-se por um Estado altamente centralizado (Monarquias Abs-



## IMAGEM

Declaração dos direitos do homem e do cidadão



Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, representado pelo artista Jean-Jacques-François Le Barbier (1738–1826) Domínio Público



## CONCEITO

Racionalismo

Corrente filosófica que dá prioridade à razão, como elemento de conhecimento;

## IMAGEM



Frontispício da Encyclopédie (1772), desenhado por Charles-Nicolas Cochin e gravado por Bonaventure-Louis Prévost.

Esta obra está carregada de simbolismo: a figura do centro representa a verdade – rodeada por luz intensa (o símbolo central do iluminismo). Duas outras figuras à direita, a razão e a filosofia, estão a retirar o manto sobre a verdade.

## CONCEITO

### Feudalismo

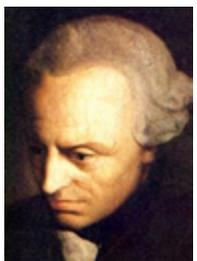
Modo de produção baseado em relações de servidão. Tem suas origens na decadência do Império Romano. Predominou na Europa durante a chamada Idade Média.

### Burguesia

Classe social do regime capitalista, cujos membros são os proprietários do capital, ou seja, comerciantes, industriais, proprietários de terras, de imóveis, os possuidores de riquezas e dos meios de produção.

## AUTOR

### Immanuel Kant



Filósofo nascido no dia 22 de abril de 1724, em Königsberg, Prússia Oriental. É considerado o pai da filosofia crítica.

Dentre suas principais obras merecem destaque, A crítica da razão pura, Crítica

lutas), por um modelo econômico com forte intervenção deste mesmo Estado (Mercantilismo) e por uma grande influência da Igreja Católica.

Na direção oposta deste modelo de Estado-nação, os iluministas vão defender a construção de um Estado onde liberdade e igualdade (principalmente a jurídica) fossem as características mais significativas. Esta mudança de pensamento tem uma explicação: desde a crise final do **Feudalismo**, a burguesia vinha se fortalecendo economicamente e este crescimento, a partir de um dado momento, começou a ser limitado pelo modelo feudalista. Desta forma, a **burguesia** precisava impor mudanças para construir uma nova sociedade, onde seus interesses fossem levados em consideração.

Assim, o que os pensadores iluministas projetavam estavam de acordo com os interesses da burguesia, o que, de certa maneira transformava o iluminismo em um movimento marcadamente burguês, no qual a crítica ao absolutismo, ao mercantilismo e à Igreja levaria a uma profunda transformação do Estado e das relações sociais.

Para esses pensadores, a liberdade era um princípio norteador, aplicado à organização do Estado, da economia e das relações sociais; era o elemento chave para que o indivíduo se libertasse da tutela do Estado.

Nas palavras de **Kant**:

*“O Iluminismo é a saída do homem do estado de tutela, pelo qual ele é o próprio responsável (...). Tenha coragem de usar seu próprio entendimento. Essa é a divisa do Iluminismo(...). Para o Iluminismo, a única condição é a liberdade; e a mais inofensiva entre tudo o que se chama de liberdade, ou seja, a de exercer publicamente a razão sob todos os aspectos.” (O que é Iluminismo, 1784).*

Desta forma, o Iluminismo se apresentava como uma espécie de filosofia que se caracterizava principalmente pelos seguintes pressupostos:

- Razão como instrumento para alcançar qualquer tipo de conhecimento;
- Crença nas leis naturais, como instrumentos que regulam todas as transformações que ocorrem no comportamento humano, nas sociedades e na natureza;
- Defesa da tese de que existem direitos naturais, que todos os indivíduos possuem em relação à vida, à liberdade, à posse de bens materiais;
- Crítica ao absolutismo, ao mercantilismo e aos privilégios de classe;
- Defesa da liberdade política, econômica e de expressão;
- Defesa da igualdade jurídica;
- Crítica à Igreja Católica.

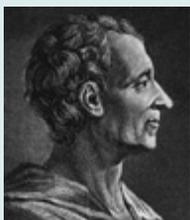
Estes pressupostos foram construídos sob a influência de pensadores como **René Descartes**, **Isaac Newton** e **John Locke**, e determinaram como cada um dos autores iluministas concebia a realidade. Descartes e Newton fazem parte de um conjunto de pensadores/cien-

tistas que ainda no século XVII, inauguraram o primado do racionalismo na chamada Revolução Científica.

Este movimento, que rompeu definitivamente com qualquer herança medieval, buscava na razão as explicações possíveis para os fenômenos naturais, esforçando-se para encontrar as leis, também naturais, que eram responsáveis pela existência de tais eventos.

Esta nova forma de enxergar a relação entre o homem e a natureza, que está em constante movimento, fez com que se compreendesse a sociedade e suas relações também como algo passível de mudanças. Esta nova visão permitiu aos pensadores iluministas construir novos modelos sociais, políticos e econômicos, centrados nas características que acabamos de apresentar.

Vamos então conhecer alguns dos principais escritores do Iluminismo:



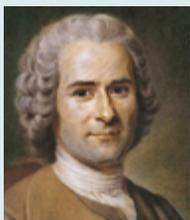
#### Montesquieu (1689 — 1755)

Pensador francês cuja principal obra, *O espírito das leis*, estabelecia a ideia de tripartição do poder, em Legislativo, Executivo e Judiciário, onde cada poder fiscaliza o outro. Este modelo está presente nos Estados democráticos contemporâneos.



#### Voltaire (1694 — 1778)

Pensador francês, autor de *Cartas inglesas*, tinha como característica principal de sua escrita a sátira. Defensor das liberdades individuais, forte crítico da Igreja e do clero, desprezava as camadas populares e a pobreza.



#### Rousseau (1712 — 1778)

Mais popular de todos os iluministas, o também francês Jean Jacques Rousseau era um crítico da propriedade privada, não a considerando natural, e creditando a ela a origem de todas as desigualdades. Suas principais obras são "Da origem da desigualdade entre os homens" (em que criticava a propriedade privada), e o *Contrato Social* (no qual afirmava que o Estado é resultado de um acordo entre diversas pessoas).

Do ponto de vista econômico, o pensamento iluminista deu origem a duas escolas econômicas liberais, ambas orientadas pela lógica da não interferência do Estado na Economia.

da razão prática, Crítica da faculdade de julgar, obras nas quais evidencia o contrassenso de se estabelecer um princípio filosófico que estude a essência dos seres antes que se tenha antecipadamente averiguado o alcance de nossa capacidade de conhecimento.

#### René Descartes



Nasceu em La Haye, cerca de 300 quilômetros de Paris. Por vezes chamado de o fundador da Filosofia

moderna e o pai da Matemática moderna, é considerado um dos pensadores mais influentes da história humana.

#### Isaac Newton



Nasceu em Londres, no ano de 1643, e viveu até o ano de 1727.

Cientista, químico, físico, mecânico e matemático, trabalhou junto com Leibniz na elaboração do cálculo infinitesimal. Durante sua trajetória, ele descobriu várias leis da Física, entre elas, a lei da gravidade.

#### John Locke



Artesão do pensamento político liberal, Locke nasceu em uma aldeia inglesa, filho de um pequeno proprietário de terras. Estudou na escola de Westminster e em Oxford. É considerado

um dos criadores da doutrina filosófica de empirismo e um dos ideólogos do liberalismo.



## AUTOR

### Adam Smith



Filósofo e economista escocês nascido em 1723. Considerado o pai da Economia moderna e mais importante teórico do liberalismo econômico

### Denis Diderot



Filósofo e escritor francês, nascido em Langres, no ano de 1713, e falecido em Paris, no ano de 1784.

### Jean d'Alembert



Matemático e filósofo francês nascido em 1717, na cidade de Paris. Membro da Academia das Ciências de Paris.



## IMAGEM

### Despotismo Esclarecido



Frederico II da Prússia, modelo de despota esclarecido.

## LIBERALISMO CLÁSSICO INGLÊS

O Liberalismo Clássico inglês, motivado pela precoce industrialização inglesa (sobre a qual falaremos mais adiante), defendia que a Economia deveria se organizar de forma natural, sendo regulamentada pela lei da oferta e da procura, tendo no trabalho a origem e fonte de toda riqueza. Seu principal teórico foi o escocês Adam Smith, que em sua obra *A Riqueza das nações* fundamentava sua teoria econômica.

## ESCOLA FISIOCRATA

Na França, a expressão do Liberalismo econômico deu-se na chamada Escola Fisiocrata. Esta escola também defendia a tese de que a produção econômica era regulamentada por leis naturais e não pelo Estado (*laissez-faire, laissez-passer* – deixai fazer, deixai passar). Entretanto, divergia da escola clássica inglesa porque acreditava que a natureza era a origem e fonte de toda a riqueza. Isto se explica pelas características da economia francesa, fundamentada na produção agrícola.

A fim de difundir as ideias e teorias iluministas, alguns pensadores organizaram uma obra literária, cujo objetivo central era reunir toda a produção intelectual iluminista. Esta obra, organizada, dentre outros, por Denis Diderot e Jean D'Alembert, contava com a colaboração de mais de 160 autores, que escreviam sobre diversos assuntos vinculados ao pensamento iluminista.

Outra questão relevante é que, muito embora o Iluminismo tenha sido um movimento fundamentalmente francês, algumas monarquias absolutas europeias se apropriaram de determinadas características deste movimento a fim de modernizar seus Estados e suas Economias, sem, contudo, alterar sua estrutura absolutista.

Estas experiências ficaram conhecidas como Despotismo Esclarecido e ocorreram na Prússia com Frederico II, na Áustria com José II, na Rússia com Catarina II e na Península Ibérica, com o marquês de Pombal em Portugal e com Carlos III na Espanha. O Despotismo Esclarecido vai ocorrer, normalmente, em regiões em que a burguesia ainda não havia se fortalecido.



## COMENTÁRIO

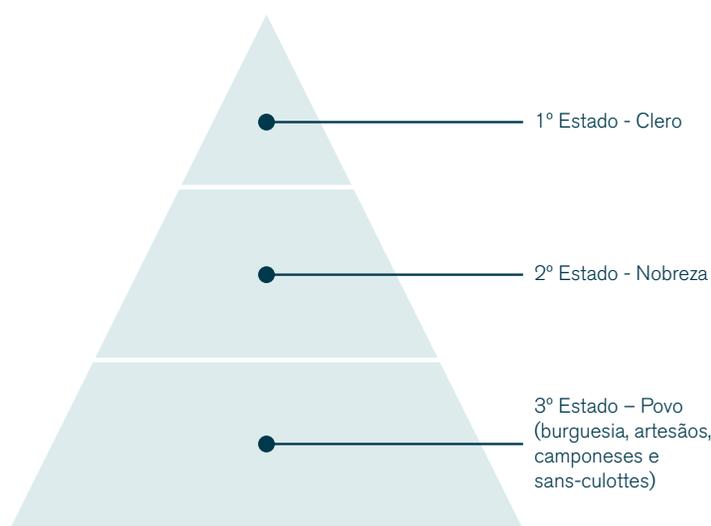
Para finalizar esta nossa conversa inicial, cabe ressaltar que os princípios norteadores do iluminismo – liberdade, igualdade etc. – colocavam-se à disposição dos interesses da burguesia que ia, aos poucos, se tornando protagonista de transformações que mudariam os rumos da sociedade francesa com desdobramentos em toda Europa, e também no restante do mundo.

## A Revolução Francesa

As ideias de liberdade e igualdade vão marcar profundamente a vida dos franceses. Elas vão encontrar no final do século XVIII um cenário de grave crise econômica em toda a França. Esta crise era marcada pela falência do modelo econômico francês, sustentado pela agricultura. Este modelo já não dava conta de suprir as necessidades básicas da sociedade. Desta forma, fome, desemprego, miséria eram parte do cenário de uma França em decadência.

Para piorar ainda mais a situação, o Estado Absolutista francês gastava muito mais do que podia arrecadar. Esta crise econômica associava-se a uma grave crise social, marcada por intenso desemprego e por uma insatisfação generalizada. A burguesia francesa não aceitava mais sustentar com o pagamento de pesados tributos uma nobreza parasitária e um Estado gastador.

O modelo de sociedade francês ainda era o mesmo da época medieval, dividido em estados (ou estamentos) como podemos observar nas figuras que seguem:



Este modelo não representava mais a realidade francesa, uma vez que a burguesia vinha enriquecendo, mas seu enriquecimento esbarrava nos entraves do modelo econômico e social, que a colocava dentro do terceiro estado. Aliás, no terceiro estado estava todo mundo que não fosse clero ou nobre!



## REFLEXÃO

Até agora, podemos observar que a França experimentava uma grave crise econômica e uma grave crise social. Mas os problemas não param por aí. Havia também um enorme descontentamento com o Estado Francês, que se mostrava incapaz de propor soluções para tantos problemas.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Danton (1982)**, de Andrzej Wajda



Sinopse: na primavera de 1794, Danton (Gérard Depardieu) retorna a Paris e constata que o Comitê de Segurança,

sob a incitação de Robespierre (Wojciech Pszoniak), inicia várias execuções em massa. O povo, que já passava fome, agora vive um medo constante, pois qualquer coisa que desagrade ao poder é considerado um ato contrarrevolucionário. Nem mesmo Danton, um dos líderes da Revolução Francesa, deixa de ser acusado. Os mesmos revolucionários que promulgaram a Declaração de Direitos do Homem implantaram agora um regime onde o terror impera. Confiando no apoio popular, Danton entra em choque com Robespierre, seu antigo aliado, que detém o poder. O resultado deste confronto é que Danton acaba sendo levado a julgamento, no qual a liberdade, a igualdade e a fraternidade foram facilmente esquecidas.



## AUTOR

### Eric J. Hobsbawm

Historiador britânico nascido em Alexandria (Egito), no ano de 1917, e falecido em Londres no ano de 2012. Autor de obras importantes como: A era das revoluções, A era do capital, A era dos impérios e A era dos extremos, entre outras.



## IMAGEM

### Luís XVI



Luís XVI, Rei da França e Navarra

É por isso que, como vimos anteriormente, as ideias iluministas tiveram tanta repercussão na França. Esta influência vai levar diversos setores da sociedade francesa, principalmente a burguesia e os mais pobres (também chamados de *sans-culottes*), a iniciar um movimento que vai culminar com o fim do absolutismo monárquico francês e influenciar praticamente o mundo todo, a Revolução Francesa.

Nas palavras de ***Eric J. Hobsbawm***:

*“Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa.” (A era das revoluções)*

### Vejamos como tudo começou...

Em maio de 1789, o rei ***Luís XVI***, pressionado por todo o cenário descrito e ciente de que algo deveria ser feito, convocou a Assembleia dos Estados Gerais. Mas o que era esta assembleia? Era uma espécie de parlamento, lugar onde os representantes da sociedade tomavam decisões que poderiam ou não se transformar em leis.

Você deve estar se perguntando: a França não era uma Monarquia Absoluta? Como era possível ter uma assembleia deste tipo? Pois é, apesar da existência da assembleia, ela só se reunia quando o rei convocava, e havia mais de cem anos que ela não era convocada!

Mas por que ela foi convocada? Porque a crise econômica era tão grave que havia uma pressão para que a nobreza começasse a pagar impostos.

A nobreza não pagava impostos? Não! Somente o Terceiro estado (ou estamento) pagava impostos, o que inviabilizava economicamente o Estado francês.

Nesta convocação da Assembleia dos Estados Gerais a pauta principal era a seguinte: fazer com que o primeiro e o segundo estado pagassem tributos.

Mas quem desejava isto? A Burguesia, apoiada pelos mais pobres, sacrificados com impostos cada vez maiores.



## REFLEXÃO

Você acha que a assembleia aprovou esta medida? Vamos dar algumas pistas.

A assembleia era formada por representantes dos três estados, e o terceiro estado era numericamente maior que o primeiro e o segundo juntos. Então a assembleia aprovou a medida? Não! Você deve estar achando muito esquisito! Havia representantes do terceiro estado que eram contrários à medida? Não.

**Então, por que a medida não foi aprovada?**

Simples de entender: o sistema de votação não era individual, mas sim por estado. Ou

seja, cada estado tinha direito a um voto. Eram três estados; logo, três votos. O problema era que como o primeiro e o segundo estado, clero e nobreza, respectivamente, tinham interesses comuns, sempre votavam igual e derrotavam o terceiro estado.

Nesta votação, então, estes interesses comuns ficavam claros, uma vez que a proposta era justamente a de obrigar ambos (primeiro e segundo estado) a pagar imposto. Sabendo disto, o que o **terceiro estado** propõe? Mudar o sistema de votação para voto individual, o que, aliás, também não foi aprovado.

Diante deste impasse, o terceiro estado liderado pela burguesia decide romper com a assembleia e se declara assembleia constituinte, jurando só se dissolver quando desse à França uma constituição!

Esta decisão do terceiro estado só se tornou possível por conta da adesão das camadas mais pobres (os **sans-culottes**), que em uma jornada histórica, iriam invadir uma prisão política (a Bastilha) que simbolizava o poder do Estado, em um evento que ficou conhecido como Queda da Bastilha. Começava exatamente aí a Revolução Francesa.



*Prise de la Bastille* por Jean-Pierre Houël (1735-1813).

Para facilitar nossa compreensão deste fenômeno, vamos adotar uma periodização muito utilizada por diversos historiadores; ela não é a única, mas é a que melhor nos atende. Nesta periodização dividimos a Revolução francesa em três momentos que são chamados de:

*Era das Instituições (1789 — 1792),*

*Era das Antecipações (1792 — 1794) e*

*Era das consolidações (1794 — 1815).*

Vamos então conhecer brevemente cada uma delas.

## A Era das instituições

Tem início com os eventos já narrados, a convocação da Assembleia dos Estados Gerais e termina com a prisão e condenação do Rei Luís XVI. É um período moderado em que a Burguesia, apoiada pelas camadas populares, conseguiu impor limites à Monarquia Absoluta.



## IMAGEM

### Terceiro Estado



O Terceiro-Estado carregando o Primeiro e o Segundo Estados nas costas.



## IMAGEM

### Sans-culottes



Quadro de um típico *sans-culotte* por Louis-Léopold Boilly.



## CONCEITO

### Sufrágio Universal

Modalidade ou regime eleitoral em que todos os cidadãos têm direito ao voto.

### Voto Censitário

Modalidade ou regime eleitoral em que se estabelece um critério para que o indivíduo seja eleitor (tenha direito ao voto).



## IMAGEM

### Constituição



Constituição francesa de 1791, conservada na Archives nationales da França.



## CONCEITO

### Girondinos

Representantes da alta burguesia e defensores de uma República liberal – onde a propriedade privada fosse garantida –, e do afastamento popular do cenário das decisões políticas.

### Jacobinos

Republicanos radicais, apoiados pelas camadas populares que defendiam mudanças radicais.

É nesse período que é escrita a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, citada no início deste capítulo, que representava as ideias divulgadas no iluminismo. Esta declaração lançava as bases do novo regime e da **Constituição** que entraria em vigor no ano de 1791.

Esta Constituição inaugurava um novo formato de Estado, ainda monárquico, mas limitado por uma constituição, daí chamarmos este modelo de Monarquia Constitucional.

Além disto, o indivíduo deixa de ser súdito e passa a ser cidadão. Mais do que uma mera troca de nomes, a condição de cidadão implicava na garantia de uma série de direitos que este indivíduo passa a ter, e que deveriam ser garantidos pelo Estado. Daí entendermos a Revolução Francesa como uma espécie de desdobramento prático dos pressupostos difundidos pelo Iluminismo.

À medida que os desejos mais populares, como reforma agrária, por exemplo, não eram atendidos, as camadas populares começa-

vam a organizar um movimento, cujo objetivo seria impor medidas mais radicais. Somado a este quadro, o exército francês era derrotado por tropas oriundas de reinos absolutistas (Áustria e Prússia) que não viam com bons olhos a Revolução em curso na França.

Descontentamento popular, ameaça externa, manutenção de uma monarquia que conspirava contra a Revolução, formavam, então, um pano de fundo para que os setores mais populares, apoiados por políticos republicanos radicais, tomassem o poder da Burguesia, prendessem o Rei, condenando-o a morte, e iniciassem uma nova fase da revolução.

**O problema é que a Burguesia, que estava no controle da situação, não concordava com as expectativas mais radicais das camadas populares que a haviam apoiado nas jornadas de 1789.**

### A Era das Antecipações

Esta nova fase caracteriza-se por uma radicalização política e pela criação de medidas populares. O órgão que controlava a nação era a Convenção, eleita por sufrágio Universal, que elaborou a Constituição do Ano I (1793), abolindo a Monarquia e estabelecendo a República.

Nesta convenção disputavam o poder dois grandes grupos: os **Girondinos** e os **Jacobinos**.

O grupo que iria controlar a convenção seria o dos Jacobinos que, por um lado, empreenderam reformas econômicas populares (reforma agrária, tabelamento de preços etc.) e, por outro, executaram uma verdadeira perseguição a todos que fossem contrários a tais medidas, conde-

nando-os à morte por guilhotina, o que conferiu ao período o nome de Grande terror, em função das inúmeras condenações à morte.



Além disso, os Jacobinos conseguiram derrotar as ameaças externas. Entretanto, a radicalização política acabou enfraquecendo o próprio grupo dos Jacobinos, facilitando a retomada do poder pela Alta Burguesia em 1794, em um golpe que ficou conhecido como Nove do Termidor.

## ? CURIOSIDADE



Maximilien Robespierre (1758-1794) foi um advogado e político francês, e uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. Foi um dos raros defensores do sufrágio universal e da igualdade dos direitos, defendendo a abolição da escravidão e as associações populares. Ele defendia que *"a mesma autoridade divina que ordena aos reis serem justos, proíbe aos povos serem escravos"*.

## Era das Consolidações

Esta nova fase, como o próprio nome sugere, foi o período em que se estabilizaram as conquistas da Alta Burguesia, afastou-se definitivamente qualquer possibilidade de restauração monárquica e de participação popular. Uma nova constituição foi promulgada, pondo fim ao sufrágio universal, estabelecendo o voto censitário e criando o Diretório, órgão controlado pela Alta Burguesia, que exercia o poder executivo.



## IMAGEM



Antonin Artaud no papel de Jean-Paul Marat no filme *Napoleon* (1927), de Abel Gance.



## CONCEITO

**Termidor:** nome dado a um dos meses no calendário adotado pelos revolucionários franceses. A escolha do nome dos meses ficou a cargo do poeta Fabre d'Églantine, que se baseou nos ciclos agrícolas e da natureza. Vendimiário (colheita da uva): 22 de setembro a 21 de outubro; Brumário (brumas, os nevoeiros): 22 de outubro a 20 de novembro; Frimário (geadas): 21 de novembro a 20 de dezembro; Nivoso (neve): 21 de dezembro a 19 de janeiro; Pluvioso (chuvas): 20 de janeiro a 18 de fevereiro; Ventoso (ventos): 19 de fevereiro a 20 de março; Germinal (germinação): 21 de março a 19 de abril; Florial (flores): 20 de abril a 19 de maio; Prairial (prados): 20 de maio a 18 de junho; Messidor (colheitas): 19 de junho a 18 de julho; Termidor (calor): 19 de julho a 17 de agosto; Frutidor (fruto): 18 de agosto a 20 de setembro.



## IMAGEM

### Golpe do 18 do Brumário



Napoléon Bonaparte no golpe de Estado de 18 de Brumário, que marcou o fim da revolução.



## CONCEITO

### Antiguidade Clássica

Nome dado às civilizações grega e romana durante o período da chamada História Antiga.

### Vitalício

Condição de ocupação de caráter indefinido, limitado pela morte ou pela desistência do próprio ocupante. Característica típica das monarquias.

Entretanto, este período foi sacudido por novas ameaças externas e por movimentos populares contrários ao modelo burguês, como a Conspiração dos Iguais. Com a crescente ameaça externa e o fantasma de novos movimentos populares, o regime dependia cada vez mais do exército.

Com o retorno de Napoleão Bonaparte, o Diretório vai aproveitar para reorganizar o modelo e entregar o poder ao próprio Napoleão, através do **golpe do 18 do Brumário**, iniciando um novo período da história da França: O Período Napoleônico.

Este período, do ponto de vista da organização política, divide-se em dois: O consulado e o Império. O Consulado, inspirado no homônimo Romano da Antiguidade Clássica, era uma república burguesa cujo poder executivo era exercido por três cônsules.

Na prática, quem controlava o poder era o próprio Napoleão, nomeado primeiro cônsul, cargo que mais tarde se tornaria vitalício. Nesse período, Napoleão reorganizou a França do ponto de vista político, financeiro e social.

Vejamos algumas medidas:

Elaboração do Código Civil, que incorporava definitivamente os princípios liberais burgueses contidos na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão;

Fundou o Banco da França e estabeleceu um novo padrão monetário: o Franco;

Incentivou a Economia, iniciando o processo de industrialização da França;

Investiu em obras públicas de infraestrutura.

Em 1804, Napoleão proclamou-se Imperador, iniciando um processo de centralização política, através de medidas financeiras, políticas e religiosas. No plano interno, para além desta centralização, o período imperial foi marcado pela continuidade dos avanços econômicos.

No plano externo, o período foi marcado pela expansão territorial francesa, através da incorporação simples ou da criação de Estados familiares aliados, nos quais o poder local passava a ser exercido por parentes de Napoleão. Durante este período, a principal rival da França Napoleônica era a Inglaterra.

Incapaz de derrotar militarmente esta nação, Napoleão adotou uma política de restrição econômica (bloqueio continental), que impedia países aliados de comercializar com a Inglaterra.

Esta política se transformou em um enorme fracasso, pois, do ponto de vista econômico, as indústrias francesas eram incapazes de substituir as inglesas e a não adesão de determinados países, como a Rússia,

levou o exército napoleônico a campanhas desastrosas neste país, o que acabou pondo fim ao seu longo período de governo, em 1815.

Após a derrota definitiva de Napoleão, a Europa experimentou um período em que as forças conservadoras, defensoras da restauração do Antigo Regime, entraram em conflito com as transformações econômicas, sociais e políticas espalhadas na Europa pela Revolução Francesa. Neste período, que vai até aproximadamente 1850, vários movimentos revolucionários – nos quais estas duas tendências se confrontaram – varreram a Europa, inclusive a própria França.



*Napoleão abdicando em Fontainebleau*, por Paul Delaroche, 1855, Museu de Finas Artes, Leipzig

Podemos dividir este enfrentamento em dois momentos significativos, os movimentos de 1830 e os de 1848. É verdade que, mesmo nos momentos em que as chamadas forças restauradoras (que defendiam o retorno ao absolutismo) estiveram no poder, as tradicionais monarquias absolutas, típicas dos séculos anteriores, jamais se estabeleceram plenamente.

A grande novidade a ser comentada nas jornadas de 1848 é a entrada em cena do pensamento socialista e dos movimentos populares. Este novo elemento é resposta natural das necessidades em que foram mergulhadas as novas classes trabalhadoras, oriundas de um novo modo de produção que se tornava hegemônico: o Capitalismo.

Com ele, também consolidava-se um modelo de sociedade construído sobre as bases ideológicas da burguesia, as ideias de liberdade e de igualdade, sendo ambas repletas de limites impostos por estes mesmos interesses da classe burguesa, que se constituía proprietária dos meios de produção e da riqueza produzida.

Ao longo desta nossa conversa, vimos um trecho do historiador Hobsbawm, no qual afirmava que a Revolução Francesa fora responsável pela formação política e ideológica do século XIX, mas que do ponto de vista econômico as bases teriam sido construídas pela Revolução Industrial Inglesa. É sobre ela que vamos conversar agora!

## A Revolução Industrial



### REFLEXÃO

Você lembra quantas greves foram deflagradas ao longo do último ano? Por que as greves acontecem? Quem as deflagra? Que organismos estão à frente delas?



### IMAGEM



*A Liberdade Guiando o Povo*, pintura de Eugène Delacroix, erroneamente associada à Revolução de 1789, correspondente aos acontecimentos revolucionários de 1830. Museu do Louvre, Paris.



## IMAGEM



Nem sempre as greves são bem vistas pelo Estado. Muitas delas terminam em violência física entre as partes envolvidas.



## CURIOSIDADE

### Para saber mais

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções*.  
CAVALCANTI, Berenice. *A Revolução francesa e a modernidade*.

*Danton – o processo da revolução*: (filme francês) Direção Andrzej Wajda.

*Napoleão*: (cinebiografia) Direção Sacha Guitry.

Estas respostas são simples, porque as greves fazem parte de nosso cotidiano. Mas vamos respondê-las assim mesmo. Inúmeras greves aconteceram no último ano, como a de professores, bancários, rodoviários e tantos outros trabalhadores que, organizados nos seus sindicatos, fazem greves por motivos que vão desde o salário até condições de trabalho. Então, acabamos de responder a todas as perguntas.

A greve é um direito do trabalhador, que também tem o direito de se organizar em sindicatos.



## REFLEXÃO

Mas por que são necessárias greves? Porque, como já dissemos, nem sempre a situação do trabalhador é justa e digna. Esta situação, muitas vezes injusta e indigna, é própria da história da classe trabalhadora.

Na sociedade capitalista moderna não é diferente, pois, como os meios de produção (equipamentos, matéria prima etc.) estão concentrados nas mãos da burguesia, só resta à classe trabalhadora sua força de trabalho, e nem sempre é dado o valor devido a esta força.

E quando este modelo econômico surgiu? A sociedade industrial capitalista, da qual fazemos parte, nasce no século XVIII, na Inglaterra, em um fenômeno que, como já destacamos, ficou conhecido como Revolução Industrial.

Nas palavras de **Hobsbawm**:

*“A revolução industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos escritos. Durante um breve período ela coincidiu com a história de um único país, a Grã-Bretanha. Assim, toda uma economia mundial foi edificada com base na Grã-Bretanha, ou antes, em torno desse país.” (Da revolução industrial inglesa ao imperialismo, p. 13).*

Por que a Revolução Industrial começou na Inglaterra?



## EXEMPLO

É simples de entender: imagine que você quer começar um negócio, qualquer que seja sua natureza. Você certamente vai precisar de algumas coisas para dar início ao seu negócio, como por exemplo, dinheiro. Sem dinheiro, você dificilmente conseguiria abrir um negócio.

Só que, quando o dinheiro é usado para gerar mais dinheiro (lucro), chamamos de capital (é verdade que nem só dinheiro é capital, máquinas também podem ser capital, ou seja, grosso modo, tudo que for utilizado para gerar mais riqueza, pode ser chamado de capital). Você também vai precisar de mão de obra, pessoas que trabalhem neste negócio, mesmo que esta pessoa seja você. Pois é, sem capital e sem trabalho não se começa nenhum negócio.

A Inglaterra foi a primeira nação que construiu suas indústrias porque conseguiu reunir todas as condições necessárias para esta empreitada. Conseguiu acumular capital, e fez isso de diversas formas. Conseguiu ter mão de obra suficiente, também através de diversos mecanismos.

Modernizou-se politicamente, estabelecendo limites ao Estado e construindo uma Economia liberal (lembra-se da Escola liberal Clássica de Adam Smith?) e investiu pesadamente na pesquisa aplicada à produção, buscando meios cada vez mais eficientes para aumentar a produção e subordinar o trabalhador ao



Representação de um mineiro em Middleton, um subúrbio da cidade de Leeds, em 1814.

equipamento, às máquinas.

O grande diferencial da Revolução Industrial é, então, a introdução das máquinas, ou melhor, é a transferência do saber fazer, do indivíduo para a máquina. Quando o trabalhador perde o controle sobre a produção, ele se subordina à máquina e ao dono dela (no caso a burguesia). Uma vez que este trabalhador passa a depender da máquina e do seu dono, resta a ele vender sua força de trabalho para poder sobreviver.



Coalbrookdale, cidade britânica considerada um dos berços da Revolução Industrial.



## REFLEXÃO

O problema é que o valor pago por este trabalho é sempre menor do que o valor produzido por este trabalhador. É assim que a burguesia explora o trabalhador.

Mas não pense você que este é um fenômeno restrito ao início da industrialização. Hoje, qualquer trabalhador, por mais alto que seja seu salário, recebe menos do que produz. Esta é a alma do sistema capitalista!

**A Revolução Industrial produziu, com isso, diversos efeitos, vamos ver alguns deles:**

- Ela marcou o início da sociedade capitalista;
- Ela estabeleceu que a Burguesia (proprietária do capital) e o Proletariado (força de trabalho) são as novas classes sociais básicas;
- A utilização constante e cada vez maior de máquinas, que garantiram o aumento da produção de bens materiais até então nunca visto;



## IMAGEM



*Power house mechanic working on steam pump* (Lewis Hine, 1920). Trabalhador estadunidense do começo do século XX.



## AUTOR

Alexis de Tocqueville  
(1805-1859)



Foi um pensador político, historiador e escritor francês. Tornou-se célebre por suas análises da Revolução Francesa, cuja pertinência foi destacada por François Furet, da democracia americana e da evolução das democracias ocidentais em geral.

- Ela foi responsável pelo desaparecimento progressivo de artesãos e das corporações de ofício;

- A partir dela a sociedade passou a ser mais urbana. Cidades cresceram e a população no campo diminuiu, uma vez que até mesmo a agricultura foi mecanizada;

- Com o aumento da produção, a busca de mercados externos, fora das fronteiras nacionais, cresceu progressivamente;

- As péssimas condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora (proletariado) fizeram surgir ideologias que defenderam o trabalhador e que foram fundamentais na organização dos mesmos, naquilo que se convencionou chamar de movimento operário.

O movimento operário de que fala este último item construiu mecanismos, por parte da classe trabalhadora, para garantir direitos e regulamentar seu trabalho. Para nós, hoje, descanso semanal, férias, licença médica, aposentadoria, enfim, os chamados direitos trabalhistas, são coisas naturais, mas nem sempre foi assim.

A situação da classe trabalhadora nos primórdios da industrialização era extremamente grave. Jornadas de trabalho que superavam as 12 horas diárias sem nenhum tipo de direito, trabalho infantil etc. É uma ilusão acreditar em um espetáculo de crescimento sem seu lado sombrio.

Ao lado da riqueza e da dinâmica que se instalavam no decurso deste processo de industrialização, assistia-se a um empobrecimento, também sem precedentes na história, daqueles que produziam a riqueza.

Nas palavras de **A. Tocqueville** (acerca da cidade de Manchester):

*“Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Deste esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade, aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem.”* (A. Tocqueville. *Journeys to England and Ireland*)

Sendo assim, a classe operária procurou, desde cedo, se organizar para garantir avanços, tais como:

O ludismo	O cartismo	Os sindicatos
Foi a primeira forma de manifestação da classe trabalhadora na Inglaterra. Trata-se de um movimento de quebra das máquinas, identificadas inicialmente como causa do empobrecimento e das péssimas condições de trabalho.	Teve este nome porque sua ação se pautava na ideia de enviar um documento ao Parlamento Inglês, a fim de que este propusesse uma legislação que protegesse e regulamentasse o trabalho industrial.	Este processo vai culminar com o aparecimento dos sindicatos, organizações que até hoje representam os interesses da classe trabalhadora.

**!** **ATENÇÃO**

É importante ressaltar que a industrialização iniciada na Inglaterra, ao longo do século XVIII, expandiu-se pela Europa no século XIX e, assim como na Inglaterra, produziu impactos sociais, na mesma proporção, levando ao aparecimento de ideologias (como o já citado socialismo) que procuravam conceber a sociedade do ponto de vista dos interesses da classe trabalhadora.

Vamos sucintamente conhecer algumas destas ideologias:

**Socialismo Utópico**

Primeira crítica direta ao sistema capitalista e à exploração da classe trabalhadora. Entendia que a sociedade ideal era aquela em que não houvesse a exploração do homem pelo homem. A denominação utópica refere-se à crença de que a burguesia abriria mão, voluntariamente, de seus privilégios, porque o homem era naturalmente bom, e poderia livrar-se da corrupção estabelecida pelo sistema capitalista.

**Socialismo Científico**

Tinha esta denominação porque entendia que a sociedade ideal seria construída a partir de uma análise científica das realidades históricas e econômicas. Acreditava também que os privilégios da burguesia deveriam ser extintos pela revolução proletária, a partir da qual o controle do Estado e dos meios de produção passaria para a classe trabalhadora.

**Anarquismo**

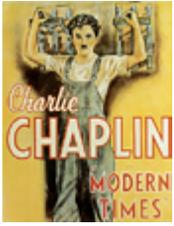
Também contrário à sociedade capitalista, defendia a erradicação de qualquer forma de opressão, inclusive o Estado.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

#### Tempos Modernos (1936)



Sinopse: um operário de uma linha de montagem, que testou uma máquina revolucionária para evitar a hora

de almoço, é levado à loucura pela monotonia frenética do seu trabalho. Após um longo período em um sanatório ele fica curado de sua crise nervosa, mas desempregado. Ele deixa o hospital para começar sua nova vida, mas encontra uma crise generalizada e equivocadamente é preso como um agitador comunista que liderava uma marcha de operários em protesto. Simultaneamente, uma jovem rouba comida para salvar suas irmãs famintas, que ainda são bem garotas. Elas não têm mãe e o pai delas está desempregado, mas o pior ainda está por vir, pois ele é morto em um conflito. A lei vai cuidar das órfãs, mas enquanto as menores são levadas, a jovem consegue escapar.



## CURIOSIDADE

### Thomas Edison



Thomas Alva Edison (1847-1931) foi um inventor, cientista e empresário dos Estados Unidos que desenvolveu muitos dispositivos importantes de grande interesse industrial.

Entretanto, o crescimento econômico em larga escala, a expansão da industrialização para outras regiões e o desenvolvimento científico vão produzir outros efeitos, além das chamadas questões sociais. Parte destes efeitos está ligada à chamada Segunda Revolução Industrial, que alavancou a industrialização a uma velocidade até então jamais concebida. Vamos ver como isto aconteceu.



## CURIOSIDADE

### Para saber mais

BRUIT, Hector. *O Imperialismo*.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*.

HARNECKER, Marta e URIBE, Gabriela. *Imperialismo e dependência*.

*Tempos Modernos*. Direção Charles Chaplin.

*O homem que queria ser rei*. Direção John Huston.

*Shogun*. Direção Eric Bercovici.

## A Segunda Revolução Industrial

Atualmente falamos muito em revolução tecnológica, em velocidade de informação. De fato, a grande característica do século XXI foi o acelerado desenvolvimento de equipamentos e tecnologias, os quais aceleraram o fluxo de informações.

Se olharmos para o tempo presente, acharemos que os acontecimentos da segunda metade do século XIX foram irrelevantes. Mas, esta conclusão seria um equívoco, porque eles produziram transformações significativas na história da humanidade.



## CURIOSIDADE

### Para saber mais

HOBSBAWM, Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao imperialismo*.

DECCA, Edgard. *O nascimento das fábricas*.

IGLESIAS, Francisco. *A Revolução Industrial*

SINGER, Paul. *A formação da classe operária*.

*Oliver Twist*. Direção David Lean.

Mas afinal, o que seria a segunda revolução industrial? Seria um fenômeno semelhante à primeira, mas ocorrido em outro lugar?

Não! A segunda revolução industrial não é uma mera reprodução do primeiro evento. Na realidade, ela foi resultado de novas descobertas científicas aplicadas ao processo industrial. Principalmente duas: as novas matrizes energéticas e os novos materiais.

O sistema produtivo permaneceu inalterado e a exploração da classe trabalhadora também. Entretanto, essas inovações produziram efeitos gigantescos. Até a segunda metade do século XIX, a principal matriz energética que alimentava a produção industrial era o vapor, produzido principalmente pela queima do carvão mineral.

A segunda metade do século XIX assistiu a entrada em cena da energia elétrica e do petróleo. Estas novas matrizes energéticas garantiram uma possibilidade real de aumento da capacidade produtiva das indústrias. Além disso, a fabricação do aço, outra novidade, garantia mecanismos mais duráveis e de mais fácil manuseio.

O resultado final foi um aumento significativo da produção industrial, o que gerou, por um lado, uma gigantesca concentração de capital e, por outro, uma também gigantesca necessidade de garantir novos mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas, dando início a um fenômeno que chamamos de expansão imperialista.

Por se localizarem a distâncias cada vez maiores, esses novos mercados exigiram investimentos em infraestrutura, principalmente no que se refere ao transporte. A expansão imperialista deu-se principalmente na direção da Ásia e da África, onde populações inteiras foram dominadas e subordinadas aos interesses das potências econômicas europeias, como podemos verificar no mapa a seguir.



A necessidade de abastecer e buscar matérias-primas em regiões cada vez mais distantes levaram à invenção e popularização do trem e do navio a vapor. Estes dois modernos meios de transporte revolucionaram o fluxo de mercadorias e capitais, por terem sido capazes de transportar uma quantidade infinitamente maior de carga a distâncias cada vez mais longas, em tempo cada vez mais curto.



Pintura retratando a abertura da estrada de ferro entre as cidades de Liverpool e Manchester em 1830.

Tudo isto colaborava para um crescimento econômico sem precedentes na história da humanidade. É

## ?

 CURIOSIDADE

### George Westinghouse Jr.



George Westinghouse, Jr. (1846-1914) foi um empresário e engenheiro estadunidense. Entre

muitas outras invenções, criou um freio a ar comprimido para locomotivas e foi um dos pioneiros da indústria da eletricidade. O seu nome é especialmente conhecido devido à marca de acessórios e equipamentos elétricos que ostenta o seu nome.

## PERSONAGEM

 AUTOR

### Cecil Rhodes (1853 — 1902)



Empresário inglês atuante na África, defensor das ações imperialistas e do darwinismo social.

*“O mundo está quase todo parcelado, e o que dele resta está sendo dividido, conquistado, colonizado. Eu anexaria os planetas, se pudesse; penso sempre nisso. Entristece-me vê-los tão claramente, e ao mesmo tempo tão distantes.”*



## AUTOR

### Charles Darwin



Na obra “A Origem das Espécies”, Darwin (1809 - 1882) rompia com a tradição religiosa,

que entendia a criação do universo como obra divina, e lançava a teoria evolutiva, a qual explicava a constituição de todos os seres vivos a partir de um longo processo de evolução e de seleção natural.



## AUTOR

### Victor Hugo



Nascido em Besançon, 26 de fevereiro de 1802 e falecido em Paris, 22 de maio de 1885,

foi um romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país. É autor de *Les Misérables* e de *Notre-Dame de Paris*, entre diversas outras obras.

verdade que este crescimento se deu à custa do sofrimento, da exploração e do extermínio de culturas inteiras nas áreas exploradas. A utilização da ciência, em favor do crescimento econômico, ia aos poucos construindo uma euforia e uma crença de que a ciência seria capaz de dar todas as respostas e de solucionar todos os problemas. Lado a lado a essa euforia, cresciam as teses e os mitos de superioridade racial, para explicar a exploração cada vez maior de populações inteiras.

Desde a Revolução científica que novos métodos de pesquisa vinham se aperfeiçoando e permitindo muitas descobertas. A valorização da razão, crescente desde o século XV/XVI, permitia romper com pressupostos que se sustentavam por uma lógica místico/religiosa.

Dentro deste contexto de desenvolvimento científico, em 1859 foi publicada a obra “A origem das espécies” de Charles Darwin.

Como você já percebeu, esta teoria revolucionária surgiu no mesmo período no qual o crescimento econômico ganhava uma velocidade sem precedentes e era alimentado pela exploração cada vez maior de populações inteiras.

Neste contexto, a teoria darwinista passou a ser utilizada para explicar as distinções sociais, produzidas pelo próprio homem, como fenômeno natural. Desta forma, a ciência ajudava a afirmar que a primazia da Europa sobre outros povos explicava-se pelo fato de que sua civilização estava no topo da cadeia evolutiva. Este mecanismo de explicação nós chamamos de darwinismo social.

Assim, a invasão, a ocupação e a exploração de populações inteiras, na África e na Ásia, eram vistas como ações humanistas civilizatórias. Ou seja, o que europeus (ingleses, alemães, franceses, belgas etc.) estavam realizando era uma espécie de missão civilizatória. Levando desenvolvimento e civilidade a espaços dominados pelo atraso e pela barbárie.

Nas palavras de Victor Hugo:

“O mediterrâneo é um lago de civilização: não é à toa que o mediterrâneo tem, de um lado, o velho universo e, de outro, o universo ignorado. Isto é, de um lado toda a civilização e, do outro, toda a barbárie. Chegou a hora de dizer ao ilustre grupo de nações: Uni-vos, ide para o sul. Lá está, diante de vós. Este bloco de areia e de cinzas (...) que há mil anos é um obstáculo para a marcha universal. Deus oferece a África à Europa. Tomai-a (...) Ide agi! Fazendo estradas, portos, cidades: cresci, cultivai, colonizai, multiplicai!” (Discurso pronunciado em um Banquete – 1879. In: História em curso. FGV.)

## Sobre o percurso traçado

Pelo que podemos observar, a segunda metade do século XIX foi marcada por uma intensa contradição: de um lado o enriquecimento da classe burguesa e das potências capitalistas europeias e de outro as crescentes dificuldades da classe trabalhadora e a exploração de nações, principalmente na África e na Ásia.

O desenvolvimento das forças produtivas em uma escala sem precedentes, o enriquecimento da maioria das nações europeias e o profundo desenvolvimento científico levaram à construção de um clima de intensa euforia.

Acreditava-se que a humanidade (europeia) tinha atingido seu pleno desenvolvimento, sendo capaz de exportar para todos os cantos do mundo seu modelo de civilização.

A burguesia transformava-se em uma classe social extremamente rica e, quanto mais investia em desenvolvimento tecnológico aplicado à produção, mais enriquecia.

As grandes indústrias concentravam capital em uma velocidade jamais vista; controlavam tudo: desde a obtenção da matéria-prima até a comercialização do produto final. Formavam-se **trustes**, **cartéis**, **holdings**, modalidades diferentes de concentração de capital.

**Acreditava-se que a humanidade (europeia) tinha atingido seu pleno desenvolvimento, sendo capaz de exportar para todos os cantos do mundo seu modelo de civilização.**



## REFLEXÃO

Inaugurava-se a fase do capitalismo monopolista financeiro, na qual as grandes indústrias garantiram à burguesia um controle político na mesma proporção, o que lhes permitiu influenciar políticas governamentais que favoreciam seus interesses econômicos.



## CONCEITO

**Truste:** Concentração de capital do tipo vertical em que empresas que operam as diversas fases do processo produtivo (desde a matéria-prima até o produto final), fundem-se em uma única empresa.

**Cartel (ou pool):** Concentração de capital do tipo horizontal, onde empresas que operam em uma mesma fase do processo produtivo formatam acordos para praticarem preços semelhantes, dividirem mercado, impedindo a livre concorrência.

**Holding:** É uma forma de sociedade criada com o objetivo de administrar um grupo de empresas (conglomerado). A holding administra e possui a maioria das ações ou cotas das empresas componentes de um determinado grupo. Essa forma de socie-



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Os miseráveis (2012)**, de Tom Hooper



Sinopse: adaptação de musical da Broadway, que por sua vez foi inspirado em clássica obra do escritor

Victor Hugo. A história se passa em plena Revolução Francesa do século XIX. Jean Valjean (Hugh Jackman) rouba um pão para alimentar a irmã mais nova e acaba sendo preso por isso. Solto tempos depois, ele tenta recomeçar sua vida e se redimir, ao mesmo tempo em que tenta fugir da perseguição do inspetor Javert (Russell Crowe).

dade é muito utilizada por médias e grandes empresas e normalmente visa melhorar a estrutura de capital, ou é usada como parte de uma parceria com outras empresas ou mercado de trabalho.

Como já dissemos, tudo isso colaborava para a construção de um clima de euforia sem precedentes. Muito embora este seja um fenômeno típico da segunda metade do século XIX, ele se estendeu até as primeiras décadas do século XX.

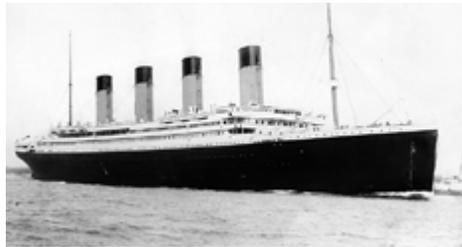
Desta forma, assim como precisamos começar nossa investigação acerca do século XIX ainda no final do século XVIII, também precisaremos avançar nas duas primeiras décadas do século XX, para compreender melhor as contradições deste século.

Esta euforia de que estamos falando se manifestava de diversas maneiras. As grandes metrópoles se urbanizavam e se modernizavam. Paris sofreu uma grande reforma na segunda metade do século XIX, modernizou-se através do aço e do vidro.

As construções se verticalizavam, as ruas se alargavam, o progresso se materializava nessas reformas. Não só Paris, mas os grandes centros urbanos passavam por reformas que buscavam apresentar o desenvolvimento e o progresso da nação. A ideia de progresso tomou conta do indivíduo, nas suas ações e no seu entendimento.

## ★ EXEMPLO

Há uma excelente metáfora para este evento. Em março de 1909, os estaleiros da Harland and Wolff iniciavam a construção do maior e mais perfeito transatlântico que a humanidade já conheceria, o Titanic. Sua construção terminaria em março de 1912, ano de sua viagem inaugural. Mas por que estamos falando do Titanic?



*O Titanic deixando Southampton, 10 de abril de 1912*

A maioria de nós já deve ter assistido ao filme que leva o mesmo nome, dirigido por James Cameron e estrelado por Leonardo di Caprio e Kate Winslet. Mas estamos falando do Titanic porque ele encerra em si a lógica do período: a crença na capacidade criativa ilimitada da ciência humana.

Tudo neste navio evidenciava esta euforia: seu comprimento total beirava os 270 metros. Sua largura era de aproximadamente 30 metros e seu peso em torno de 47000 toneladas. Muito luxuoso e muito tecnológico, o Titanic foi projetado para não afundar. Aí está a chave para a compreensão da euforia. Acreditava-se que o progresso da ciência havia chegado a um nível tal que seria capaz de produzir criações perfeitas, como um navio incapaz de afundar.

Pois bem, o desfecho desta história nós já sabemos: o navio afundou completamente em sua viagem inaugural, após chocar-se com um iceberg. Das 2223 pessoas a bordo, 1517 morreram. Dentre os mortos, 75,5% eram passageiros da terceira classe.

O acidente do Titanic representou o fracasso de uma sociedade que acreditou em uma suposta perfeição. Era a antecipação de um fracasso generalizado, marcado pela eclosão da primeira guerra mundial, em 1914, originada nas disputas imperialistas na Ásia e na África, características do capitalismo do final do século XIX. O mesmo movimento que levou ao crescimento levou à falência.

Mas voltemos a um dado significativo do acidente do Titanic. 710 dos 1517 mortos eram da terceira classe, local onde viajavam os mais pobres. Este dado revela uma característica singular do período, muitas vezes obscurecida pela euforia do progresso, da ciência e da riqueza.

Ao lado do crescimento econômico, da modernização dos grandes centros urbanos, funcionava um universo paralelo de pobreza e miséria. E não estamos falando da periferia das áreas dominadas do continente africano ou da Índia.

Estamos falando de Londres ou Paris. Estamos falando dos bairros operários e de uma classe trabalhadora completamente separada desse universo de riqueza e progresso. Estamos falando da multidão apressada pelas ruas do centro de Paris ou de Londres.

**Multidão sem rosto, pobre, indo automática cumprir seu papel diante de uma modernidade que lhe impõe o duro papel de construí-la.**

“A multidão, sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX, foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante. Milhares de pessoas deslocando-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades compõem um espetáculo que, na época, incitou ao fascínio e ao terror”.

([Maria Stella Brescianni](#). Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza)

Essa multidão está à margem de todos os avanços, muito embora participe de sua construção. Essa multidão está representada na tragédia do Titanic pelos mortos da classe C. Ela, já nos eufóricos anos do final do século XIX, prenunciava a profunda melancolia que se instalaria nas primeiras décadas do século XX, principalmente após a Primeira Grande Guerra.

## COMENTÁRIO

Se o acidente do Titanic nos revela o trágico fim de uma falsa expectativa construída sobre a ideia de grandeza própria dos avanços do século XIX, a multidão já assinalava que essa euforia não era verdadeira, que os benefícios do progresso não chegavam para todos, que a sociedade em suas entranhas era corroída por contradições, pelo empobrecimento da classe trabalhadora e pelas gigantescas dificuldades enfrentadas no dia a dia por esta multidão.

Se nas rodas mais abastadas da sociedade europeia falava-se do futuro, falava-se de grandeza, nas ruas a multidão caminhava em outra direção, e eis que na aurora do novo século (XX) a euforia dava lugar à melancolia; a riqueza e o progresso davam lugar ao indescritível espetáculo da pobreza.



## CURIOSIDADE

Luis Buñuel



O cineasta espanhol Luis Buñuel (1900-1983) descreveu a mentalidade tortuosa e a hipocrisia autodestrutiva da burguesia.



## AUTOR

Maria Stella Brescianni

Historiadora formada pela Universidade de São Paulo (USP), Doutora em História Social pela mesma instituição e Pós-Doutorado pelo Centre National de la Recherche Scientifique (1995, 2003) e pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (2003). Fundadora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da UNICAMP.



## CURIOSIDADE

Para saber mais

BRESCIANNI, Maria S. *Londres e Paris no século XIX: um espetáculo da pobreza*.  
BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*.  
ARENDRT, Hannah. *A condição humana*.  
BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*, v. III, Charles Baudelaire.  
ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.  
*Nós que aqui estamos por vós esperamos*.  
Direção Marcelo Masagão.



## RESUMO

- A revolução científica consolida a razão como elemento norteador das explicações dos fenômenos naturais;
- O Iluminismo caracterizava-se por uma dura crítica ao Antigo Regime, pela defesa da liberdade e da igualdade jurídica e pelo interesse da burguesia;
- A Revolução Francesa encerra o Antigo Regime na França e inaugura um Estado burguês;
- Podemos dividir a Revolução francesa em quatro momentos: Era das Instituições, Era das Antecipações, Era das Consolidações e Período Napoleônico;
- Durante o Período Napoleônico partes dos ideais revolucionários franceses se espalham pela Europa;
- A Revolução Industrial Inglesa marca o início da sociedade capitalista industrial;
- A Revolução Industrial ocorre primeiro na Inglaterra porque esta reunia todas as pré-condições necessárias;
- As dificuldades vividas pela classe trabalhadora durante o nascimento da era industrial levaram ao aparecimento de ideologias contrárias ao capitalismo e propiciaram a organização da classe operária;
- A Segunda Revolução Industrial marca o início da expansão imperialista;
- As teorias darwinistas são utilizadas para explicar as diferenças sociais geradas pelo capitalismo e a exploração de outras culturas (darwinismo social);
- O grande crescimento econômico, aliado ao desenvolvimento científico, gera na sociedade europeia um clima de euforia;
- A pobreza e as dificuldades vividas pela massa trabalhadora apresentam outra face desta sociedade, representada pela multidão nas ruas dos grandes centros urbanos;
- Os fracassos do capitalismo e a pobreza da classe trabalhadora encerram o clima de euforia e inauguram um clima melancólico, que terá seu auge com a primeira guerra mundial.



## ATIVIDADE

1. (ENADE–2011) Em reportagem, Owen Jones, autor do livro *Chavs: a difamação da classe trabalhadora*, publicado no Reino Unido, comenta as recentes manifestações de rua, em Londres, e em outras principais cidades inglesas. Jones prefere chamar atenção para as camadas sociais mais desfavorecidas do país, que desde o início dos distúrbios ficaram conhecidas no mundo todo pelo apelido *chavs*, usado pelos britânicos para escarnecer dos hábitos de consumo da classe trabalhadora. Jones denuncia um sistemático abandono governamental dessa parcela da população: “Os políticos insistem em culpar os indivíduos pela desigualdade”, diz. (...) “você não vai ver alguém assumir ser um *chav*, pois se trata de um insulto criado como forma de generalizar o comportamento das classes mais baixas. Meu medo não é o preconceito e, sim, a cortina de fumaça que ele oferece. Os distúrbios estão servindo como o argumento ideal para que se faça valer a ideologia de que os problemas sociais são resultados de defeitos individuais, não de falhas maiores. Trata-se de uma filosofia que tomou conta da sociedade britânica com a chegada de Margaret Thatcher ao poder, em 1979, e que basicamente funciona assim: você é culpado pela falta de oportunidades. (...) Os políticos insistem em culpar os indivíduos pela desigualdade”. Suplemento Prosa & Verso, O Globo, Rio de Janeiro, 20 ago. 2011, p. 6 (adaptado).

Considerando as ideias do texto, avalie as afirmações a seguir.

I. *Chavs* é um apelido que exalta hábitos de consumo de parcela da população britânica.

II. Os distúrbios ocorridos na Inglaterra serviram para atribuir deslizes de comportamento individual como causas de problemas sociais.

III. Indivíduos da classe trabalhadora britânica são responsabilizados pela falta de oportunidades de coexistência de políticas públicas.

IV. As manifestações de rua, na Inglaterra, reivindicavam formas de inclusão nos padrões de consumo vigente.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e II
- b) I e IV
- c) II e III
- d) I, III e IV
- e) II, III e IV

2. (ENADE–2009) “Retiraremos do discurso em que, a 15 de março de 1844, Lorde Ashley apresentou a sua moção sobre a jornada de 10 horas à Câmara dos Comuns, alguns dados que não foram refutados pelos industriais sobre a idade dos operários e a proporção de homens e mulheres. (...) Sobretudo o trabalho das mulheres desagrega completamente a família; porque, quando a mulher passa cotidianamente 12 ou 13 horas na fábrica e o homem também trabalha aí ou em outro emprego, o que acontece às crianças? Crescem entregues a si próprias como ervas daninhas, entregam-nas para serem guardadas fora (...), e podemos imaginar como são tratadas. É por essa razão que se multiplicam de uma maneira alarmante, nos distritos industriais, os acidentes de que as crianças são vítimas por falta de vigilância. (...) As mulheres voltam à fábrica muitas vezes três ou quatro dias após o parto, deixando, bem entendido, o recém-nascido em casa (...).” (FRIEDRICH, Engels. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1986. p. 170–171).

Os dados apresentados por Engels, no texto escrito em 1845, referem-se a alguns dos efeitos da Revolução Industrial na Inglaterra. Com base nessas informações, conclui-se que, ao longo do século XIX, a incorporação da mulher ao mercado de trabalho:

- a) Favoreceu a emancipação feminina, garantindo o acesso a serviços profissionais de educação infantil.
- b) Causou um aumento sensível nos índices de mortalidade infantil, como consequência da irresponsabilidade das mães operárias.
- c) Produziu o aumento de separações, pois as mulheres passaram a exercer o papel de chefes de família, antes restrito aos homens.
- d) Resultou, principalmente, da necessidade de complementar a renda familiar, diante do crescente custo de vida na cidade industrial.
- e) Contribuiu para o aumento da criminalidade, devido ao surgimento de gerações de crianças criadas por terceiros e carentes de cuidados maternos.

3. (FUVEST–2011) Viver em uma grande cidade implica o reconhecimento de múltiplos sinais. Trata-se de uma atividade do olhar, de uma identificação visual, de um saber adquirido, portanto. Se o olhar do transeunte, que fixa fortuitamente uma mulher bonita e viúva ou um grupo de moças voltando do trabalho pressupõe um conhecimento da cor do luto e das vestimentas operárias, também o olhar do assaltante ou o do policial, buscando ambos a sua presa, implica um conhecimento específico da cidade.

(BRESCIANI, Maria Stella. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.16. Adaptado.)

O texto mostra como o forte crescimento territorial e demográfico de algumas cidades europeias, no século XIX, redefiniu formas de convivência e sociabilidade de seus habitantes as quais, em alguns casos, persistem até hoje.

**a)** Cite e explique dois motivos do crescimento de cidades como Londres e Paris, no século XIX.

**b)** Indique e analise uma característica, dentre as mencionadas no texto, que se faça presente em grandes cidades atuais.

Padrão de resposta:

O principal motivo de crescimento dessas duas cidades foi a industrialização, bastante acentuada no decorrer do século XIX, apesar de a revolução industrial na Inglaterra ter-se iniciado no século anterior. A segunda metade do século XIX foi marcada pela 2ª Revolução Industrial, que promoveu não apenas as novas tecnologias, mas também um aumento significativo do número de fábricas e, portanto, de postos de trabalho. A segunda causa é a crise no setor agrário, colocado em segundo plano pelos governantes e burguesia dessas nações e que sofreu a interferência do processo de mecanização, principalmente nas últimas décadas do século, provocando desemprego entre os camponeses que, em um primeiro momento, tendiam a migrar para as grandes cidades.

No trecho: "(...) o olhar do assaltante ou o do policial, buscando ambos, a sua presa (...)", podemos observar uma situação cada vez mais comum nas grandes cidades, marcadas pelo banditismo e pela organização da criminalidade, com aumento constante da violência urbana em praticamente todas as grandes metrópoles brasileiras, que têm como contrapartida a ação policial e a preocupação da sociedade civil.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *A era dos extremos* — o breve século XX. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FORTES, Luiz Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DECCA, Edgard de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BRESCIANI, Maria Stela. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RONAN, Colin A. *Da renascença à revolução científica*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.



## IMAGENS DO CAPÍTULO

**P. 50 Sessão constituinte**

*Agência Brasil · DP*

**P. 51 Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão**

*Le Barbier · Wikimedia · DP*

**P. 51 Leitura no salão de M.me Geoffrin**

*A.Lemonnier · Wikimedia · DP*

**P. 52 Frontispício da Encyclopédie**

*Prévost · Wikimedia · DP*

**P. 52 Kant**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 53 Montesquieu**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 53 Voltaire**

*de La Tour · Wikimedia · DP*

**P. 53 Rousseau**

*de La Tour · Wikimedia · DP*

**P. 53 Descartes**

*Frans Hals · Wikimedia · DP*

**P. 53 Newton**

*Godfrey Kneller · Wikimedia · DP*

**P. 53 Locke**

*Godfrey Kneller · Wikimedia · DP*

**P. 54 Adam Smith**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 54 Denis Diderot**

*van Loo · Wikimedia · DP*

**P. 54 Jean d'Alembert**

*de La Tour · Wikimedia · DP*

**P. 54 Frederico II**

*Antoine Pesne · Wikimedia · DP*

**P. 55 Danton**

*Divulgação · Gaumont*

**P. 56 Luís XVI**

*Callet · Wikimedia · DP*

**P. 57 Troisordres**

*M. P. · Wikimedia · DP*

**P. 57 Prise de la Bastille**

*Jean-Pierre Houël · Wikimedia · DP*

**P. 57 Sans-culotte**

*Louis-Léopold Boilly · Wikimedia · DP*

**P. 58 Constituição Francesa de 1971**

*Archives Nationales · Wikimedia · DP*

**P. 59 Clôture de la salle des jacobins**

*Malapeau · Wikimedia · DP*

**P. 59 Napoleon**

*Divulgação · MGM*

**P. 59 Maximilien Robespierre**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 60 Golpe do 18 do Brumário**

*François Bouchot · Wikimedia · DP*

**P. 61 Napoleão abdicando em Fontainebleau**

*Paul Delaroche · Wikimedia · DP*

**P. 61 A Liberdade guiando o povo**

*Eugène Delacroix · Wikimedia · DP*

**P. 62 Greve**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 63 Mineiro em Middleton**

*George Walker · Wikimedia · DP*

**P. 63 Coalbrookdale à noite**

*Loutherbourg · Wikimedia · DP*

**P. 64 Power house mechanic working on steam pump**

*Lewis Hine · Wikimedia · DP*

**P. 64 Alexis de Tocqueville**

*Théodore Chassériau · Wikimedia · DP*

**P. 66 Tempos modernos**

*Divulgação · Charlie Chaplin Film Co.*

**P. 66 Thomas Edison**

*Levin C. Handy · Wikimedia · DP*

**P. 67 George Westinghouse Jr**

*Joseph G. Gessford · Wikimedia · DP*

**P. 67 Cecil Rhodes**

*E.H. Mills · Wikimedia · DP*

**P. 67 Expansão imperialista**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 67 Abertura da estrada de ferro**

*A.B. Clayton · Wikimedia · DP*

**P. 68 Charles Darwin**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*

**P. 68 Caricatura de Victor Hugo**

*Honoré Daumier · Wikimedia · DP*

**P. 69 Os miseráveis**

*Divulgação · Working Titles*

**P. 70 RMS Titanic**

*F.G.O. Stuart · Wikimedia · DP*

**P. 71 Luis Buñuel**

*Autor desconhecido · Wikimedia · DP*



# 4

## **Sociologia à francesa**

EDIR FIGUEIREDO DE OLIVEIRA  
TEIXEIRA DE MELLO



## CONCEITO

## Positivismo

O termo positivismo, em francês, também significa certo, seguro, o que remete ao privilégio das análises racionais em detrimento das explicações religiosas e metafísicas.

A França é um dos países onde o pensamento sociológico se desenvolveu, alcançando grande expressividade através da obra de autores clássicos, dentre eles, **Auguste Comte** e Émile Durkheim. São, pois, esses célebres teóricos franceses que apresentamos a vocês nas próximas páginas.

## O positivismo de Auguste Comte

Geralmente quem observa a bandeira de nosso país, um dos quatro símbolos oficiais da República brasileira, nem sequer imagina que a inscrição *ordem e progresso*, presente nela, traduz um lema, cuja origem remonta à construção de uma nova forma de pensamento: o **positivismo**. Dito dessa maneira, isto pode parecer uma mera curiosidade ou informação pitoresca; entretanto, a partir do positivismo emergiu a ciência da sociedade, a saber, a Sociologia. Vamos conhecer um pouco mais dessa corrente filosófica?

Designamos de positivismo à matriz filosófica criada pelo francês Auguste Comte (1798 — 1857) em meados do século XIX. Essa corrente de pensamento refletia o entusiasmo burguês pela consolidação capitalista, por meio do desenvolvimento industrial e científico. Aliás, o próprio nome positivismo demonstra este entusiasmo, à medida que se opõe diretamente ao termo negativismo.

Neste sentido, os traços mais marcantes do positivismo são, certamente, a *excessiva valorização das ciências* e dos métodos científicos, a *exaltação do homem* e suas capacidades e o *otimismo* em relação ao desenvolvimento e progresso da humanidade.



## AUTOR

## Auguste Comte



Auguste Comte (1798 — 1857) nasceu em Montpellier, França, onde fez os seus primeiros estudos. Em 1814 ingressou no curso de medicina na Escola Politécnica de Paris. Ficou conhecido da intelectualidade francesa depois que foi secretário do socialista Saint-Simon, de quem mais tarde viria a romper a amizade, por divergências ideológicas.

Comte passou a estudar as possibilidades de esboçar, em teoria, um modelo ideal de sociedade organizada. Em 1822, publicou *Plano de*

*Trabalhos Científicos para Reorganizar a Sociedade*. Em 1830, iniciou o livro *Curso de Filosofia Positiva*, concluído em 1842. Em 1848, criou uma Sociedade Positivista, que teve muito adeptos e influenciou o pensamento de teóricos por todo o mundo. Na obra *Discurso sobre o Espírito Positivo*, escrita em 1848, Comte afirma que o espírito positivo, que compreende a inteligência, os sentimentos e as ações positivas, é maior e mais importante que a mera cientificidade, que abrange somente questões intelectuais. Na obra *Sistema de Política Positiva* Comte instituiu a *Religião da Humanidade* que se caracteriza pela busca da unidade moral humana. Auguste Comte morreu em Paris, França, no dia 5 de setembro de 1857.

Para melhor entendimento dessa perspectiva, é importante lembrar que o desenvolvimento do pensamento positivista se deu em um contexto histórico específico, a Europa do século XIX (Ver o capítulo sobre o contexto histórico do surgimento da Sociologia).

A expansão da Revolução Industrial pela Europa, obtida pelas revoluções burguesas que atingiram todos os países europeus até 1870, trouxe consigo a destruição da velha ordem feudal e a consolidação da nova sociedade capitalista.

O processo de consolidação do capitalismo colocou em evidência os mais diversos problemas da estrutura societária emergente. Vários pensadores sociais buscaram refletir sobre as alterações na realidade social, na tentativa de compreendê-la, analisá-la e mesmo, propor soluções. O pensador francês Auguste Comte foi um desses filósofos sociais, sistematizando a primeira corrente teórica do pensamento sociológico: o positivismo.

Auguste Comte cresceu em um ambiente contrarrevolucionário. Aos vinte anos foi atraído por *Saint-Simon* e com ele trabalhou por seis anos. Ambos tentaram desacreditar e repudiar os princípios do Iluminismo e da Revolução de 1789, embora sem abandonar os progressos alcançados por esses movimentos.

Posteriormente, Comte se afastou de Saint-Simon por considerar que este não havia desenvolvido um sistema científico positivista satisfatório. O pensamento positivista de Auguste Comte desenvolveu-se no interior da concepção cientificista, segundo a qual a ciência é considerada o único conhecimento possível e o método das ciências da natureza o único válido, devendo, portanto ser estendido a todos os campos da indagação e atividade humanas.

Segundo alguns especialistas, o filósofo francês Auguste Comte foi, na verdade, o fundador da Filosofia Positiva e *pai* da Sociologia, uma vez que nomeou tal ciência. Influenciado por Saint-Simon, elaborou sua concepção da Ciência Social que chamou primeiramente de *Física Social* e, depois, *Sociologia*.

A importância de sua obra reside, sobretudo, na definição do objeto de estudo da Sociologia, na construção de conceitos e de uma metodologia de investigação. Além disso, o positivismo, criado por Comte, ao definir a especificidade do estudo científico da sociedade, conseguiu



## AUTOR

### Conde de Saint-Simon

Claude-Henri De Rouvroy, Conde de Saint-Simon (nascido a 17 de outubro de 1760 e falecido a 19 de maio 1825, em Paris), teórico social francês e um dos fundadores do chamado *socialismo*. Em seu trabalho principal, *Nouveau Christianisme*, proclamou uma fraternidade do homem que deve acompanhar a organização científica da indústria e da sociedade. A palavra *socialismo*, no entanto, somente foi usada primeiramente por volta de 1830, na Inglaterra, para descrever sua doutrina e de outros que o antecederam.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Passagem para Índia (1984)**, de David Lean.



Sinopse: no final dos anos 1920, Adela Quested (Judy Davis), uma rica inglesa de ideias liberais, viaja para fora do país pela primeira vez, indo à Índia para encontrar seu noivo. O choque cultural acontece, mas quando tudo parecia facilitar a integração, Adela acusa o jovem Dr. Aziz (Victor Banerjee) de tentativa de estupro durante um passeio até as cavernas de Marabar.



## IMAGEM



Retrato de Auguste Comte por Louis Jules Etex

distinguir a Sociologia de outras ciências estabelecendo um espaço próprio à ciência da sociedade.

O ponto de partida do pensamento comtiano foi uma reflexão sobre a contradição interna da sociedade do seu tempo. Como esse momento histórico é caracterizado pela generalização do pensamento científico e da atividade industrial, Comte acredita que o único meio de pôr fim à crise é acelerar o **devir**, criando o sistema de ideias científicas que presidirá a ordem social vigente. Comte pretende uma unidade humana e social. A esse respeito afirma:

“A miséria pública é enorme em Paris; o pão é muito caro, e receia-se mesmo que venha a faltar. Não se pode dar um passo na rua sem ter o coração partido pelo aflitivo quadro da mendicidade; a cada instante encontram-se operários sem pão e sem trabalho, e com tudo isso, quanto luxo! quanto luxo! Ah, como é revoltante, quando a tantos indivíduos falta o necessário absoluto! A despeito da aflição geral, o carnaval é ainda bastante alegre, pelo menos, há muitos bailes, públicos e particulares. Ouvi dizer por pessoas bem sensatas que se dançou neste inverno como nunca. Quanto a mim, não posso imaginar como uma gaivota ou um minueto façam esquecer que mais de trinta mil seres humanos não tenham o que comer. Não posso imaginar que se seja tão indiferente, a ponto de se divertir loucamente em meio a todos esses desastres. Os governos não se incomodam de maneira alguma com esta frivolidade, porque, segundo a observação judiciosa que ontem ouvi de uma senhora muito bonita, muito amável e que, no entanto, pensa, ‘quem dança não conspira’. Esta expressão, que é mais profunda do que parece, dá bem a chave das coisas”. (COMTE, 1817).

O positivismo comtiano retoma do empirismo do séc. XVII as suas ideias fundamentais, em particular, a de que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observáveis. Sua investigação focaliza as relações constantes e necessárias entre os fenômenos, ou seja, as leis invariáveis que os regem. Deriva dessa ideia o determinismo, pelo qual o reino da ciência é o reino da necessidade.

Desse modo, Comte pregava ferozmente a expulsão dos mitos, da religião e de toda e qualquer crença e conhecimento metafísico, embora tenha fundado o positivismo como uma religião operando uma sacralização do racional.

**Comte pregava ferozmente a expulsão dos mitos, da religião e de toda e qualquer crença e conhecimento metafísico, embora tenha fundado o positivismo como uma religião operando uma sacralização do racional.**

Comte define *Sociologia* ou *Filosofia Positiva* como uma Física social, ciência que toma os modelos da Biologia e explica a sociedade como um organismo coletivo. Nesse sentido, o fundador do positivismo acreditava que se os conhecimentos e os métodos científicos utilizados pelos cientistas das ciências naturais (sobretudo na Biologia e na Física) eram válidos para explicar e interferir nos fenômenos da natureza, assim também, estes poderiam ser utilizados para explicar e interferir nos fenômenos sociais.



## REFLEXÃO

A Sociologia nasceu, portanto, com objetivos práticos, ou seja, reorganizar a sociedade e isso exigiria primeiramente conhecer para agir; compreender para reorganizar. Para Comte, somente existe ciência quando se conhecem os fenômenos por suas relações constantes de concomitância e de sucessão, advindo daí a possibilidade de previsão.

Essa Sociologia nascida em época de profunda transformação tinha a tarefa de explicar a realidade social mediante o conhecimento das *leis históricas* de seu desenvolvimento com a mesma exatidão com que era possível à Física prever as leis da gravidade. Assim, conhecer as leis sociais implicava saber prever os rumos da sociedade e intervir para garantir o bem-estar coletivo através da organização social. O lema do positivismo era *saber para prever, prever para prover*.

Comte considerava como um dos pontos altos de sua Sociologia a reconciliação entre a *ordem* e o *progresso*, pregando a necessidade mútua destes dois elementos para a nova sociedade. Na sua visão, o equívoco dos conservadores ao desejarem a restauração do velho regime feudal era postular a ordem em detrimento do progresso.

Inversamente, os revolucionários preocupavam-se apenas com o progresso. A Sociologia positivista considerava que a ordem existente era o ponto de partida para a construção da nova sociedade. Admitiam-se algumas reformas, desde que comandadas pelos cientistas e industriais, de tal modo que o progresso constituiria uma consequência suave e gradual da ordem.

**Comte considerava como um dos pontos altos de sua Sociologia a reconciliação entre a ordem e o progresso, pregando a necessidade mútua destes dois elementos para a nova sociedade.**

"Nenhum grande progresso pode efetivamente se realizar se não tende finalmente para a evidente consolidação da ordem". (COMTE, 1830).

## A lei dos três estados e a classificação das ciências

O sistema comtiano estruturou-se em torno de três temas básicos. Em primeiro lugar, uma Filosofia da história com o objetivo de mostrar as razões pelas quais uma certa maneira de pensar, chamada por ele Filosofia positiva ou pensamento positivo, deve imperar entre os homens. Em segundo, uma fundamentação e classificação das ciências



### A Sociologia vai ao cinema

**Meninos do Brasil (1978)**, de Franklin J. Schaffner



Sinopse: o ensandecido médico Joseph Mengele (Gregory Peck), que fez milhares de experiências genéticas com judeus (inclusive crianças), vive no Paraguai e planeja o nascimento do 4º Reich. Para obter tal objetivo, faz 94 clones de Hitler quando ele era um garoto. Mas isto não basta, pois diversas variáveis necessitam serem criadas para traçar o perfil psicológico de Hitler. Entretanto, Ezra Lieberman (Laurence Olivier), um judeu que é um caçador de nazistas, descobre a trama e tenta impedir que tal plano se concretize.

baseadas na Filosofia positiva e finalmente, uma Sociologia que, determinando a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das instituições.

A esse sistema deve-se acrescentar a forma religiosa assumida pelo plano de renovação social, proposto por Comte, nos seus últimos anos de vida.

“O positivismo se compõe essencialmente de uma filosofia e de uma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta de um mesmo sistema universal, onde inteligência e sociabilidade se encontram intimamente combinados. De uma parte, a ciência social não é somente a mais importante de todas, mas fornece, sobretudo, o único elo, ao mesmo tempo lógico e científico, que de agora em diante comporta o conjunto de nossas contemplações reais. Ora, a ciência final, ainda mais do que cada uma das ciências preliminares, não pode desenvolver o seu verdadeiro caráter sem uma exata harmonia geral com a arte correspondente. Mas, por uma coincidência de nenhum modo fortuita, a sua fundação teórica encontra logo imenso destino prático, a fim de presidir hoje toda a regeneração da Europa Ocidental.” (COMTE, 1830)

Preocupado em demonstrar a supremacia da Sociologia sobre as demais ciências e, portanto, o direito de ser reconhecida como tal, Comte estabeleceu uma hierarquia das ciências, ordenando-as de acordo com a sua complexidade, isto é, partindo da mais simples para a mais complexa. Neste sentido, estabeleceu a seguinte classificação:

**Matemáticas:** possuem o maior grau de generalidade e estudam a realidade mais simples e indeterminada;

**Astronomia:** acrescenta a força ao puramente quantitativo, estudando as massas dotadas de forças de atração;

**Física:** soma a qualidade ao quantitativo e às forças, ocupando-se do calor, da luz etc.;

**Química:** trata de matérias qualitativamente distintas;

**Biologia:** ocupa-se dos fenômenos vitais, nos quais a matéria bruta é enriquecida pela organização;

**Sociologia:** é a ciência mais complexa, uma vez que nos fenômenos sociais estão presentes tantos outros fenômenos de ordem psíquica, biológica, natural. Daí ser o fim essencial de toda a Filosofia Positiva.

Comte classificou as ciências com base em um duplo critério, um histórico e, o outro, sistemático. Desta forma qualificou as ciências em: Matemática, Astronomia (Mecânica Universal), Física, Química, Biologia e Sociologia. O critério que estabeleceu foi o de ordenar do mais simples ao mais abstrato, ou seja, da matemática até a mais complexa que é a Sociologia.

O critério dessa classificação é a complexidade crescente e a generalidade decrescente de cada ciência. A matemática é a menos complexa,

porque se ocupa apenas com as relações de quantidade. É mais geral, porque pode ser aplicada a todas as espécies de fenômenos.

A Sociologia é a mais complexa, pois o fato social inclui de certa forma, fatos biológicos, fenômenos químicos, físicos, mecânicos, relações matemáticas e é menos geral, pois se aplica à vida social.

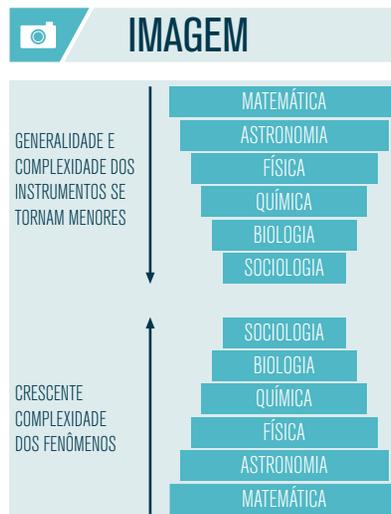
A classificação de Comte reduz todas as ciências ao plano físico-matemático, representa uma ótica naturalista. Todas as ciências são do tipo natural ou físico e devem ser estudadas com o rigor e precisão dos métodos matemáticos.

A Sociologia de Comte se denomina Física Social. O direito se localizaria no interior dessa Física Social considerada por Comte como ciência social geral. Nessa perspectiva, o direito será considerado um fenômeno natural ou físico.

Outro elemento essencial do pensamento de Auguste Comte é a Lei dos Três Estados, considerada por ele a primeira lei verdadeiramente sociológica. Os três estados são assim classificados como estado teológico, o estado metafísico e o estado positivo. Nas palavras do autor esta lei:

“No estado teológico, o espírito humano dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, em uma palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo. No metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente. Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir”. (COMTE, 1973)

**A classificação de Comte reduz todas as ciências ao plano físico-matemático, representa uma ótica naturalista. Todas as ciências são do tipo natural ou físico e devem ser estudadas com o rigor e precisão dos métodos matemáticos.**



De acordo com Auguste Comte, todas as ciências consistem em conhecimento teórico e aplicado.

## CONCEITO

### Engendrar

Fazer existir; gerar: engendrar projetos. Criar de maneira imaginativa; inventar.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Gattaca (1997)**, de Andrew Niccol



Sinopse: em um futuro no qual os seres humanos são criados geneticamente em laboratórios, as pessoas concebidas biologicamente são consideradas *inválidas*.

Vincent Freeman (Ethan Hawke), um *inválido*, consegue um lugar de destaque em corporação, escondendo sua verdadeira origem. Mas um misterioso caso de assassinato pode expor seu passado.



## CONCEITO

### Darwinismo social

Por darwinismo social entende-se a transposição das ideias de Darwin, em especial a da *sobrevivência dos mais aptos* do campo das Ciências Naturais para o das explicações acerca da vida social e da História da Humanidade. Esse conceito é muito usado no contexto da competição entre os indivíduos no capitalismo, mas motivou, de forma similar, o racismo, o imperialismo, o nazismo etc. O termo foi popularizado em 1944 pelo historiador americano Richard Hofstadter.

Em destaque:

ESTADOS	CARACTERÍSTICAS
TEOLÓGICO	Baseia-se em explicações transcendentais. Sintetizando na figura de um Deus ou deuses.
METAFÍSICO	Substitui a divindade por forças abstratas.
POSITIVO	Concentra-se nas explicações científicas.

Para Comte, a história não é pensada como um vir a ser, mas como uma sequência congelada de estados definitivos; e a evolução é a realização, no tempo, daquilo que já existia em forma embrionária e que se desenvolve até alcançar o seu ponto final. O seu conceito de ciência é o saber acabado, que se mostra sob a forma de resultados e fórmulas objetivas.

O seu principal postulado é o de assegurar a marcha normal e regular da sociedade industrial ocidental, a que habita o Estado Positivo, o que não é de se estranhar, já que se encontra inserido no contexto do cientificismo e da euforia desenvolvimentista do século XIX.

Naquela sociedade e naquele momento histórico, quando a teoria de Charles Darwin e o **Darwinismo Social** representaram uma justificativa para o avanço imperialista ou neocolonialista, a Lei dos Três Estados também prestou o seu serviço a esse processo, fortalecendo a ideia de *culturas desenvolvidas* (as europeias), em detrimento das *mais atrasadas*, como a africana, a asiática, as culturas da Oceania e mesmo da América Latina. Na verdade, justificava a missão do homem branco europeu.

**O seu conceito de ciência é o saber acabado, que se mostra sob a forma de resultados e fórmulas objetivas.**



## REFLEXÃO

E assim, como na natureza, a competição gera o processo de adaptação e evolução na medida em que garante a vitória do mais forte. Nas sociedades o mesmo processo garante a sobrevivência das sociedades mais aptas, fortes e evoluídas, as que se encontram no Estado Positivo.

Vale dizer que as ideias positivistas justificaram o avanço imperialista europeu sobre a África e a Ásia; porém, o positivismo não foi capaz de resolver a crise daquela sociedade europeia, na qual nem todas as pesso-

as participavam da sociedade positiva nem usufruíam dos seus benefícios, já que a riqueza de poucos convivía com a pobreza de muitos e essa maioria também não tinha acesso aos bens culturais, educacionais etc.

Comte acreditava necessário estabelecer um consenso universal para dar à sociedade moralidade universal. Por isso, para resolver a crise social — que, como vimos, se fazia presente na França e em toda a Europa do seu tempo — Comte não propunha a atividade revolucionária, mas sim uma nova ordem social, com base na Filosofia Positiva. No seu pensar, combinando ordem e progresso, o positivismo superaria a teologia e a revolução. Por isso identificou dois movimentos na sociedade: a estática social e a dinâmica social.

Auguste Comte chamou de dinâmico o movimento que representava a passagem para formas mais complexas de existência, como a industrialização; e de estático o responsável pela preservação dos elementos permanentes de toda organização social.



## EXEMPLO

As instituições que mantêm a coesão e garantem o funcionamento da sociedade, por exemplo, família, religião, propriedade, linguagem, direito etc. seriam responsáveis pelo movimento estático da sociedade. Comte privilegia a dimensão do estático sobre o dinâmico, ou seja, a conservação sobre a mudança. No seu modo de ver, o progresso deveria aperfeiçoar os elementos da ordem e não destruí-los.

A categoria sociológica estática teria como objeto as condições existenciais de dada sociedade, a sua estrutura. Estuda as leis de harmonia social, a sua hierarquia, manifestadas na coexistência e ordenação das classes e indivíduos.

Comte relaciona ordem com a ideia de estática social. A noção central da estática comtiana é a do consenso existente entre todos os fenômenos sociais, ou seja, a sociedade é tomada como um todo global onde os fatos sociais funcionam de maneira interdependente. Nenhum fato social poderá ser observado isoladamente.

A dinâmica social corresponde às leis do progressivo desenvolvimento social. Representa a passagem para formas mais complexas de existência, como a industrialização. A dinâmica social subordina-se à estática social, pois o progresso provém da ordem e aperfeiçoa os elementos permanentes de qualquer sociedade, como a religião, a família, a propriedade, a linguagem, o acordo entre poder temporal e o espiritual etc.

**Nenhum fato social poderá ser observado isoladamente.**



## REFLEXÃO

Tais conceitos defendem a sociedade burguesa industrial em face dos movimentos reivindicatórios porque permitem que esta mesma sociedade industrial, na figura do Estado que a representa, intervenha para manter a ordem e garantir o progresso.



## COMENTÁRIO

As duas categorias centrais da Sociologia de Auguste Comte, a estática e a dinâmica, são simplesmente o estudo da coexistência e da sucessão, ou seja, da ordem humana e social, de suas transfor-



### A Sociologia vai ao cinema

**Pink Floyd the Wall (1982)**, de Alan Parker



Sinopse: as fantasias delirantes do superstar do rock, Pink, um homem que enlouquece lentamente em um quarto de hotel em

Los Angeles. Queimado no mundo da música, ele só consegue se apresentar no palco com a ajuda de drogas. O filme acompanha o cantor desde sua juventude, mostrando como ele se escondeu do mundo exterior. Baseado no álbum *The Wall* do Pink Floyd.

mações e desenvolvimento. Ambas as categorias resultam nos termos de ordem e progresso que figuram nas bandeiras do positivismo e do Brasil: *o progresso é o desenvolvimento da ordem*.

O positivismo procurava resolver os conflitos sociais por meio da exaltação à coesão, à harmonia natural entre os indivíduos e ao bem-estar do todo social. Por isso, representou uma ação política conservadora que justificava as relações desiguais entre as sociedades.

Por outro lado, o positivismo também foi um esforço concreto de análise científica da sociedade, partindo dele as primeiras formulações objetivas sobre a sociabilidade humana, abrindo as portas para uma nova concepção da realidade social com suas especificidades e regras.

Por fim, cabe dizer que o pensamento positivista não se resumiu a Auguste Comte. O seu desenvolvimento influenciou outros autores, como Émile Durkheim, também na França. E o *ideal positivista* de ciência permeou todo o pensamento social, político, jurídico, econômico, educacional, histórico e literário do século XIX e de uma boa parcela do século XX.

## A influência do positivismo no Brasil

A inscrição *Ordem e Progresso*, sempre em verde, é uma forma abreviada do lema político positivista cujo autor é o francês Auguste Comte: O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim (em francês: "L'amour pour principe et l'ordre pour base; le progrès pour but").

A Filosofia positivista de Comte tornou-se uma das mais importantes vertentes intelectuais no Brasil. A proposta comtiana foi introduzida aqui por volta de 1850, trazida por estudantes brasileiros que tinham tido contato com as ideias positivistas na França e foi facilmente

absorvida por intelectuais daqui, que buscavam reagir à doutrina confessional católica vigente no Brasil daquela época.

A doutrina positivista, em sua fase científica, ganha relevo no Brasil a partir dos debates realizados no Colégio Militar e depois se expande pelos pátios de outras escolas, dentre elas o Colégio Pedro II.



Logotipo da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, fundada em 1881. Base do lema de nossa bandeira nacional.

Estes debates, feitos no interior das escolas militares da cidade do Rio de Janeiro, possibilitam que se comece a pensar a educação brasi-

leira como um projeto para alcançar a maioria da população brasileira.

O desenvolvimento do positivismo no Brasil foi muito profundo e quase se tornou doutrina oficial do Estado. Tal doutrina deixou traços sociopolíticos e culturais importantes na sociedade brasileira: o conservadorismo, certo apego à hierarquia, uma aversão a mudanças e um *pavor* do confronto.

**Benjamin Constant** promoveu a adoção do pensamento positivista como base para o programa de estudo das escolas oficiais. Em 1880, foi fundado um Instituto do **Apostolado**, e no ano seguinte era inaugurado no Rio de Janeiro um templo positivista para celebrar o culto da humanidade. A divisa *ordem e progresso* figura no pavilhão brasileiro, cujo verde é, também, a cor das bandeiras positivas.

Aliás, uma das contribuições mais significativas do positivismo foi a bandeira nacional adotada pelo Decreto n.4 de 19 de novembro de 1889, projeto de Teixeira Mendes com a cooperação de Miguel Lemos. Justificaram da seguinte forma: a bandeira deverá ser símbolo de amor, solidariedade, crenças partilhadas; a expressão *ordem e progresso* simboliza as necessidades imperiosas do povo brasileiro, pois é imprescindível manter as bases da sociedade e o aperfeiçoamento das instituições.

A harmonia entre estes termos desvela-se na política e na moral. Observa-se a frase de Comte: *o progresso é o desenvolvimento da ordem, como a ordem é a consolidação do progresso*. O estandarte da República representa nosso passado, nosso presente e o porvir — a Lei dos Três Estados. A cor verde não só lembra as terras brasileiras como convém ao sentido do porvir, por isso caracteriza esperança.



## REFLEXÃO

Algum dia você imaginou que tudo o que faz, sente ou pensa independe de sua vontade individual, mas antes resulta de imperativos estabelecidos pela sociedade? Não responda ainda! Reflita um pouco mais: o que dizer da moda? Mesmo quando dizemos que não a seguimos ainda assim não podemos andar nus. Das leis que normatizam a vida coletiva? Ora, o mais ínfimo ato cotidiano é mediado por regras. Da língua pátria? Parece óbvio que não podemos viver em um país sem nos comunicar na língua nativa. Percebem? Não há como fugir! A sociedade é nosso cárcere, se dela não nos sentimos prisioneiros é por que a ela nos conformamos.

Talvez você não concorde com tal ideia, mas, certamente, gostará de conhecer o seu autor: Émile Durkheim, um dos mais instigantes teóricos da Sociologia. Com vocês, um dos maiores clássicos das ciências sociais!

Após conhecermos um pouco da vida do autor, situaremos a atmosfera histórica que impregnou seu pensamento.



## CURIOSIDADE

### Benjamin Constant



Benjamin Constant (1833 — 1891) foi um militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro.



## CONCEITO

### Apostolado

Missão de apóstolo: divulgar uma crença.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Laranja Mecânica (1971)**, de Stanley Kubrick



Sinopse: No futuro, o violento Alex (Malcolm McDowell), líder de uma gangue de delinquentes que matam, roubam e

estupram, cai nas mãos da polícia. Preso, ele recebe a opção de participar em um programa que pode reduzir o seu tempo na cadeia. Alex vira cobaia de experimentos destinados a refrear os impulsos destrutivos do ser humano, mas acaba se tornando impotente para lidar com a violência que o cerca.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

**Mulheres Perfeitas (2004)**, de Frank Oz



Sinopse: Joanna (Nicole Kidman) é uma executiva bem sucedida que, após o fracasso de um *reality show* idealizado por ela, é de-

mitida e sofre um colapso nervoso. Para descansar, seu marido (Matthew Broderick) a leva para uma cidade do interior, Stepford, localizada no subúrbio de Connecticut, juntamente com seus dois filhos. Lá ela faz amizade com Bobbie (Bette Midler) e começa a notar uma estranha coincidência: todas as esposas do local obedecem com grande dedicação aos seus maridos, parecendo felizes com a situação. Joanna começa a investigar o caso e descobre a existência de um plano que evita os problemas familiares.



## AUTOR

### Durkheim

David Émile Durkheim nasceu no dia 15 de abril de 1858, em Épinal, região da Alsácia, França onde iniciou os estudos e, posteriormente, partiu para Paris, onde cursou o Liceu Louis Le Grand e a École Normale Supérieure (1879). Considerado um dos pais da Sociologia moderna, Durkheim formou-se em Filosofia, quando começou a interessar-se pelos estudos sociais.

Foi o fundador da Escola Francesa de Sociologia, em 1887, sendo nomeado professor de Pedagogia e de Ciência Social na faculdade de Bordeaux, no sul da França. Suas principais obras são: *Da divisão social do trabalho* (1893);

## O surgimento da sociologia científica: David Émile Durkheim

Conforme vimos, o século XIX é ao mesmo tempo o apogeu e a crise da sociedade burguesa. O proletariado avança ameaçando a ordem do sistema que tem de se proteger, ao mesmo tempo em que tenta se legitimar. Contudo, vale a pena atentar para a questão de que nascia um novo estilo de vida, baseado na vida urbana e na sociedade de consumo, que tornava a sobrevivência de cada um totalmente dependente da produção dos outros, obrigando progressivamente ao consumo para esta sobrevivência; mesmo assim, deixava este consumo fora do alcance da maioria da população trabalhadora.

Não é de se estranhar que no meio deste contexto surgissem pensadores dispostos a discutir sobre o que estava acontecendo, preocupados em entender as mudanças sociais e em estabelecer ordem e regras a um mundo que se modificava rapidamente. Estudiosos que não podiam mais se contentar com dogmas e com explicações religiosas. Todos eles herdeiros do pensamento Iluminista, críticos racionais e laicos, muitos levados pelo pensamento positivista, fiéis depositários de suas esperanças na possibilidade ilimitada da ciência. Um deles foi David Émile *Durkheim* (1858-1917).

O pensamento de Durkheim marcou decisivamente a Sociologia contemporânea. Considerado um dos fundadores da Sociologia científica, sem dúvida, sua maior contribuição foi o estabelecimento de um método e objeto de estudo próprio à investigação social. Além disso, ao combinar a pesquisa empírica com a teoria sociológica, Durkheim consolidou definitivamente a Sociologia como disciplina acadêmica.

Apesar de ser considerado discípulo de Auguste Comte, o francês Émile Durkheim não poupou críticas ao seu antecessor ao afirmar que Comte praticava uma investigação sociológica despojada do verdadeiro espírito científico, uma vez que se baseava em ideias vagas e especulativas.

Essa tendência, aliás, se tornaria evidente na fase final da trajetória de Comte, quando a Sociologia, de ciência da sociedade baseada em leis racionais, a que ele chamava Física social, passou a ser vista por ele como o fundamento de uma nova concepção religiosa: a religião da humanidade.



## REFLEXÃO

Nesse sentido, Durkheim se distingue dos demais pensadores, incluindo os pensadores positivistas, porque suas ideias ultrapassaram a reflexão filosófica e chegaram a constituir um todo organizado e sistemático de pressupostos teóricos e metodológicos sobre a sociedade.

O empirismo positivista, que pusera os filósofos diante de uma realidade social a ser especulada, transformou-se, em Durkheim, em uma rigorosa postura empírica, centrada na verificação dos fatos que poderiam ser observados, mensurados e relacionados por meio de dados coletados diretamente pelos cientistas.

Para a elaboração dessa postura, Durkheim procurou estabelecer os limites e as diferenças entre a particularidade e a natureza dos acontecimentos filosóficos, históricos, psicológicos e sociológicos. Elaborou um conjunto de conceitos e de técnicas de pesquisa que, embora norteadas pelas ciências naturais, guiava o cientista para o discernimento de um objeto de estudo próprio e dos meios adequados de interpretá-lo.

Ainda que preocupado com as leis gerais capazes de explicar a evolução das sociedades humanas, Durkheim ateu-se também às particularidades da sociedade em que vivia, aos mecanismos de coesão dos pequenos grupos e à formação de sentimentos comuns e resultantes da convivência social. Distinguiu diferentes instâncias da vida social e seu papel na organização social, como a educação, a família e a religião.

## ! ATENÇÃO

Nesse sentido, pode-se dizer que Durkheim emancipou a Sociologia da Filosofia Social e colocou-a como disciplina científica rigorosa. Sua preocupação foi definir o método e as aplicações desta nova ciência. Ele formulou com clareza o tipo de acontecimento sobre os quais o sociólogo deveria se debruçar: os fatos sociais, para ele, o verdadeiro objeto de estudo da Sociologia.

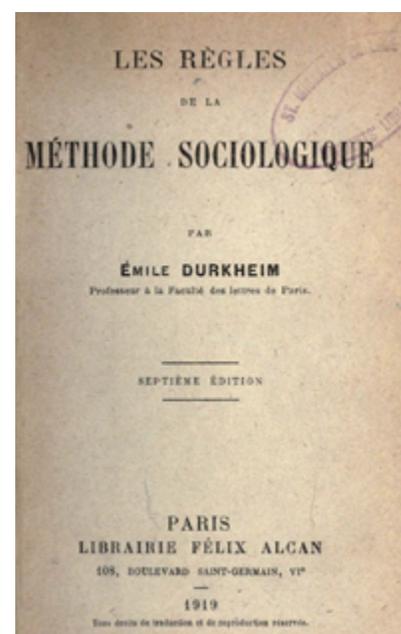
Em uma de suas obras fundamentais, *As Regras do Método Sociológico*, publicada em 1895, Durkheim define o objeto de estudo da Sociologia: os fatos sociais. De acordo com as ideias defendidas por ele nesse trabalho, é preciso delinear com clareza os fenômenos que resultam da vida em sociedade e, portanto, são o alvo da investigação sociológica, nas palavras do autor:

“Antes de indagar qual o método que convém ao estudo dos fatos sociais, é necessário saber que fatos podem ser assim chamados. (...) Cada indivíduo bebe, dorme, come, raciocina e a sociedade tem todo interesse em que estas funções se exerçam de modo regular. Porém, se todos esses fatos fossem sociais, a Sociologia não teria objeto próprio e seu domínio se confundiria com o da biologia e da psicologia. (...) Na verdade, porém, há em toda sociedade um grupo determinado de fenômenos com caracteres nítidos, que se distingue daqueles estudados pelas outras ciências da natureza. Estamos, pois, diante de uma ordem de fatos que apresenta caracteres muito especiais: consistem em maneiras de agir, pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se impõem. Por conseguinte, não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e em ações; nem com fenômenos psíquicos, que não existem senão na consciência individual e por meio dela. Constituem, pois, uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de social”. (Durkheim, 1978. p. 3).

*Regras do método sociológico* (1895); *O suicídio* (1897); *As formas elementares de vida religiosa* (1912). Fundou também a revista *L'Année Sociologique*, que afirmou a preeminência durkheimiana no mundo inteiro. Durkheim morreu em Paris, em 15 de novembro de 1917.



## IMAGEM



Capa da edição francesa de *As Regras do Método Sociológico* (1919).

## Os fatos sociais e suas características

Os fatos sociais são o objeto de estudo da Sociologia, segundo Durkheim. Os fenômenos que o autor denomina fatos sociais são:

“toda maneira de agir ou pensar fixa ou não, capaz de exercer sobre o indivíduo uma **coerção exterior**; ou ainda que, é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria independente das manifestações individuais que possa ter”. (Durkheim, 1991, p. 1).

A primeira característica do fato social indica a força que estes exercem sobre os indivíduos, levando-os a conformarem-se às regras da sociedade em que vivem, independente de sua escolha e vontade. Essa força se manifesta, por exemplo, quando um indivíduo desenvolve ou adquire um idioma, quando é criado e se submete a um determinado tipo de formação familiar ou quando está subordinado a certo código de leis ou regras morais. Nessas circunstâncias, o ser humano experimenta a força da sociedade sobre si.

A força coercitiva dos fatos sociais se torna evidente pelas sanções legais ou espontâneas a que o indivíduo está sujeito quando tenta rebelar-se contra ela.

Legais são as sanções prescritas pela sociedade, sob a forma de lei, na qual se define a infração e se estabelece a penalidade correspondente. Espontâneas são as que afloram como resposta a uma conduta considerada inadequada por um grupo ou uma sociedade.

**A força coercitiva dos fatos sociais se torna evidente pelas sanções legais ou espontâneas a que o indivíduo está sujeito quando tenta rebelar-se contra ela.**



### EXEMPLO

As multas de trânsito representam sanções legais, já os olhares de reprovação de que somos alvos quando comparecemos a um local com roupa inadequada constituem sanções espontâneas.

Outra característica dos fatos sociais é a sua externalidade. Dizemos que são externos porque são fatos coletivos, como a religião ou o sistema econômico, por exemplo, independentes dos indivíduos, que já os encontram prontos quando nascem e que morrerão antes que esses deixem de existir. Ou seja, existem fora dos indivíduos e são internalizados através do processo de socialização.

Essas maneiras de agir e de pensar são, conforme vimos, além de externas, capazes, pelo seu poder coercitivo, de obrigar um indivíduo a adotar um comportamento determinado. A coerção pode se manifestar direta ou indiretamente.



### EXEMPLO

É direta, por exemplo, quando o professor estabelece seus critérios de avaliação, aos quais o aluno é coagido a se adaptar para se sair bem na prova. Mas é indireta quando um empresário passa a utilizar

computadores para administrar os seus negócios, pois ele faz isso pressionado pela concorrência, embora não exista nenhuma lei que o obrigue explicitamente.

A coerção pode também ser formal ou informal. É formal, como o próprio nome já diz, quando a obrigação e a punição pela transgressão estão estabelecidas formalmente.



## EXEMPLO

O Código Penal, por exemplo, apresenta um grande número de coerções formais para diversos atos predefinidos.

É informal quando é exercida espontaneamente pelas pessoas no seu dia a dia.



## EXEMPLO

Quando, por exemplo, uma pessoa chama a atenção de outra por tentar *furar* uma fila.

Por fim, pode-se dizer que generalidade é, também, uma das características marcantes que definem os fatos sociais. É social todo fato que é geral, que se repete em todos os indivíduos ou, pelo menos, na maioria deles; que ocorre em distintas sociedades, em um determinado momento ou por longo tempo.

Por essa generalidade, os acontecimentos manifestam sua natureza coletiva, sejam eles os costumes, os sentimentos comuns aos grupos, as crenças ou valores. Formas de habitação, sistemas de comunicação e a moral existente em uma sociedade apresentam generalidade.

Neste sentido, os fatos são gerais justamente por serem coletivos e não ao contrário, ou seja, ser coletivo por ser geral. Nas palavras do autor:

"ele está em cada parte porque está no todo, o que é diferente de estar no todo por estar nas partes. Se uma maneira de se conduzir, que existe exteriormente às consciências individuais se generaliza, ela só pode fazê-lo impondo-se".

## Os fatos sociais: fixos e não fixos

Quando se diz que são fatos sociais fixos ou não fixos significa que podem se apresentar de duas maneiras diferentes: como *maneiras de agir* ou como *maneiras de ser*.

Há uma relação importante entre esses dois tipos de fenômenos. Muitas vezes um movimento social se inicia como maneira de agir e pode vir a se fixar e estabelecer (se institucionalizar) e daí se tornar uma maneira de ser.



## COMENTÁRIO

### Características dos fatos sociais

Coercitividade, externalidade e generalidade.



## CONCEITO

### Maneiras de agir

As **maneiras de agir** são formas de agir e pensar coletivas, que determinam o comportamento dos indivíduos, que os obrigam a agir de uma determinada forma, mas não têm uma longa duração no tempo, ou seja, são efêmeras e instáveis. Um linchamento seria um bom exemplo desse tipo de fenômeno, se considerarmos que, na maioria das vezes, os participantes, individualmente, não seriam capazes de praticar tal ato. É o grupo, a coletividade, pela sua capacidade de coerção, que os leva a agir de uma determinada maneira em um dado momento.

### Maneiras de ser

As **maneiras de ser** também são fenômenos de ordem coletiva que determinam o comportamento dos indivíduos, mas nesse caso há uma durabilidade no tempo, uma permanência ou estabilidade.

Um sistema religioso ou econômico estabelecido pode ser um bom exemplo desse tipo de fato social. Os dogmas de uma religião, que não foram criados por nenhum dos fiéis, se impõem de maneira estável e contínua no tempo, coagindo as pessoas a os aceitarem.



## EXEMPLO

Por exemplo, um movimento religioso de caráter momentâneo (um grupo de pessoas que se reúne para ouvir um líder carismático, por exemplo) pode vir a se estabelecer como uma nova religião organizada, estável e permanente.

Teríamos bons exemplos também no caso da *língua* que falamos. A língua portuguesa, em sua versão formal, apresenta uma série de padrões e regras fixos, estáveis e, até mesmo, codificados. Nesse aspecto, seria uma *maneira de ser*.

Por outro lado, a língua usada no dia a dia é viva e está em constante processo de transformação. Novas palavras, gírias, novas sintaxes, novas formas verbais surgem o tempo todo. Nesse aspecto, a língua estaria recheada de *maneiras de agir* passageiras e efêmeras.

É interessante observar que muitas dessas, digamos, *maneiras de agir linguísticas* se transformam em *maneiras de ser* à medida que vão sendo incorporadas à língua padrão, à gramática e ao dicionário. Basta lembrar-se da história da forma de tratamento *vossa mercê*, que se transformou em *vosmecê*, depois em *você* (já incorporado) e que hoje, pelo menos em Minas Gerais, é *cê*.

## A dualidade dos fatos morais

Fatos morais ou sociais são externos em relação aos indivíduos e, portanto, são estranhos a eles em alguma medida. No mínimo, são coisas que não foram criadas pela pessoa e assim podem diferir mais ou menos de seu pensamento. Além disso, esses fatos externos e *estranhos* têm a capacidade de exercer coerção, isto é, podem se impor aos indivíduos como uma obrigação.

Desse ponto de vista, a sociedade, as regras e a moral aparecem como realidades que constroem o indivíduo, que limitam a sua ação e a possibilidade de realização de suas vontades. Viver em sociedade representaria, assim, um sacrifício ou, no mínimo, um incômodo.

Mas esse é apenas um dos lados da questão. Se a sociedade e a moral só tivessem esse lado negativo e coercitivo, seria muito difícil explicar a existência da ordem social.

É sabido que nenhum grupo ou sociedade pode sobreviver por muito tempo com base apenas na coerção. Pessoas muito insatisfeitas são capazes de enfrentar qualquer tipo de perigo para encontrar uma saída. Basta observar que mesmo nos regimes políticos muito fechados, mantidos pela violência, a resistência não deixa de existir e, na maioria das vezes, leva o sistema à ruína.

Os fatos sociais ou morais não são apenas obrigações desagradáveis que temos que seguir independentemente de nossa vontade. São também coisas que queremos e necessitamos. Nesse caso, a coerção deixa de se fazer sentir, se transforma em respeito. Aquilo que antes era uma obrigação se transforma em um dever. Algo que poderia ser visto como um sacrifício passa a ser visto como um prazer.

Isso acontece porque o indivíduo não se realiza fora da sociedade ou do grupo. Só entre outras pessoas, em um meio onde exista ordem e um conjunto de instituições morais re-

**É sabido que nenhum grupo ou sociedade pode sobreviver por muito tempo com base apenas na coerção.**

guladoras do comportamento coletivo, o indivíduo pode encontrar segurança (tanto física como psicológica) e tranquilidade para levar a sua vida.



## REFLEXÃO

Por isso, ou seja, em retribuição a essa segurança, o indivíduo passa a ver a sociedade não como um conjunto de obrigações estranhas a ele, mas como um conjunto de direitos e deveres que ele precisa e, acima de tudo, quer respeitar.

## Regras relativas à observação dos fatos sociais

Ao definir o método de observação dos fatos sociais, Durkheim afirma que toda explicação científica exige que o pesquisador mantenha certa distância e tenha neutralidade em relação aos fatos. Para ele, os valores e sentimentos pessoais podem distorcer a realidade dos fatos, prejudicando a objetividade da análise. Portanto, o sociólogo deverá manter-se neutro ante o fato observado.

Para ele, tudo que nos mobiliza — simpatia e paixões — dificulta o conhecimento verdadeiro, fazendo-nos confundir o que vemos com aquilo que queremos ver. Essa neutralidade em face da realidade pressupõe o não envolvimento emocional ou qualquer outra espécie de sentimento entre o cientista e o seu objeto.

Levando às últimas consequências essa proposta de distanciamento cognitivo entre o cientista e seu objeto de estudo, assumido pela ciência natural, Durkheim defende a ideia de que o sociólogo deve tratar os fatos sociais como coisas, isto é, objetos que lhes são exteriores. Nesta concepção Durkheim entende que:

“Os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas, o que impõe a observação. Os fenômenos sociais não são coisas materiais, pois constituem coisas materiais só que de uma maneira diferente. Tratar fatos de uma certa ordem como coisas, não é, pois, classificá-los nesta ou naquela categoria do real: é ter, em relação a eles, uma certa atitude mental. Seu estudo deve ser abordado a partir do princípio de que se ignora completamente o que são, e de que suas propriedades características, assim como as causas desconhecidas de que estas dependem, não podem ser descobertas nem mesmo pela mais atenta das introspecções.” (SILVA, 2006, p. 107).

Tratar os fatos sociais como coisas, implica, pois, que o cientista isento de paixões, desejos ou preconceitos, disponha de métodos objetivos, como a observação, a descrição, a comparação e o cálculo estatístico para apreender suas regularidades. Deve o sociólogo manter-se afastado também das opiniões dadas pelo envolvidos. Tais opiniões, juízos de valores individuais, podem servir de indicadores dos fatos sociais, mas mascaram as leis de organização social, cuja racionalidade só é acessível ao cientista.

Para levar essa racionalidade ao extremo, Durkheim propõe o exercício da dúvida metódica, ou seja, a necessidade do cientista questionar sobre a veracidade e objetividade dos fatos estudados, procurando anular, sempre, a influência de seus desejos, interesses e preconceitos.

## Regras relativas à distinção entre o normal e o patológico

Uma questão de essencial importância no pensamento de Durkheim é a crença na coesão e harmonia social. A força dessa ideia reside na perspectiva de que a sociedade é um organismo vivo, é um tecido de inter-relações entre órgãos e funções que respondem a certas necessidades fundamentais, assegurando, assim, sua manutenção e estabilidade.

Durkheim parte, pois, do princípio de que o objetivo máximo da vida social é promover a harmonia da sociedade, e que essa harmonia é conseguida por meio do consenso social; dessa forma, a saúde do organismo social se confunde com a generalidade dos acontecimentos.

Quando um fato coloca em risco a harmonia, o acordo, o consenso e, portanto, a adaptação e a evolução da sociedade, estamos diante de um acontecimento de caráter mórbido e de uma sociedade doentia.

Essa análise funcional da sociedade está estreitamente ligada à tentativa de Durkheim de proporcionar critérios para distinguir a normalidade da patologia social. Para o autor uma noção dessa natureza separa em demasia a ciência da prática.

"O que a ciência pode fazer é discernir e estudar as condições do funcionamento normal do sistema orgânico e do social, identificando patologia e indicando medidas práticas apropriadas para restaurar a saúde. Podemos descobrir, de acordo com Durkheim, 'critérios objetivos, inerentes aos próprios fatos' do que é normal e do que é patológico. Quer se trate de Biologia, quer se trate de Sociologia." (GIDEENS 1978).

Deve-se, assim, identificar os tipos normais por meio da observação. A Medicina estuda as funções do organismo médio, e com a Sociologia deveria ocorrer a mesma coisa. Dentro da concepção de Durkheim, normal também tem uma concepção de generalidade. Ou seja, se um fato social é encontrado em todas as sociedades de todos os tempos, então ele é normal. A este respeito, o autor fornece o instigante exemplo do crime como forma de ilustrar esta assertiva.

Segundo ele, o crime existe em todas as sociedades, de todas as espécies, e não tende a diminuir. Não poderia ser normal a ausência de crime, pois um fato que não é observado em nenhuma situação não poderia ser considerado normal. A ausência de crime seria impossível em uma sociedade, portanto, não poderia ser considerada normal.

Obviamente que existem graduações de crime; ou seja, ele poderia aumentar a um ponto de se tornar patológico, ou seja, comprometer o tecido social. O crime seria também útil. Segundo o próprio Durkheim, o crime:

"é necessário; ele está ligado às condições fundamentais de toda a vida social e, por isto mesmo, é útil; pois as condições de que ele é solidário são elas mesmas indispensáveis à evolução normal da moral e do direito" (SILVA, 2006, p. 71).

Neste sentido, se o crime é considerado normal, então ele é inevitável ainda que lastimável. Entretanto, cabe lembrar que os atos qualificados de crime variam de uma sociedade para outra.

## ★ EXEMPLO

Temos, por exemplo, em alguns países do Oriente Médio o apedrejamento de mulheres por acusação de adultério. O que seria considerado justiça em uma cultura, em nosso país seria um crime bárbaro. Percebem?

A distinção entre normal e patológico passa pela fuga do mediano. Desta forma, o que é normal varia de sociedade para sociedade. Assim, uma instituição, uma prática costumeira, uma conduta, uma regra moral serão considerados normais ou patológicas conforme se aproximam ou se afastam, respectivamente, do tipo médio da sociedade.

Assim, é normal o fato que não extrapola os limites dos acontecimentos mais gerais de determinada sociedade que refletem as condutas mais aceitas pela maior parte da população.

## REFLEXÃO

Pode-se dizer que os fenômenos considerados patológicos variam na proporção inversa daqueles considerados normais. Assim, patológicos são aqueles fenômenos que se encontram fora dos limites permitidos pela ordem social e moral vigente. Eles são transitórios e excepcionais assim como as doenças.

As categorias de normal e patológico se articulam ao conceito de *anomia* e constituem, na teoria de Durkheim, o fundamento analítico na observação da regularidade empírica dos fatos sociais.

Para Durkheim, quando as regras sociais e os valores que guiam as condutas e legitimam as aspirações dos indivíduos se tornam incertos, perdem o seu poder ou, ainda, tornam-se incoerentes ou contraditórios devido às rápidas transformações da sociedade; resulta daí um quadro de desarranjo social denominado anomia.

Podemos denominar 'condutas anômicas' aquelas que o indivíduo adota quando se vê privado das referências normativas e dos controles que organizam e limitam seus desejos e aspirações - são condutas marginais e, de um modo geral, ligadas à violência.

## ★ EXEMPLO



Foto do memorial no local do acidente

Um exemplo clássico é dos jovens chilenos que sofreram um trágico acidente nas Cordilheiras dos Andes, em 1972. Sem comida ou quaisquer possibilidades de sobrevivência, foram obrigados pelas circunstâncias incomuns a praticar o canibalismo.

## CONCEITO

### Anomia

O termo anomia foi cunhado por Durkheim em seu estudo sobre suicídio e significa na acepção da palavra falta, privação, inexistência de lei.

Toda a teoria sociológica de Durkheim pretende demonstrar que os fatos sociais têm existência própria e independente daquilo que pensa e faz cada indivíduo em particular. Embora todos possuam consciência individual — seu modo próprio de se comportar e interpretar a vida —, é possível perceber no interior de qualquer grupo ou sociedade, formas padronizadas de conduta e pensamento. Essa constatação está na base do que Durkheim chamou de consciência coletiva.

## Coesão, solidariedade e consciência coletiva

A definição de consciência coletiva aparece pela primeira vez no livro *Da divisão social do trabalho*, obra publicada por Durkheim, em 1893. Trata-se do conjunto de crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.

A consciência coletiva não se baseia na consciência de indivíduos singulares ou de grupos específicos, mas está espalhada por toda sociedade. Ela revelaria o tipo psíquico da sociedade, que não seria apenas o produto das consciências individuais, mas algo diferente, que se imporia aos indivíduos e perduraria através das gerações.

A consciência coletiva é, em certo sentido, a forma moral vigente na sociedade. Ela aparece como um conjunto de regras fortes e estabelecidas que atribuem valor e delimitam os atos individuais. É a consciência coletiva que define o que, em uma sociedade, é considerado imoral, reprovável ou criminoso.

Cabe esclarecer a estreita relação entre os conceitos de consciência coletiva e a solidariedade social, este último definido por Durkheim como os laços que unem os indivíduos entre si formando a coesão social.

Neste sentido, a consciência coletiva recobre *espaços* de distintos tamanhos na consciência total das pessoas de acordo com o tipo de sociedade onde elas vivem.

**A consciência coletiva não se baseia na consciência de indivíduos singulares ou de grupos específicos, mas está espalhada por toda sociedade.**



### REFLEXÃO

Assim, quanto maior for o *espaço* ocupado pela consciência coletiva em relação à consciência total das pessoas em uma sociedade, maior a coesão.

Isto é, quanto maior a consciência coletiva, mais os indivíduos se parecem uns com os outros e, portanto, se ligam, se aproximam pelo que têm em comum.

De forma inversa, se a consciência individual é maior em uma sociedade, os indivíduos são diferentes uns dos outros e a solidariedade só pode surgir da percepção geral de que cada um, com suas especialidades, contribui de uma maneira diferente, e importante, para a sobrevivência do todo, ao mesmo tempo em que depende dos demais membros, especialistas em outras funções.

## Morfologia social

Para Durkheim, a Sociologia deveria ter ainda por objetivo comparar as diversas sociedades. O autor constitui, assim, o campo da morfologia social, ou seja, classificação das espécies sociais, em uma nítida referência às espécies estudadas em Biologia.

Ele considerava que todas as sociedades haviam evoluído a partir da horda, a forma social mais simples, igualitária, reduzida a um único segmento em que os indivíduos se assemelhavam a átomos, isto é, se apresentavam justapostos e iguais. Desse ponto de partida, foi possível uma série de combinações das quais se originaram outras espécies sociais identificáveis no passado e no presente tais como os clãs e as tribos.

Para Durkheim, o trabalho de classificação das sociedades — como tudo o mais — deveria ser efetuado com base em apuradas observações experimentais. Guiado por esse procedimento, estabeleceu a passagem da **solidariedade mecânica** para a **solidariedade orgânica** como motor de qualquer transformação de toda e qualquer sociedade.

Uma vez que a solidariedade varia segundo o grau de modernidade da sociedade, a norma moral acaba definindo a norma jurídica, pois é preciso definir, em uma sociedade moderna, regras de cooperação e troca de serviços entre os que participam do trabalho coletivo.

Os tipos de normas do direito indicam, para Durkheim, o tipo de solidariedade que predomina em uma sociedade. Assim ele define duas formas de direito que correspondem a tipos distintos de sociedade.

### DIREITO REPRESSIVO



A preocupação principal desse tipo de direito é punir aquele que não cumpre determinada norma social através da imposição de dor, humilhação ou privação de liberdade. O ponto é que o criminoso agride uma regra social importante para a coletividade e, portanto, merece um castigo de intensidade equivalente a seu erro.

Assim, quanto mais o direito tende a essa forma repressiva (direito penal), mais forte e abrangente é a consciência coletiva em uma sociedade. É assim porque todo erro que é punido repressivamente representa uma agressão contra a sociedade como um todo e não contra uma parte dela apenas.



### CONCEITO

#### Solidariedade Mecânica

Solidariedade mecânica, para Durkheim, era aquela que predominava nas sociedades pré-capitalistas, nas quais os indivíduos se identificavam por meio da família, da religião, da tradição e dos costumes, permanecendo, em geral, independentes e autônomos em relação à divisão do trabalho social. A consciência coletiva exerce aqui todo seu poder de coerção sobre os indivíduos. Vale dizer que mesmo em sociedades capitalistas este tipo de solidariedade pode estar presente, uma vez que existem grupos sociais que apresentam uma consciência coletiva fortalecida por vínculos muito estreitos. Podemos verificar este aspecto, por exemplo, em sociedades rurais no interior do Brasil.

#### Solidariedade Orgânica

Solidariedade orgânica é aquela típica das sociedades capitalistas, em que, pela acelerada divisão do trabalho social, os indivíduos se tornaram interdependentes. Essa interdependência garante a união social, em lugar dos costumes, das tradições ou das relações sociais estreitas, como ocorre nas sociedades contemporâneas. Nas sociedades capitalistas, a consciência coletiva se afrouxa, ao mesmo tempo em que os indivíduos tornam-se mutuamente dependentes, cada qual se especializa em uma atividade e tende a desenvolver maior autonomia pessoal.

## DIREITO RESTITUTIVO

A preocupação principal nesse tipo de direito é fazer com que as situações perturbadas sejam restabelecidas e retornem a seu estado original. Ao infrator cabe, simplesmente, reparar o dano causado.

Isso acontece porque o dano causado não afeta a sociedade como um todo, mas apenas uma função específica desempenhada nela. Quanto maior é a participação do direito restitutivo em uma sociedade, menor é a força e a abrangência da consciência coletiva, maior é a diferenciação individual.

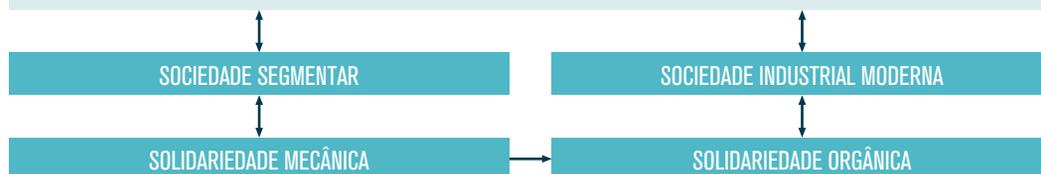
Portanto, ao identificar o tipo de direito que predomina em uma sociedade, estamos identificando o tipo de solidariedade existente. Se predomina o direito repressivo, uma maior quantidade de normas é mantida pela consciência coletiva (solidariedade mecânica). Se predomina o direito restitutivo uma menor quantidade de normas diz respeito à sociedade como um todo (solidariedade orgânica).

Em destaque...

### EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES OU EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE SOLIDARIEDADE ENTRE OS HOMENS.

**Ideia central:** a substância (conteúdo, cimento, matéria, base) da sociedade é a solidariedade (relações de harmonia, consenso, integração social, articulação funcional de todos os elementos da realidade social).

▪ *Princípio da integração entre indivíduos e grupos no interior da sociedade.*



- A ordem social é mantida porque há uma divisão social do trabalho baseada em critérios tradicionais.
- Neste caso a autoridade da **tradição** é a autoridade da **consciência coletiva**, porque é no legado de gerações anteriores que ela existe, se cria e se modifica lentamente.
- Ou seja, a consciência coletiva esmaga a consciência individual, **o indivíduo é o que o grupo social lhe permite ser.**
- Os indivíduos estão integrados pela identidade (**similitude ou semelhança**).

Através de um processo de adensamento (por contato social, por crescimento demográfico), cresce o tamanho da sociedade, aparecem novas funções, novas tarefas sociais; à medida que as sociedades se avolumam, a consciência comum passa de concreta para abstrata, permitindo um afrouxamento da vigilância coletiva.

- O indivíduo nessas sociedades já é mais independente em relação ao grupo; existem maiores variações individuais.
- Neste caso o que mantém a ordem é uma **interdependência funcional**, ou seja, há uma maior divisão social do trabalho, criam-se diferentes funções decorrentes das necessidades do sistema produtivo.
- Cada indivíduo (ou instituição social, como unidades do organismo) cumpre seu papel social.
- Quanto maior for a divisão, maior será a dependência da função desempenhada pelo outro.



## RESUMO

### Comte

Considerado o pai da Sociologia. Formulou a lei dos três estágios, segundo a qual a humanidade, assim como a psique dos indivíduos particulares, passa por três estágios: estágio teológico, estágio metafísico e estágio positivo.

O objetivo da ciência — diz Comte — é a pesquisa das leis, e isso por causa do fato de que “apenas o conhecimento das leis dos fenômenos [ ... ] pode evidentemente levar-nos na vida ativa a modificá-los para nossa vantagem”. Ciência, de onde previsão; previsão, de onde ação. Na esteira de Bacon e de Descartes, Comte afirma que será a ciência que fornecerá ao homem o domínio sobre a natureza. Por conseguinte, é indispensável conhecer as sociedades. Eis, então, que Comte propõe a ciência da sociedade, a Sociologia, como Física social, que tem como tarefa a descoberta das leis que guiam os fenômenos sociais, assim como a Física estabelece as leis dos fenômenos físicos; e faz isso por meio de observações e comparações. A Física social ou Sociologia divide-se em estática social e dinâmica social.

### Durkheim

Fundador da Sociologia científica. Combinou a pesquisa empírica com a teoria sociológica. Sua contribuição tornou-se ponto de partida do estudo de fenômenos sociológicos como a natureza das relações de trabalho, os aspectos sociais do suicídio e as religiões primitivas.

A abordagem com que Durkheim debruçou-se sobre a Sociologia se anuncia nas obras *De la division du travail social* (1893; *Da divisão do trabalho social*) e *Les Règles de la méthode sociologique* (1895; *As regras do método sociológico*). Na primeira, analisa o problema da ordem em um sistema social de individualismo econômico. Na segunda, define fato e esquematiza a trama metodológica com que estudou os fenômenos sociais.

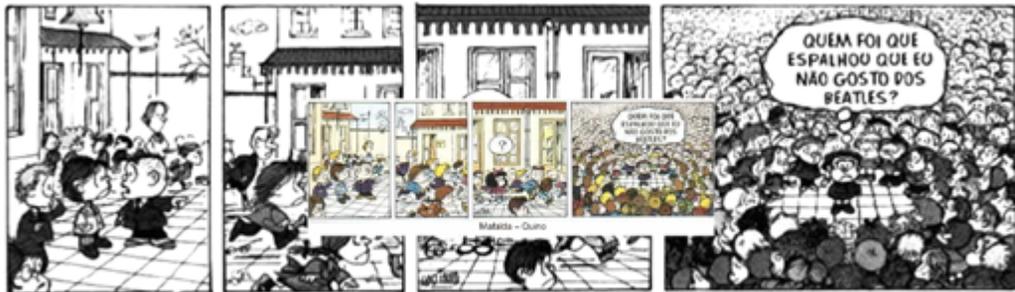
Na análise dos sistemas sociais, Durkheim introduziu os conceitos de solidariedade mecânica e orgânica, que o levaram à distinção dos principais tipos de grupos sociais. A solidariedade mecânica ocorre nas sociedades primitivas, nas quais os indivíduos diferem pouco entre si e partilham dos mesmos valores e sentimentos. A orgânica, presente nas sociedades mais complexas, se define pela divisão do trabalho.

O estudo das sociedades mais complexas levou Durkheim às ideias de normalidade e patologia sociais, a partir das quais introduziu o conceito de anomia, ou seja, ausência ou desintegração das normas sociais. Como as sociedades mais complexas se baseiam na diferenciação, é preciso que as tarefas individuais correspondam aos desejos e aptidões de cada um. Isso nem sempre acontece e a sociedade se vê ameaçada pela desintegração, pois os valores ficam enfraquecidos. A solução proposta por Durkheim são as formas cooperativistas de produção econômica.



## ATIVIDADE

1. (UFU, 2012) Observe a tirinha de Quino:



Mafalda – Quino

Se tomarmos como ponto de partida que a ilustração indica a concepção de fato social, segundo Durkheim, qual característica pode ser identificada? Marque a única resposta certa:

- a) Ser geral e igual em todas as sociedades.
- b) Dar liberdade ao indivíduo, em uma dada sociedade, de praticar ações e atitudes ligadas ao seu senso crítico.
- c) Ser particular de cada indivíduo, sem interferência do grupo social no qual está inserido.
- d) Exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior.
- e) A vontade individual se sobrepõe à do grupo.

2. (UEL, 2011) O positivismo foi uma das grandes correntes de pensamento social, destacando-se, entre seus principais teóricos, Augusto Comte.

Sobre a concepção de conhecimento científico, presente no positivismo do século XIX, é correto afirmar:

- a) A busca de leis universais só pode ser empreendida no interior das ciências naturais, razão pela qual o conhecimento sobre o mundo dos homens não é científico.
- b) Os fatos sociais fogem à possibilidade de constituírem objeto do conhecimento científico, haja vista sua incompatibilidade com os princípios gerais de objetividade do conhecimento e a neutralidade científica.
- c) Apreender a sociedade como um grande organismo, a exemplo do que fazia o materialismo histórico, é rejeitado como fonte de influência e orientação para as investigações empreendidas no âmbito das ciências sociais.
- d) A ciência social tem como função organizar e racionalizar a vida coletiva, o que demanda a necessidade de entender suas regras de funcionamento e suas instituições forjadas historicamente.
- e) O papel do cientista social é intervir na construção do objeto, aportando à compreensão da sociedade os valores por ele assimilados durante o processo de socialização obtido no seio familiar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRUM, Clara. *Apostila de Sociologia Geral AVM*. Rio de Janeiro: 2008.
- COMTE, A. "Curso de Filosofia Positiva". In: Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência de Sociedade*. São Paulo: Moderna, 2013.
- COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1990 [1895].
- DURKHEIM, Emile. *A divisão do trabalho social*. Lisboa: Presença, 1991 [1893].
- DURKHEIM, Emile. "Regras relativas à observação dos fatos sociais". In: As regras do método sociológico. São Paulo: Nacional, 1990. (Biblioteca Universitária. Série 2. Ciências Sociais; v. 44). p. 13-39.
- GIDEEMS, Anthony. *As ideias de Durkheim*. São Paulo: Cultrix, 1978. (Mestres de Modernidade) p.1.
- LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1985.
- MORAES FILHO, Evaristo (org) *Comte*. In: *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1989, p. 8.
- MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1981, v. 3.
- NOVA ESCOLA. *Grandes Pensadores*: Lourenço Filho. Disponível em: <[http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/167\\_nov03/html/pensadores](http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/167_nov03/html/pensadores)> acessado em: 15/02/2014.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- QUINTANEIRO, Tânia et ali. *Um toque de Clássicos*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- SÊGA, Rafael Augustus. *Ordem e Progresso*. Disponível em: <[www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)>. Acesso em 10/01/2014.
- SOARES, M. P. *O positivismo no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- <http://jus.com.br/artigos/22205/o-fato-social-patologico-no-metodo-de-emile-durkheim-e-sua-relacao-com-o-fenomeno-juridico#ixzz2u6lycYsc>. Acesso em 04/06/2014



## IMAGENS DO CAPÍTULO

**P. 78 Auguste Comte**

Autor desconhecido · *Wikimédia* . DP

**P. 79 Passagem para a Índia**

Divulgação · *Columbia Pictures*

**P. 80 Retrato de Auguste Comte**

Jules Etex · *Wikimédia* . DP

**P. 82 Meninos do Brasil**

Divulgação · *20th Century Fox*

**P. 84 Gattaca**

Divulgação · *Columbia Pictures*

**P. 86 Pink Floyd The Wall**

Divulgação · *MGM*

**P. 86 Logotipo da Sociedade Positivista**

Autor desconhecido · *Museu Benjamin Constant*

**P. 87 Benjamin Constant**

Autor desconhecido · *Wikimédia* . DP

**P. 87 Laranja mecânica**

Divulgação · *Warner Bros.*

**P. 88 Mulheres perfeitas**

Divulgação · *DreamWorks*

**P. 89 As Regras do Método Sociológico**

Autor desconhecido · *Wikimédia* . DP

**P. 95 Memorial**

BoomerKC · *Wikimédia* . DP

**P. 97 Prisão**

Federal Bureau of Prisons · *Wikimédia* . DP

**P. 100 Mafalda**

Divulgação · *Quino*



# 5

## **A Sociologia Alemã**

ANTONIO CLAUDIO ENGELKE  
MENEZES TEIXEIRA



## IMAGEM

## Marx e Engels



Crítico do capitalismo, Marx fundou, em 1864, a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, que ficaria conhecida como *Primeira Internacional*. Sem dinheiro para se sustentar, dependia da ajuda financeira de Engels, que vinha de família mais rica, para continuar estudando e escrevendo.

Em 1867, publicou o primeiro volume de *O Capital*, sua obra mais importante. Até a data de sua morte, em 1883, Marx continuaria publicando artigos no jornal *Tribuna Diária de Nova York*, e se dedicando a escrever os outros dois volumes de *O Capital* (que só seriam publicados postumamente, por Engels). Consta que apenas 11 pessoas assistiram ao seu enterro – um número pequeno, se considerarmos a quantidade de pessoas que foram influenciadas por suas ideias no mundo inteiro desde então.

## Karl Marx, crítico da modernidade

É provável que você já tenha ouvido falar em Marx. Ele ficou conhecido como o *pai do comunismo*, e é por isto que desperta tanta polêmica: de um modo geral, ou se ama, ou se odeia Marx. Mas você não precisa nem amar, nem odiar Marx, para reconhecer a importância de seu pensamento. Alguns de seus argumentos nos ajudaram a ter uma compreensão mais refinada do mundo. É importante conhecer esses argumentos, mesmo que você venha a discordar deles depois.

Isto porque as ideias de Marx tiveram um enorme impacto na política e na história do pensamento. Sua obra marcou decisivamente não apenas o início da Sociologia, mas afetou também Filosofia, Política, Economia, Literatura, História e Artes em geral.

Ela nos deixou como herança uma linguagem de crítica, uma maneira de avaliar os principais aspectos do mundo moderno: o capitalismo, sua relação com o Estado e a sociedade. Marx nos ensinou a desconfiar das aparências, a procurar pelas contradições profundas por baixo das relações sociais modernas.

## Apresentando Marx

De origem judaica, Marx nasceu em Trier, cidade da Alemanha, em 1818. Estudou Direito, História e Filosofia na Universidade de Bonn, e então se mudou para Berlim. Fez seu doutorado, em Filosofia, em 1841, mas não conseguiu emprego como professor universitário.

Em outubro de 1842, decidiu ir morar na cidade de Colônia, onde começou a trabalhar como jornalista. O governo fechou o jornal onde escrevia, e Marx, então já casado, mudou-se para Paris, onde conheceu Friedrich Engels, com quem faria uma parceria intelectual para o resto da vida. Marx teve sete filhos, mas apenas três chegariam à idade adulta.

Continuou publicando em jornais, e se envolvendo cada vez mais com política, principalmente com o movimento operário europeu. Em 1848, **Marx e Engels** publicaram o *Manifesto do Partido Comunista*, texto que se tornaria um clássico, servindo de inspiração a movimentos operários e socialistas do mundo inteiro. Novamente perseguido pelo governo, Marx se exilou na Bélgica e, por fim, em Londres, onde viveu até sua morte.

## Introdução

Uma boa maneira de começar a conhecer a obra de um autor é entender o contexto em que ele viveu, as questões que o preocupavam, e contra quem escrevia. É o que faremos nesta introdução. Antes de vermos mais de perto alguns dos argumentos de Marx, vamos observar um pouco da realidade política, econômica e intelectual em que ele vivia, e que foi decisiva para a formação de suas ideias. Isto vai nos ajudar a situar os argumentos de Marx, facilitando sua compreensão.

No começo do século XVI, um trabalhador inglês levava em média 3 meses para conseguir sustentar sua família pelo ano inteiro. No final do século XVIII, precisava trabalhar o ano inteiro, sem parar, para obter a mesma renda. Ou seja, a vida estava ficando mais difícil em termos econômicos: para o trabalhador médio, ganhar dinheiro tornava-se um desafio cada vez maior.



### COMENTÁRIO

Os dados são do historiador Christopher Hill, em seu livro *“Reformation to Industrial Revolution: a social and economic history of Britain, 1530-1780.”*

Nascido no início do século XIX, Marx viu com os próprios olhos esta realidade econômica, a imensa transformação que a Revolução Industrial havia colocado em movimento. Mas por que as coisas haviam mudado tanto? Como foi que a Revolução Industrial alterou completamente a vida econômica do Ocidente (e depois, do mundo todo)?

O fator decisivo para esta grande transformação foi o surgimento de uma *Economia de mercado*, com a ascensão do capitalismo moderno. Mas o que é uma Economia de mercado?

Uma Economia de mercado é aquela que requer mercados para todos os componentes necessários à produção de bens materiais.



### EXEMPLO

Vamos dar um exemplo. Imagine que você é um fabricante de casacos de lã na Inglaterra do final do século XVII. Você aprendeu a fabricá-los com o seu pai, que por sua vez havia aprendido com o pai dele. Desde sempre, sua família comprava a lã de um fornecedor local, que criava carneiros em um pedaço de terra perto da sua casa. Vocês fabricavam os casacos manualmente, isto é, artesanalmente, e os vendiam depois nas pequenas feiras populares de rua.

Acontece que, um dia, vocês recebem a notícia de que uma máquina havia sido criada, e que ela conseguia produzir em um dia o mesmo número de casacos que você e seu pai levavam um mês para fazer. A família se reúne para discutir se vale a pena comprar uma máquina daquelas, que na época era bastante cara. Muitas perguntas e dúvidas surgem.

“E se nós comprarmos a máquina, mas não houver lã suficiente para abastecê-la? Se não conseguirmos vender todos os casacos que produzirmos, vamos guardá-los onde?”

“Sendo a máquina muito cara, precisaremos pegar dinheiro emprestado para comprá-la — mas como vamos ter a certeza de que o investimento vale a pena?”

“Com tantos casacos produzidos em um único mês, precisaremos contratar alguém para vendê-lo em outras feiras além das nossas... Mas quanto será o salário que pagaremos a esta pessoa?”



Giuseppe Pellizza da Volpedo: *Il Quarto Stato*, de 1901.

São muitas mudanças. Só valeria a pena correr o risco de pegar um empréstimo e comprar uma máquina se a venda dos casacos fosse razoavelmente garantida, e se a produção não fosse interrompida por falta de matéria-prima. Para você e seu pai, isto significava que *tudo aquilo que fosse necessário ao negócio* — a lã, alguém para contratar como vendedor, o dinheiro do empréstimo junto ao banco — *teria que estar disponível na quantidade necessária, e por um preço justo*. Se não houvesse lã suficiente para alimentar a máquina, não adiantaria fazer o investimento. Se não houvesse pessoas dispostas a trabalhar como vendedores de casaco, e por um salário que vocês pudessem pagar, também não valeria a pena comprar a máquina. E se os juros do banco fossem altíssimos, vocês não iriam pegar dinheiro emprestado.

**Conclusão:** para que vocês pudessem comprar a máquina e passar a fabricar casacos em escala industrial, a terra (para a criação de ovelhas, que fornece a lã), o trabalho (assalariado) e o dinheiro precisavam estar disponíveis no mercado, *como se fossem mercadorias*.

Mas repare: trabalho, terra e dinheiro não são mercadorias, isto é, não são produzidos para a venda. O trabalho é a atividade da vida dos homens. A terra é o seu habitat natural. E o dinheiro é uma convenção que facilita a troca.

Portanto, o fato de o trabalho, a terra e o dinheiro começarem a obedecer a uma lógica de mercado — porque, afinal, transformaram-se em *mercadorias* — significou que *os pilares fundamentais da vida social passaram a ser governados pela lógica econômica*.

Trata-se de uma novidade e tanto. Em todas as sociedades e civilizações — a Grécia antiga, a China medieval, o Império Romano, as civilizações árabes pré-modernas, as tribos indígenas etc. —, a Economia era parte das relações sociais. Sempre houve a troca, o comércio, a produção de bens, a extração de riquezas, mas tudo isso era limitado e constrangido por regras sociais.

A partir da ascensão do capitalismo e, sobretudo, depois da Revolução Industrial, isto muda radicalmente: *ao invés de a Economia ser parte integrante das relações sociais, são as relações sociais que passam a estar contidas na Economia.*



## COMENTÁRIO



Este argumento é desenvolvido por Karl Polanyi na parte 1 de seu livro *A grande transformação*.

*The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time* é a obra mais importante do filósofo e historiador da Economia húngaro Karl Polanyi, publicada originalmente em 1944 nos Estados Unidos.

Hoje em dia, nós nem percebemos mais este fato. Já estamos acostumados a achar natural que a vida social esteja sujeita à lógica da Economia. Mas Marx testemunhou estas transformações no momento em que elas explodiram com toda intensidade, revolucionando a sociedade, o trabalho, a Economia, a Política, enfim, a vida das nações.



## EXEMPLO

Por exemplo, o crescimento das indústrias levou a uma urbanização muito acelerada, e a vida nas cidades rapidamente se deteriorou: favelização, falta de saneamento básico, jornadas de trabalho exaustivas, tudo isso contribuía para as péssimas condições de vida dos trabalhadores (falida, a família produtora de casacos artesanais engrossaria as fileiras de operários urbanos...).

Para se ter uma ideia, operários chegavam a trabalhar 16 horas por dia; em 1833, crianças entre 9 e 13 anos foram proibidas de trabalhar por mais de 9 horas diárias na Inglaterra... Uma descrição da Londres de meados do século XIX se parece muito com a de uma favela brasileira atualmente.

Marx acreditava que faltava um esforço intelectual no sentido de pensar criticamente sobre estas questões da maneira que ele julgava adequada. Embora admirasse os pensadores socialistas de sua época, como Saint-Simon e Fourier, Marx os julgava *utópicos*, porque suas ideias em prol de uma sociedade mais justa pareciam irrealizáveis.

Do mesmo modo, apesar de reconhecer a grandeza do principal mentor filosófico de seu tempo, o também alemão Georg W. F. Hegel, Marx achava que era necessário se distanciar do *idealismo* de sua escola de pensamento. Por fim, Marx discordava completamente dos pensadores da tradição *liberal*, que elogiavam a Economia de mercado. Tais pensadores acreditavam que apenas o mercado poderia regular o próprio mercado: quanto menos o governo se intrometesse na Economia, melhor.



## CONCEITO

### Idealismo

O idealismo é uma corrente bastante ampla de filosofia (já havia idealistas na Grécia e na Índia antigas...). Mas, de modo geral, podemos resumí-la como sendo a afirmação de que a realidade, tal como a conhecemos, é construída mentalmente. Em termos sociológicos, o idealismo consiste na alegação de que as ideias humanas, crenças e valores, moldam a sociedade.

### Liberalismo

Liberalismo é uma escola de pensamento que abrange Filosofia, Política e Economia, e tem na defesa da liberdade sua principal característica. Entre seus pensadores mais famosos, destacam-se Adam Smith, John Locke, John Stuart Mill e Friedrich Hayek.

## CONCEITO

### Materialismo

*Materialismo*, como veremos logo adiante, refere-se às condições materiais de existência, que, para Marx, era a base de onde deveria partir toda avaliação da vida humana. O conceito de “dialética” é oriundo da filosofia, e foi utilizado de diferentes formas por diferentes autores. Para Marx, *dialética* refere-se sobretudo a uma *contradição*.

Por exemplo: um processo em que algo ocorre (uma *tese*), gera um efeito contrário (*antítese*), e do choque de ambos resultará um novo fenômeno (uma *síntese*). Este movimento conflituoso, no qual “tese” e “antítese” se chocam de modo a dar origem a uma “síntese”, é um movimento *dialético*.

## COMENTÁRIO

### Trabalho

Trabalho aqui não significa apenas atividade profissional (por exemplo: *fulano é advogado, beltrano é engenheiro...*), mas sim um modo de organizar as forças produtivas da sociedade.

Nada nem ninguém deveria intervir nos preços dos salários, terras, produtos, ou nas regras de comércio. Isto porque o mercado seria como que regido por *mão invisível*, que resultava da interação das pessoas, e este resultado acabaria sendo benéfico para todos.

Marx não concordava com nada disto, e dedicou sua vida a mostrar que estavam errados. Como ele armou sua crítica, é o que veremos agora, a partir dos conceitos de estrutura, superestrutura, relações de produção, capitalismo, trabalho, alienação, mais-valia, ideologia e fetichismo da mercadoria.

## Estrutura, superestrutura e relações de produção

“Filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é transformá-lo.” (Marx, *Teses sobre Feuerbach*).

Marx avançou suas críticas acerca do mundo moderno em geral, e do capitalismo industrial em particular, através de uma perspectiva que ficou conhecida como *materialismo histórico dialético*.

Veremos em que consiste este método, qual seu ponto de partida, e suas implicações para a compreensão de fenômenos sociais e políticos. “O primeiro pressuposto de toda a existência humana”, afirma Marx, é que: “os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer a história”.

Mas, para viver, é necessário, antes de mais nada, beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se etc. *O primeiro fato histórico é, pois, a produção da própria vida material*; trata-se de um fato histórico; de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar, dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos.” (*A ideologia alemã*, p. 33.)

É este o ponto de partida de Marx: a fim de satisfazer nossas necessidades, nós humanos produzimos nossos meios de vida. Isso significa que o trabalho é a atividade humana mais básica, elementar. Portanto, se quisermos entender como uma sociedade produz a si própria, temos que entender a dinâmica de *trabalho* desta sociedade.

As forças produtivas, diz Marx, resultam da energia prática dos homens, mas com um detalhe importante: nós não escolhemos livremente de que forma empregamos essa energia. Ao contrário, nossa energia prática já é resultado das condições em que nos encontramos, ou seja, é uma herança das gerações que vieram antes de nós.

Marx procurou identificar as leis de desenvolvimento das sociedades, um modo básico de funcionamento comum a todos os grupos humanos, em qualquer época.

Resumindo bastante, seu argumento assim se desenvolve:

- as forças produtivas de uma dada sociedade precisam se expandir;
- quando o fazem, chocam-se com as estruturas econômicas, sociais e políticas estabelecidas;
- estas estruturas começam a ruir, e então abre-se uma época revolucionária;
- dos conflitos sociais que dela resultam surgirá uma nova sociedade, com uma nova estrutura, até que novas forças produtivas comecem a se expandir...

E o ciclo recomeça. Examinemos mais detalhadamente como todo este processo ocorreria.

Segundo Marx, a um determinado conjunto de forças produtivas correspondem certas relações sociais de produção. Mas o que seriam tais *relações sociais de produção*?

Compreendem a organização e o tipo de cooperação que é preciso haver para que os homens possam produzir. São as maneiras de usar as ferramentas, as matérias-primas ou a matriz energética disponível; é a distribuição dos instrumentos de produção, e o processo de tomada de decisão; é a forma como o produto resultante será apropriado pelas pessoas.

O conjunto das relações sociais de produção forma a *estrutura* de uma sociedade; é a partir desta estrutura que as instituições sociais e políticas vão se constituir. A produção da vida material gera outro tipo de produto: as formas culturais, religiosas, políticas, jurídicas, ideológicas, que Marx chamará de *superestrutura*.

“Na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral.” (*Prefácio* 59.)

O que Marx quer dizer é mais ou menos o seguinte: “Quer entender a cultura, o direito, a religião, enfim, os fenômenos políticos e sociais de uma sociedade? Olhe para a sua Economia, ou melhor, para as relações sociais de produção vigentes nesta sociedade”.

A chave para a compreensão de uma sociedade estaria no seu modo de produção — daí a perspectiva marxista ser *materialista*. Mas há uma armadilha na leitura da obra de Marx. É bastante comum dizerem que, para Marx, a Economia *determina* todo o resto (cultura, religião, leis, política etc.). Ou seja, tudo isso não passaria de um mero efeito ou fenômeno derivado das condições objetivas da Economia.

O pensamento de Marx, entretanto, é mais complexo do que isso. Se Marx tivesse dito que a Economia determina a cultura, a política, a religião etc., então ele teria basicamente repetido o economista clássico **David Ricardo**.



## AUTOR



### David Ricardo.

Nascido em 1772, David Ricardo é, ao lado de Adam Smith, um dos pais do *liberalismo econômico*. Com sua teoria da *vantagem competitiva*, Ricardo quis mostrar que a especialização da indústria e o comércio internacional sempre seriam benéficos para a Economia. Tal teoria permanece até hoje na base dos argumentos a favor da liberdade de comércio internacional.

Na verdade, Marx queria assinalar que as *contradições* do modo de produção da vida material (a estrutura) estabelecem as condições dentro das quais a vida social, política e espiritual (a superestrutura) irá se desenrolar.

Em outras palavras, Marx nos alertava para o fato de que os impasses do sistema capitalista – a exploração de muitos em benefício de poucos, o conflito entre burgueses e proletários – formam o contexto que irá contribuir decisivamente para moldar as demais esferas (cultural, religiosa, jurídica etc.) do mundo moderno.

## COMENTÁRIO

Vale ressaltar que o mesmo processo conflituoso, isto é, a mesma relação dialética entre estrutura e superestrutura, aplica-se não apenas ao modo de produção capitalista, mas a todos os outros (feudal, escravocrata etc.).

É por esta razão que, contrariando toda a filosofia de sua época, Marx poderá afirmar que “*Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.*” Ou seja, nossa visão de mundo, a maneira como percebemos a realidade, não é apenas uma questão de perspectiva individual. Ao contrário, ela depende fundamentalmente da *posição social* que ocupamos, e esta posição social é estabelecida, sobretudo, através das relações de produção.

Tendo isto em mente, podemos agora mergulhar um pouco mais fundo na obra de Marx, e compreender os mecanismos dos quais o capitalismo depende para extrair sua força, para crescer e se reproduzir.

## Capitalismo, trabalho e alienação

Como vimos, para Marx as *forças produtivas* (condições materiais da produção) e as *relações de produção* (formas pelas quais os homens se organizam para levar adiante as atividades produtivas) são os dois fatores principais que estruturam uma sociedade. Há diversos modos de organizar as relações de produção; elas podem ser, por exemplo, de tipo cooperativo, escravagista, servil, ou capitalista. Marx, é claro, irá analisar em detalhes o modo capitalista. Contudo, antes de avançarmos, convém esclarecer que, diferentemente do uso que o senso comum atualmente lhe dá, o termo *capital*, na obra de Marx, não significa *dinheiro*.

No entendimento de Marx,

“O capital é um produto coletivo: só pode ser posto em movimento pelos esforços combinados de muitos membros da sociedade, e mesmo, em última instância, pelos esforços combinados de todos os membros da sociedade. O capital não é, pois, uma força pessoal; é uma *força social.*” (*Manifesto Comunista*).



### Adam Smith

Adam Smith é um dos fundadores da Economia moderna. Escrevendo no século XVIII, Smith argumentou que a riqueza e o crescimento econômico resultam das ações autointeressadas dos indivíduos. Por isso, todos deveriam ter tanta liberdade para fazer comércio quanto fosse possível: a “mão invisível” do mercado se encarregaria de gerar o melhor resultado para as transações.

**Adam Smith**, um dos pais da economia clássica, já havia notado que o trabalho, porque criador de valor, era fonte de riqueza das sociedades. Marx, no entanto, não irá se limitar a observar somente as aparências do mercado sob o modo de produção capitalista, como o jogo de oferta e demanda.

Tomando caminho diverso, Marx investigará como o capitalismo transforma *tudo* em mercadoria, e quais as consequências para aqueles que são mais afetados por este fato. De início, Marx observa que o operário não possui nada, além de sua própria força de trabalho, que ele será obrigado a vender a fim de garantir sua sobrevivência. O próprio operário torna-se uma mercadoria, cuja força de trabalho é alugada pelo burguês mediante o pagamento de um salário. Fazendo este percurso de pensamento, Marx poderá então avaliar criticamente as questões da *exploração* e da *alienação*.

A unidade de análise mais básica no sistema capitalista é a mercadoria, que possui um *valor de uso* (sua utilidade, incalculável) e um *valor de troca* (seu valor proporcional a outras mercadorias; para calculá-lo, medimos quanto tempo foi gasto na sua produção). Mas é no processo de produção destas mercadorias, e na relação com o trabalhador, que está a parte mais interessante desta faceta do pensamento marxista.

O capitalista, o burguês que é dono dos meios de produção (matéria-prima, ferramentas, terra), dispõe de duas maneiras para incrementar aquilo que Marx chamou de *mais-valia* (ou *mais-valor*, segundo algumas traduções). Marx usa o termo mais-valia para se referir à diferença entre o valor final de uma mercadoria (*quanto ela custa na prateleira do supermercado*) e a soma do valor dos meios de produção e do trabalho empregado para produzir tal mercadoria. É esta diferença que garante o lucro. O capitalista pode aumentar a jornada de trabalho, o que Marx chama de mais-valia absoluta, ou incrementar a produtividade através da mecanização, a mais-valia relativa. Ou seja, o lucro não seria apenas um *resíduo*, como supunham os economistas clássicos, mas o efeito de uma intervenção baseada na exploração.

A noção de alienação é chave para entender a exploração inerente ao modo de produção capitalista. Marx entende alienação

no sentido de *separação*, que ocorreria de diversas maneiras. Primeiro, no sistema capitalista, o trabalhador relaciona-se com aquilo que produz como se fosse algo estranho, alheio a ele. Mas não apenas isto: pois o trabalhador estava separado dos meios de produção, e também do fruto de seu trabalho.

### A noção de alienação é chave para entender a exploração inerente ao modo de produção capitalista.



### EXEMPLO

Para facilitar a compreensão deste ponto, voltemos ao exemplo da produção de casacos, que você mantinha com seu pai. Uma coisa é você e sua família fazerem o

casaco com as próprias mãos, vendê-lo nas feiras e assim garantir o sustento.

Outra, completamente diferente, é todos trabalharem em uma fábrica, apertando diariamente botões de máquinas que produzem casacos, e recebendo um salário por isso.

No primeiro caso, vocês não estão alienados dos meios de produção dos casacos, nem do produto final: porque participam de todas as etapas do processo, vocês se relacionam diretamente com os casacos que produzem.

Mas, sendo empregados que não fazem mais do que apertar botões de máquinas, tanto faz que o produto final seja casaco ou, digamos, cadeiras: vocês estão alienados tanto dos meios de produção, quanto do produto final.

Em resumo, no modo de produção capitalista, o trabalhador transforma-se em um mero apêndice de máquinas, realizando tarefas insignificantes, monótonas, sem qualquer relação com aquilo que produz.

É esta a realidade a partir da Revolução Industrial: como as máquinas para a produção em larga escala eram caríssimas, quem era artesão ou pequeno produtor acabou virando empregado de uma grande indústria. Mas este não foi o único tipo de alienação surgido com a consolidação do capitalismo.



Ilustração em um jornal de 1911, que descreve o sistema capitalista como uma pirâmide.

Marx fala também de alienação no sentido político, quando afirma que a democracia é *o conteúdo e a forma*. A forma da democracia era conhecida e experimentada: havia eleições, votava-se para eleger os representantes etc. Mas, na visão de Marx, o Estado não era um órgão político imparcial, como gostavam de sugerir os liberais. Na verdade, o Estado representava principalmente os interesses da burguesia, não os do povo.

Em outras palavras, o Estado era um instrumento de dominação da classe dominante, razão pela qual os trabalhadores, os operários explorados, estavam também separados (alienados) dos processos de tomada de decisões políticas. A noção de

participação popular é importante para o argumento marxista: a ausência de participação tornaria evidente o caráter excludente e classista da organização do Estado.

Para Marx, a realização prática dos direitos humanos, por exemplo, pressupunha a participação do povo na vida política – justamente o que não acontecia! Sem tal participação, os *direitos humanos* seriam apenas uma noção abstrata, não uma realidade concreta, experimentada pelos indivíduos. Assim, Marx denunciava que os direitos humanos não definiam a igualdade; ao contrário, pressupunham a desigualdade.

**A noção de participação popular é importante para o argumento marxista: a ausência de participação tornaria evidente o caráter excludente e classista da organização do Estado.**

## Luta de classes, história e revolução

“A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez senão substituir novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado. Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.” (*Manifesto Comunista*)

Vale a pena desfazer desde já um equívoco de compreensão bastante comum: na visão marxista, uma classe não é definida pelo nível de renda, mas pela posse dos meios de produção. Tal posse varia de acordo com o momento histórico; na Idade Média, os senhores feudais eram donos dos meios de produção, os servos, não; o mesmo vale para burgueses e operários na sociedade capitalista moderna. Marx não foi o primeiro a falar em classes, como, aliás, ele mesmo reconheceu. Os economistas clássicos já utilizavam o conceito para pensar a divisão da sociedade. Então qual foi a novidade que ele trouxe à compreensão da noção de classe?

“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, em uma palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido em uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.” (*Manifesto Comunista*).

Marx mostrou que a existência de classes esteve desde sempre ligada a determinadas fases históricas do desenvolvimento dos modos de produção, e afirmou que, uma vez estabelecido o sistema capitalista, a luta de classes inevitavelmente desaguarda na vitória do proletariado sobre a burguesia, dando início à *ditadura do proletariado*.

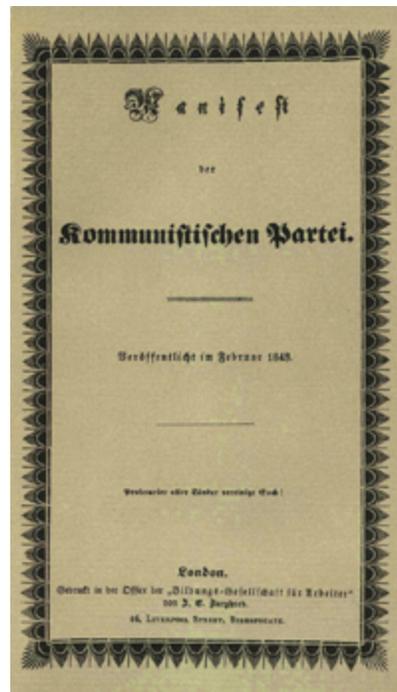
Tal ditadura implicaria na abolição de todas as classes, no começo de uma sociedade justa, porque igualitária, uma sociedade onde não houvesse a exploração do homem pelo homem.

“O que caracteriza o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. Ora, a propriedade privada atual, a propriedade burguesa, é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classe, na exploração de uns pelos outros. Nesse sentido, os



## IMAGEM

### Manifesto Comunista



Capa do Manifesto do Partido Comunista

comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada. (...) Vocês se horrorizam com o fato de que queremos abolir a propriedade privada. No entanto, a propriedade privada foi abolida para nove décimos dos integrantes de sua sociedade; ela existe para vocês exatamente porque para nove décimos ela não existe. Vocês nos acusam de querer suprimir a propriedade cuja premissa é privar da propriedade a imensa maioria da sociedade. Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classe, surge uma associação onde o *livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos.*" (Manifesto Comunista).

A luta de classes cumpre uma função importante: é ela que faz as mudanças sociais acontecerem. É, portanto o *motor da história*. Se a luta de classes nasce sempre do desejo do oprimido de livrar-se da opressão, então é evidente que o proletário, a classe explorada, é o principal agente da transformação histórica. Mas, para isso, é preciso que tenham *consciência de classe*, isto é, que vejam a si próprios não como indivíduos isolados, cada um sobrevivendo como pode, mas como partes integrantes de um conjunto, um grupo social poderoso.

A consciência de classe leva à união em partidos e sindicatos, gerando uma solidariedade que seria fundamental para levar adiante a tarefa de lutar contra a exploração.

Dissemos ainda agora que Marx via a luta de classes levando inevitavelmente a uma vitória do proletariado; faltou examinarmos o porquê. Marx acreditava que a revolução proletária começaria pelos países mais desenvolvidos (Inglaterra à frente), porque neles as *contradições* inerentes ao sistema capitalista estavam mais maduras.

**A consciência de classe leva à união em partidos e sindicatos, gerando uma solidariedade que seria fundamental para levar adiante a tarefa de lutar contra a exploração.**



## COMENTÁRIO

Não foi, entretanto, o que ocorreu: a revolução socialista eclodiu primeiro na Rússia, país majoritariamente agrário que, na época, estava ainda nos estágios iniciais de seu processo de industrialização.

### Mas que contradições seriam estas?

"A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. *Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações com outros homens.*" (Manifesto Comunista).

Quem lê o *Manifesto Comunista* atentamente repara que Marx, em um certo sentido, *exalta* a burguesia, ao invés de enterrá-la. Por que faria isso, se a criticava tanto?

Marx reconhecia que a burguesia foi a primeira classe a mostrar do que a atividade humana era capaz. Ela realizou aquilo que poetas e intelectuais apenas sonharam, estabelecendo-se como a primeira classe dominante cuja autoridade e legitimidade provinha não de seus ancestrais, mas de suas realizações efetivas. A burguesia liberou a capacidade humana para o desenvolvimento, a mudança permanente, a renovação incessante dos modos de vida.

## COMENTÁRIO

Na verdade, a burguesia — e o sistema que ela colocou de pé, o capitalismo — não poderia sobreviver sem revolucionar constantemente os meios de produção.

Contudo, quando os desejos e as sensibilidades das pessoas se tornam insaciáveis, haveria alguma coisa capaz de mantê-los fixos? “Quanto mais furiosamente a sociedade burguesa exortar seus membros a crescer ou perecer”, escreve *Marshall Berman*, “mais esses vão ser impelidos a fazê-la crescer de modo desmesurado, mais furiosamente se voltarão contra ela como uma draga impetuosa, mais implacavelmente lutarão contra ela, em nome de uma nova vida que ela própria os forçou a buscar”.

Paradoxalmente, o único fantasma que amedronta a classe dominante é justamente uma estabilidade sólida e prolongada. A burguesia se autoproclama o *partido da ordem* na política e cultura modernas, mas a verdade é que nada pode haver de sólido na modernidade. Pois tudo é feito para ser desfeito, destruído, e depois construído novamente, sempre de forma cada vez mais lucrativa.

A burguesia seria, portanto, a classe dominante mais criativamente destruidora de toda a história. Apesar disto — ou melhor, precisamente *por causa disto* — Marx apostava na vitória do proletariado, no estabelecimento de um modo de produção (e de vida) que viria acabar com a própria existência da separação entre classes.

## Fetichismo da mercadoria e ideologia

Quando observou que *Tudo que é sagrado é profanado*, Marx queria indicar que o mundo moderno *dessacraliza* todas as dimensões da vida. Diante da lógica fria do cálculo econômico, tudo perde a aura, o caráter de excepcionalidade. Mas a burguesia tentará reencantar o mundo, criando novas auras nas próprias mercadorias, e Marx irá denunciá-las através da análise do *fetichismo da mercadoria*.

## CURIOSIDADE

Marshall Berman



Para uma exposição mais detalhada deste argumento, leia o livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman.

## CONCEITO

Dessacralizar

Dessacralizar é fazer com que algo não seja mais sagrado; se não é mais sagrado, é porque virou profano.



## CONCEITO

### Fetichismo

O termo *fetiche* possui vários significados (atualmente, usa-se muito para designar uma atração muito específica de natureza sexual). Mas, originalmente, *fetiche* vem de *feitiço*, e significa um objeto material ao qual se atribuem poderes mágicos ou sobrenaturais.



## CONCEITO

### Intrínseco

É aquilo que faz parte, que está dentro; é uma característica constitutiva de algo (ou alguém). Por exemplo: quando afirmamos que “o desejo de amar é intrínseco à espécie humana”, queremos dizer que uma das características naturais da nossa espécie é a tendência a sentir afeto.



## EXEMPLO

Voltemos (pela última vez) ao exemplo da produção industrial de casacos. Você entra em uma loja, escolhe o modelo de casaco que quer, vai ao caixa e paga, digamos, R\$50,00 para comprá-lo. Ou seja, *you trocou* uma nota de R\$50,00 por uma peça de roupa. Esta relação parece ocorrer entre coisas (*uma nota de 50 reais = um casaco*).

Mas, por trás desta relação que aparenta ser apenas entre dinheiro e mercadoria, existe toda uma série de relações sociais que foram necessárias para que aquele casaco chegasse na prateleira da loja, e que custasse 50 reais. Dito de outro modo, a relação que aparenta ser somente entre coisas (o dinheiro e o casaco) é na verdade uma relação entre pessoas.

É uma relação entre todos os trabalhadores envolvidos na produção e comercialização do casaco, e você, que trabalhou para poder ter o dinheiro necessário para comprá-lo. No entanto, diz Marx, as pessoas são incapazes de perceber que, em função do trabalho que fazem, estão constituindo uma relação social. É isto que o autor chama de fetichismo da mercadoria.

Com a noção de fetichismo da mercadoria, Marx chama a atenção também para o fato de que aspectos abstratos e subjetivos das mercadorias são percebidos como sendo objetivos, como se fossem coisas reais que tivessem valor intrínseco.



## EXEMPLO

Um exemplo disso é a força simbólica das marcas. Uma camisa branca, que é basicamente um pedaço de algodão cortado de forma a vestir o corpo humano de uma determinada maneira, geralmente não custa caro. Mas esta mesma camisa feita com o mesmo algodão pode custar bastante dinheiro, somente porque exibe na altura do peito a marca de alguma grife famosa.

As pessoas pagam caro por uma coisa que custa barato porque acreditam que, ao vestir esta camisa de grife, estão se *diferenciando*. Elas acham que a marca da grife possui um valor intrínseco, isto é, um valor que seria dela, da grife.

Assim, não conseguem perceber que este valor é na verdade *atribuído*: não é uma propriedade natural da camisa, e sim o resultado de uma série de relações sociais, que vieram a determinar que camisas da marca X são mais importantes ou possuem mais *status* do que camisas de algodão sem marca nenhuma.

Ao analisar o fetichismo, Marx aponta para uma questão importante: até que ponto o capitalismo é capaz de nos cegar para o que realmente importaria observar? Nesse sentido, uma das maiores contribuições de Marx é o pensamento acerca da questão da ideologia.

Hoje em dia, o senso comum entende *ideologia* como uma espécie de véu que impediria alguém (ou algum grupo) de ver as coisas *como elas realmente são*. Ideias ou crenças ideológicas seriam aquelas que nos im-

pedem de enxergar a realidade. Em outras palavras, ideologia seria *falsa consciência*.

Mas esta não é uma boa maneira de entender a noção de ideologia (e nem era como Marx a entendia). Se eu falo em *falsa consciência*, é porque suponho a possibilidade de haver uma *consciência verdadeira*. E uma *consciência verdadeira* supõe uma perspectiva capaz de ser 100% objetiva. Mas acontece que uma perspectiva 100% objetiva teria que ser necessariamente uma perspectiva fora de qualquer perspectiva – algo como o *ponto de vista do olho de Deus*, o que obviamente é impossível.

Como diz o ditado, toda vista de um ponto é um ponto de vista... (Daí a piada: *ideologia* é sempre o que o outro pensa; o que nós pensamos, ao contrário, é o correto!) Ideologia não pode ser sinônimo de *pensamento tendencioso*, porque todo pensamento é em alguma medida tendencioso, é sempre fruto de uma compreensão particular, de uma visão pessoal. Portanto, para que o conceito de ideologia possa ser bem utilizado, ele precisa ser definido de uma forma mais detalhada.

O conceito de ideologia de Marx faz referência à distância entre a realidade e a nossa percepção dela, mas de um modo específico. Marx definiu ideologia de uma maneira simples e ao mesmo tempo profunda: “disso eles não sabem, mas o fazem”.

**Marx definiu ideologia de uma maneira simples e ao mesmo tempo profunda: “disso eles não sabem, mas o fazem”.**

**Ideias ou crenças ideológicas seriam aquelas que nos impedem de enxergar a realidade.**

Na ótica marxista, ideologia é um *olhar parcial* que deixa escapar a *totalidade*. Mais ainda: ideologia é geralmente uma artimanha que consiste em apresentar como *geral* ou *universal* aquilo que na verdade é localizado, particular.



## EXEMPLO

Por exemplo, a burguesia se dizia defensora dos direitos universais do homem, como o direito à liberdade. Mas, segundo Marx, esta liberdade de que os burgueses falavam não era a liberdade humana universal, e sim a liberdade da própria classe burguesa. Pois como poderiam ser considerados realmente livres os proletários que trabalhavam 16 horas apenas para ganhar o suficiente para comer?

A burguesia defendia a liberdade como sendo uma ideia válida para todos, mas na verdade tratava-se de uma liberdade de que somente os burgueses desfrutavam. Como escrevem Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, “As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante.” Aí o gesto ideológico: apresentar o que era fruto de uma posição particular na sociedade (a posição da classe burguesa) como sendo algo de validade universal, isto é, válido para todas as pessoas.

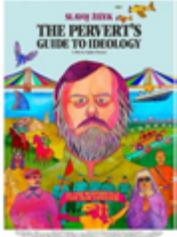
Mas os burgueses do século XIX não sabiam que estavam sendo ideológicos ao propor tal ideia de liberdade; se tivessem consciência disso, provavelmente a deixariam de lado. “Disso eles não sabem, mas o fazem”: a noção de ideologia assinala o paradoxo de que a própria realidade não pode reproduzir-se sem uma mistificação ideológica.

O debate sobre ideologia não terminou com Marx. Ao contrário, diversos autores partiram das intuições de Marx para desenvolver noções muito sofisticadas de ideolo-



## CURIOSIDADE

### Ideologia



Apresentado pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, o documentário *The Pervert's Guide to Ideology* (O guia da ideologia para pervertidos) é uma excelente introdução ao debate sobre a ideologia. Está disponível na internet. Vale a pena também consultar o livro *O que é Ideologia?*, de Marilena Chauí.



## COMENTÁRIO

### A ex-URSS não chegou a ser socialista

Este argumento é melhor desenvolvido por Alex Callinicos no capítulo final de seu *The revolutionary ideas of Karl Marx*. Para uma ótima representação deste ponto no cinema, ver o filme alemão *A vida dos outros*, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2007.

gia. Não há espaço aqui para nos aprofundarmos no tema. No entanto, vale a pena deixar indicados dois momentos fundamentais deste debate: as contribuições de Gramsci e Althusser. É com Gramsci que ocorre a passagem fundamental de ideologia como *sistema de ideias* para ideologia como *prática social*. Este *insight* será ampliado e desenvolvido por Althusser e sua teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado. Para Althusser, a **ideologia** é sempre *inconsciente*, na medida em que molda os indivíduos sem que estes se deem conta, e *institucional*, porque é reproduzida pelas principais instituições que formam a sociedade, como o Estado, a igreja e a família. Assim, ideologia não seria uma questão de ideias abstratas, mas de meios materiais de produção de sujeitos.

## Marx nos dias de hoje

A principal pergunta que fazem os alunos que leem a obra de Marx pela primeira vez é: “Será que tudo isso ainda é válido hoje em dia?” A dúvida tem sua razão de ser. Afinal, o capitalismo industrial que Marx tinha diante dos olhos era muito diferente do atual capitalismo financeiro globalizado, informacional e tecnológico. Além disso, o fracasso da experiência da União Soviética e os milhões de russos mortos por Stalin não seriam uma prova de que o comunismo simplesmente não funcionou?



## REFLEXÃO

Como, então, avaliar a contribuição de Marx? Que ideias e conceitos marxistas poderiam ser ainda hoje úteis?

Esta é uma discussão gigantesca, e não temos como dar conta dela aqui. Ainda assim, podemos observar alguns pontos importantes. Antes de mais nada, vale lembrar que a experiência soviética foi, claro, uma tragédia do ponto de vista humano – mas ela não desmentiu as ideias de Marx. Na verdade, **a ex-URSS não chegou a ser socialista**: as relações de produção eram típicas de um capitalismo burocrático de Estado. Mais ainda, Marx havia dito explicitamente que o socialismo só triunfaria realmente em escala global; se ficasse restrito a um ou outro país, fracassaria.

Mas, e quanto ao estado atual do capitalismo? Pode a análise de Marx ser válida em um mundo globalizado, em que a divisão de classes é muito mais complexa do que a oposição entre burguesia e proletariado do século XIX?

É verdade que a classe trabalhadora, nos termos em que Marx a definia, mudou bastante. Os operários manuais das fábricas são cada vez menos numerosos; os empregos deslocaram-se para a Economia de serviços, de informação e tecnologia. Mas alguns dos argumentos de Marx



sobre o funcionamento do sistema capitalista, e sua relação com a política, continuam mais válidos hoje do que nunca.

Vejamos a seguinte passagem do *Manifesto Comunista*:

“As relações de produção e de circulação burguesas, as relações burguesas de propriedade, a sociedade burguesa moderna – que, como por encanto, criou meios de produção e de circulação tão espetaculares – mais parecem *o feiticeiro que não consegue controlar os poderes subterrâneos que ele mesmo invocou.*” (*Manifesto Comunista*).

Com esta metáfora do feiticeiro, Marx chama atenção para o fato de que o capitalismo avança sempre por um processo de destruição criativa. Novas forças destroem estruturas antigas, em um processo conflituoso, porém necessário à renovação do próprio sistema.

Considere o caso da indústria do entretenimento. A tecnologia transformou a cópia digital em uma operação irrelevante, mas o **lobby** das grandes gravadoras e estúdios de Hollywood tenta criminalizá-la, até aqui sem sucesso. Você não precisa mais comprar um CD inteiro para ouvir apenas uma música: o mp3 tornou-o dispensável. Novos negócios surgiram a partir desta tecnologia, como as lojas virtuais de música (iTunes, da Apple) e os serviços de *rádio* virtual (Rdio, Deezer etc).

Entretanto, o antigo modelo de negócio da música, centrado nas gravadoras, saiu prejudicado. Eis aí a contradição: o capitalismo cria novas formas de negócios, que entram em choque com as formas antigas, gerando um impasse.

Recentemente as leis de direito autoral tornaram-se mais severas, com punições mais fortes para quem as infringir, como uma tentativa de frear o consumo de música na internet. Não adiantou, pois é praticamente impossível estancar a troca de arquivos em rede. E assim, de contradição em contradição, o capitalismo segue enfeitando a si próprio.

É comum, por exemplo, ouvir dizer que *a cidade é uma empresa*. Na verdade, cidades vêm cada vez mais se comportando *como se fossem empresas*, em concorrências umas com as outras pela atração de negócios ou de eventos esportivos internacionais. Aí o problema: uma empresa existe em função do lucro; sem ele, fecha as portas.

Já a cidade é um espaço de convivência de cidadãos que compartilham uma trajetória coletiva. Obviamente, uma cidade que gasta mais do que arrecada terá dificuldades em prover os serviços indispensáveis à sociedade. Mas ao dizer que *a cidade é uma empresa*, estamos abrindo caminho para que o espaço público seja regido apenas pela lógica econômica de mercado.

### Lobby

É um termo da língua inglesa, que tem dois significados: *ante sala* e *grupo de pressão*. É este último significado que estamos usando aqui. *Lobby* refere-se a atividade de um grupo (de pessoas, de empresas) que manobram para conseguir fazer valer seus interesses. Nos EUA, *lobista* (aquele que faz *lobby*) é uma profissão regulamentada.

**Marx também insistia em um ponto crucial: o capitalismo transforma tudo em mercadoria.**



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

#### Grande crise financeira de 2008

Vencedor do Oscar de melhor documentário, *Trabalho Interno* é um filme indispensável para quem quer entender as causas (e os efeitos) da crise de 2008.



## COMENTÁRIO

### Desigualdade

Segundo a pesquisa *Credit Suisse 2013 Wealth Report*, 0,7% da população concentra 41% da riqueza mundial. De acordo com a ONU, o Brasil era o oitavo país mais desigual do mundo em 2005. De lá para cá, o índice Gini, que mede a desigualdade de renda, caiu de 0,58 para 0,52 (quanto mais próximo de 1,0, maior a desigualdade).

Assim, fica parecendo que não precisamos de política, apenas de *administradores competentes*. Acontece que esta não é uma forma *neutra* ou *não ideológica* de fazer política – ao contrário, é uma forma ideológica de fazer com que a política seja vista apenas como a administração do que já é, e não como a invenção do que deveria ser. Mais do que qualquer outro pensador, Marx nos alertou para as armadilhas da invasão da Economia sobre o terreno da política.

Marx nunca deixou de ser lido e estudado. Houve uma explosão de interesse pelos seus livros após a *grande crise financeira de 2008*, cujos efeitos são até hoje sentidos, sobretudo na Europa. Não é para menos: nenhum outro autor expôs com tanta energia o problema da desigualdade gerada pelo capitalismo. *Desigualdade* que vem crescendo dramaticamente nos últimos 30 anos, em todos os continentes (o Brasil, apesar de ainda ser um dos países mais desiguais do mundo, é uma exceção) – e os argumentos de Marx continuam sendo relevantes para o exame desta questão. E se a desigualdade, antes de ser um efeito indesejado do capitalismo, for, na verdade, indispensável ao seu funcionamento? E se as grandes crises econômicas não forem acidentais, mas estruturalmente necessárias? Essas são perguntas que a leitura da obra de Marx continua levantando, com pertinência.

Pode ser que não cheguemos a uma resposta definitiva. Mas o caminho da investigação passa pelas páginas escritas por Marx. As conquistas trabalhistas, por exemplo – férias remuneradas, décimo-terceiro salário, limite da jornada diária, e assim por diante – foram obra dos esforços de operários, influenciados pelo marxismo.

Do mesmo modo, muitas das lutas anticoloniais que sacudiram o mundo após a Segunda Guerra Mundial buscaram inspiração na perspectiva contra-hegemônica legada pela tradição marxista. Talvez seja então possível sugerir que, enquanto houver a exploração do homem pelo homem, Marx permanecerá atual.



## RESUMO

O ponto de partida de Marx é a observação das condições materiais de existência: o trabalho, a atividade produtiva dos homens. A consciência dos indivíduos, sua visão de mundo são fruto da posição que ocupam na sociedade. As modernas sociedades capitalistas são marcadas pelo antagonismo de classe: de um lado, a burguesia, os donos dos meios de produção; de outro, os proletários, que vendem sua força de trabalho para sobreviver. Explorados, separados dos meios práticos e políticos de melhorar sua condição de vida, só resta aos proletários tomar consciência de sua condição subalterna e revoltar-se. A luta entre classes é o que faz as mudanças sociais acontecerem, e Marx apostava que a vitória do proletariado levaria ao início de uma época socialista, sem classes, exploração ou desigualdade.



## ATIVIDADE

1. (Adaptado de UFPB, 2009) Considere o texto abaixo:

“[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a História, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos.”  
(MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 39.)

As análises históricas de Marx exerceram enorme influência nas ciências humanas e sociais, inclusive na História. Sobre a concepção marxista de História, assinale as alternativas corretas.

- a) A concepção da luta de classes como motor da História foi atribuída indevidamente ao marxismo, para o qual as transformações históricas decorrem apenas das ações dos indivíduos.
- b) O marxismo defende, teoricamente, uma postura neutra do historiador diante da sociedade e do conhecimento produzido sobre a mesma e, assim, nega validade prática a sua própria concepção.
- c) As sociedades, para Marx, não podem ser compreendidas sem um estudo pormenorizado de sua base econômica, e esse entendimento significa a análise da sua organização material para a produção da sobrevivência humana.
- d) Os marxistas são ardorosos defensores do *fim da história*, pois essa tese representa a culminância do desenvolvimento humano, com a glorificação da sociedade de mercado e da democracia liberal.
- e) A História, para Marx, é feita por todos, principalmente os trabalhadores, e essa concepção rompia com a ideia, bastante comum no século XIX, de uma História feita apenas pelos *grandes homens*.

2. (adaptado de Unimontes, 2011)

“A ideia da ideologia, na sociedade capitalista, pressupõe a elaboração de um discurso homogêneo, pretensamente universal, que, buscando identificar a realidade social com o que as classes dominantes pensam sobre ela, esconde, oculta as contradições existentes e silencia as representações contrárias às dessa classe. Parte-se do pressuposto de que a sociedade capitalista é uma sociedade harmônica, em que não há nenhuma forma de exploração.” (TOMAZI, N.D. *Sociologia da educação*)

Considerando as reflexões do autor, considere os itens a seguir:

- I. Essas reflexões apontam para o fato de que, como afirmava Marx, a visão de mundo ou consciência dos homens é condicionada pela sua posição material dentro do sistema produtivo.
- II. Essas reflexões concordam com o fato de que a sociedade capitalista está dividida em classes que são contraditórias e conflituosas e que, portanto, existem explicações, teorias divergentes e discursos conflitu-

osos sobre a realidade social.

**III.** Essas reflexões distanciam-se de Marx porque, ao observar apenas a questão da ideologia, deixam de enfatizar as condições materiais de existência dos indivíduos.

**IV.** Essas reflexões partem do pressuposto de que a ideologia é sempre expressa por um grupo ou por uma classe, sendo, portanto, o indivíduo apenas o subsidiário de todo um pensamento anterior e mais amplo sobre a vida social.

Estão corretos os itens:

- a) II, III e IV, apenas
- b) I, II e IV, apenas
- c) I, II e III, apenas
- d) I e IV, apenas

**3.** (Adaptado de UEL – 2003)

“Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou à indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. (...) Em lugar das antigas necessidades satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isso se refere tanto à produção material como à produção intelectual. (...) Devido ao rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e ao constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente da civilização mesmo as nações mais bárbaras.” (MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1981. p. 24-25.)

Com base no texto de Karl Marx e Friedrich Engels, assinale a alternativa correta:

- a) Desde o seu início, a expansão do modo burguês de produção ficou restrita às fronteiras de cada país, pois o capitalista é conservador quanto às inovações tecnológicas.
- b) O processo de universalização é uma tendência do capitalismo desde sua origem, já que a burguesia precisa de novos mercados, de novas mercadorias e de condições mais vantajosas de produção.
- c) A expansão do modo capitalista de produção em escala mundial encontrou empecilhos na mentalidade burguesa apegada aos métodos tradicionais de organização do trabalho.
- d) Na maioria dos países não europeus, a universalização do capital encontrou barreiras alfandegárias que impediram sua expansão.
- e) A dificuldade de comunicação entre os países, devido ao baixo índice de progresso tecnológico, adiou para o século XX a universalização do modo capitalista de produção.

**4.** Com base nos seus conhecimentos sobre as análises de Karl Marx acerca dos temas capitalismo, trabalho e alienação, considere as afirmativas a seguir:

I. Segundo Marx, o fenômeno da alienação fica restrito ao processo produtivo. As atividades culturais, religiosas ou de lazer sofrem menos influência da ideologia burguesa e, por isso, constituem espaços fundamentais para a formação da consciência de classe.

II. Alienação se refere, entre outras coisas, ao processo de não identificação do trabalhador com o produto de seu trabalho. A mercadoria é separada do trabalhador que a criou e colocada no comércio por um valor frequentemente inacessível ao trabalhador.

III. No capitalismo, os trabalhadores se veem como indivíduos isolados; têm dificuldades para perceberem a si próprios como classe social produtora da riqueza e das mercadorias.

IV. Nas mercadorias e na sua publicidade ficam explícitas as relações de classe e todo o processo de produção que as originou.

Selecione a alternativa que contém as afirmativas **FALSAS**:

- a) apenas II e III
- b) apenas I e III
- c) apenas III e IV
- d) apenas I e IV
- e) apenas II e IV

---

## A sociologia compreensiva de Max Weber

### Apresentando Max Weber



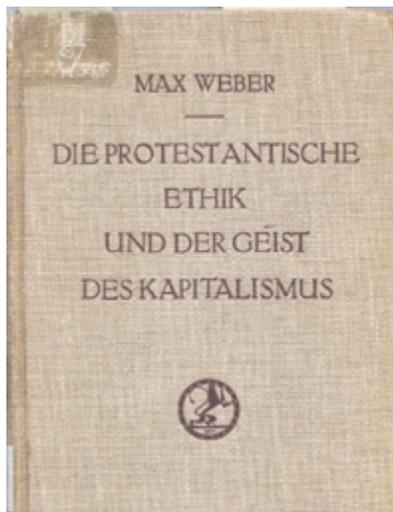
Karl Emil Maximilian Weber nasceu em Erfurt, então cidade da Prússia, no ano de 1864. Desde cedo mostrava sinais de grande capacidade intelectual: entediado com os professores da escola, leu secretamente em sala de aula a obra completa de Goethe (são 40 livros).

Doutorou-se em Direito em 1889, e logo começou a ensinar na Universidade de Berlim. Já casado com Marianne Weber, que viria a ser uma das líderes do movimento feminista na Alemanha, muda-se para Freiburg e depois para Heidelberg, onde leciona na faculdade de Economia.

A morte de seu pai, em 1897, o abala profundamente, e Weber começa a desenvolver sintomas de depressão grave, com ataques de ansiedade e insônia constante. Sem condições de dar prosseguimento ao trabalho de professor, Weber é internado em um sanatório. Depois de um começo de carreira brilhante e muito produtivo, Weber para de escrever; só voltaria a dar aulas em 1919. Contudo, começa a publicar em 1904 aquela que seria a sua obra mais famosa, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

### Refutar

Significa desmentir uma afirmação, provar que estava errada. É um termo muito utilizado na ciência (dizemos que uma nova descoberta refutou uma teoria antiga quando temos dados que o comprovam).



*A ética protestante e o espírito do capitalismo, 1ª edição, 1904.*

Com a eclosão da I Guerra Mundial, Weber, já então com 50 anos, alista-se voluntariamente no exército alemão. Fica encarregado de gerenciar os hospitais de guerra de Heidelberg, atividade que exerce até 1915. Com o término da Guerra, Weber tenta uma vaga como parlamentar pelo Partido Democrata Alemão, do qual era um dos cofundadores, mas não consegue ser eleito. Frustrado com a política, volta a dar aulas. Em junho de 1920, Weber cai vítima de uma pneumonia causada

pela gripe Espanhola, e morre. A maioria de seus trabalhos seria publicada postumamente, em livros organizados por sua esposa, Marianne.

## Introdução: Weber, leitor e crítico de Marx

Pode-se entender a obra de Weber como uma tentativa de ultrapassar Marx, não para lhe refutar completamente as ideias, mas para complementá-las, para examinar aspectos importantes que este teria deixado de captar. Weber emergiu intelectualmente entre as décadas de 1880 e 1890, justamente no período em que o marxismo começava a ganhar força política na Alemanha. Politicamente, Weber tendia para a esquerda, mas rejeitava a ideia de uma *revolução socialista*, que os marxistas acreditavam inevitável. Porém, não foi apenas no campo da política que ele se afastou de Marx, embora compartilhasse de certa simpatia por sua perspectiva e reconhecesse a importância e grandeza de sua obra. Também na esfera do trabalho científico Weber irá se distanciar de Marx, como veremos mais adiante.

Weber rejeitava qualquer teoria geral do desenvolvimento histórico; logo, rejeitava o materialismo dialético de Marx como esquema explicativo da mudança histórica. Não era apenas o conflito de classes e as contradições dos modos de produção que faziam a história andar para frente.

Weber não acreditava em uma separação cada vez maior entre burguesia e proletariado, nem considerava a ruína do capitalismo como algo inescapável. Enxergava múltiplos conflitos de interesses *dentro* das classes, e não *entre* elas, sugerindo um panorama mais complexo do que a oposição marxista burguesia x proletariado delineava.

Segundo Weber, compreender por que a história se transforma, e de que modo, exigiria uma perspectiva multidimensional, que levasse em

consideração outros fatores além do conflito entre dominadores e dominados. Seria preciso observar certos aspectos da realidade social que Marx teria ignorado.



## EXEMPLO

Por exemplo: Marx não definiu com precisão o que seria próprio do campo econômico, isto é, não delimitou exatamente a esfera da Economia em relação às outras esferas da sociedade. Para Weber, diversas formas de ação humana, como as práticas religiosas, influenciam na Economia, apesar de não serem explicitamente econômicas.

A religião, embora não fosse diretamente uma atividade *econômica*, era *economicamente relevante*. Ou seja, as fronteiras dos fatos econômicos não possuíam um contorno claramente definido, sendo muito mais vagas do que o marxismo afirmava.

Além disso, Weber criticava também o fato de Marx haver confundido *Economia* e *tecnologia*, como se fossem uma coisa só. Uma tecnologia pode estar associada a diferentes formas de organização social e produtiva: o socialismo, apesar de ser radicalmente distinto do capitalismo, possuiria a mesma base tecnológica.

Estas são diferenças importantes entre os dois autores (e nós as examinaremos mais detalhadamente neste capítulo), mas não são as únicas. Weber distanciou-se de Marx em outro aspecto fundamental: ele se colocava a tarefa de ser um cientista social, isto é, de agir intelectualmente de acordo com as obrigações da ciência, que são diferentes das exigências da atuação política.



## COMENTÁRIO

Esta insistência em delimitar um campo específico para o cientista social estará na raiz das principais contribuições metodológicas de Weber à Sociologia.

## Ciência e política



## REFLEXÃO

Seria possível pensar em ações políticas de uma maneira estritamente científica? Tem o cientista social o direito de usar seu poder de especialista para impor seus pontos de vista? A Sociologia seria uma ciência nos mesmos moldes das ciências naturais, como a Biologia ou a Física? Se sim, como garantir a objetividade e a validade do conhecimento produzido por sociólogos?

Todas estas questões preocupavam Weber, e ele procurou respondê-las ao longo de sua obra. Marx, como vimos, não se coloca este mesmo problema, pois estava tão interessado em *intervir* na realidade quanto em explicá-la. Weber irá rejeitar esta postura, delimitando uma linha divisória entre *ciência* e *política*.

Intervir na realidade era tarefa de políticos; cientistas deveriam permanecer neutros tanto quanto fosse possível, contribuindo apenas para a melhor compreensão dos fenôme-



## CONCEITO

### Empiricamente

O conhecimento *empírico* é derivado de experiências concretas, é resultado de tentativas práticas, de erros e acertos.

nos sociais. Não caberia ao cientista social dizer se o socialismo era superior ao capitalismo, ou vice-versa. A Sociologia não poderia responder à questão de qual seria a melhor causa a defender, ou o melhor partido.

Tudo o que a Sociologia poderia oferecer era a compreensão mais detalhada e abrangente das causas em disputa, dos partidos em concorrência e da arena social na qual estes conflitos se desenrolam.



## REFLEXÃO

Isto quer dizer que os cientistas sociais estariam proibidos de manifestar suas opiniões políticas? De maneira alguma. Eles apenas precisam saber quando e como devem fazê-lo. Por isso, Weber distingue entre a atividade de pesquisa e a atividade acadêmica.



## EXEMPLO

Um sociólogo não deveria defender uma determinada causa política em sala de aula, mas apenas na esfera pública, em debates nos meios de comunicação, passeatas, encontros, enfim, onde possa ser livremente confrontado por qualquer um, em condições de igualdade.

Segundo Weber, sociólogos deveriam emitir apenas *juízos científicos*, e não juízos de valor. Um juízo científico refere-se àquilo que *é*, ao passo que um juízo de valor refere-se àquilo que *deveria ser*. Em outras palavras, um juízo científico é uma conclusão, baseada em estudos, que pode ser testada *empiricamente*, e validada (ou não). Já um juízo de valor, por ser fruto de uma crença puramente subjetiva, não pode ser nem verdadeiro, nem falso. Por exemplo: quem afirma que *o capitalismo produz desigualdade social*, está emitindo um juízo científico. Mas quem diz que *o socialismo é superior ao capitalismo* está emitindo um juízo de valor. Weber queria remover os juízos de valor da atividade científica, isto é, os juízos de natureza política, ética ou estética.

Isto, entretanto, não significa que juízos de valor não possam ser eles mesmos avaliados cientificamente. O sociólogo poderia analisar cientificamente o capitalismo e o socialismo, mas para isso teria que deixar suas opiniões pessoais de lado. Ou seja, o sociólogo pode *descrever* o funcionamento do socialismo e do capitalismo, mas não *avaliar se são bons ou ruins*.

Aqui o pensamento weberiano cai em um paradoxo. Weber reconhecia que é a paixão que leva o cientista a se interessar por algum assunto a ponto de querer estudá-lo.

**Weber reconhecia que é a paixão que leva o cientista a se interessar por algum assunto a ponto de querer estudá-lo.**

O fato de um sociólogo escolher analisar o assunto X, e não o Y, deve-se não a uma decisão racional sua, mas ao seu desejo, seus valores, suas crenças particulares. Ou seja, a escolha de estudar um assunto é uma decisão *subjetiva*. Eis o paradoxo: na hora em que o cientista começa de fato a realizar sua investigação, deve afastar completamente o desejo, os valores e as crenças que os levaram a se interessar por tal assunto.

Não é difícil ver que a posição de Weber é ambivalente. Ele reconhece que o cientista social é levado a trabalhar motivado por seus próprios valores, mas, no processo de realizar concretamente seu trabalho, deve deixá-los de lado.



## REFLEXÃO

Contudo, se o trabalho do sociólogo é racional e tem como objetivo a busca pela verdade, mas está desde o início atravessado pelas paixões e pela subjetividade, o que garantiria a validade científica de suas conclusões?

A resposta divide-se em duas: adequação da metodologia empregada e verificação empírica das conclusões.

Antes de mais nada, é preciso dizer que, para Weber, o conhecimento científico não poderia ser uma cópia fiel da realidade. No máximo, seria uma aproximação da realidade. Além disso, o cientista social não teria como dar conta da totalidade dos fenômenos sociais. Isto significa que o cientista social deve estudar as individualidades socioculturais, ou seja, perseguir a compreensão das *particularidades*.

Ao contrário de Durkheim, que buscava a explicação dos fenômenos através da noção de *atos sociais* que existiriam para além dos indivíduos, Weber vai observar as ações dos indivíduos, a fim de captar seu sentido. E diferentemente de Marx, que via os indivíduos submetidos às estruturas do sistema capitalista, Weber vai analisar como os indivíduos constroem a realidade dentro deste sistema. Ou seja, Weber parte sempre da observação das ações dos indivíduos, e não de alguma totalidade (seja um *fato social* ou uma *estrutura*) que existiria anteriormente a eles.

Por esta razão, dizemos que Weber é um *individualista metodológico*: pois seu método de trabalho consiste em partir do estudo das ações dos indivíduos para então buscar compreender seu sentido, isto é, compreender o que os indivíduos pensam que estão fazendo quando agem de uma determinada forma, e que resultados (intencionais ou imprevistos) acabam produzindo.

Segundo Weber, é preciso penetrar no ponto de vista subjetivo do indivíduo estudado, ver o mundo como ele vê, compreendê-lo a partir de sua perspectiva, de modo a entender suas motivações, e os sentidos que atribuem às suas ações. E então, uma vez alcançadas as respostas para as perguntas que levaram o cientista social a empreender sua pesquisa, buscar sua verificação empírica, isto é, checar se as conclusões obtidas de fato se ajustam à realidade observada. Esta seria a tarefa da Sociologia.

## Os tipos de ação

Mas o que é uma *ação*? Na perspectiva weberiana, ação é a conduta humana que possui um significado, dado por quem a executa. Portanto, apenas a ação que tenha um *sentido* é objeto de estudo da Sociologia.



## EXEMPLO

Por exemplo: digamos que você esteja deitado no seu quarto, imóvel, sem fazer nada, quando a chuva começa a cair, molhando uma parte da sua mesa de cabeceira. Você continuou sem mover um músculo. Em termos físicos, você não praticou nenhuma ação. Em termos sociológicos, também não. Mas digamos que você esteja em uma pequena festa, sentado no sofá, com um grupo de amigos. De repente, eles começam a atacar sexualmente uma mulher. Você continua sentado, sem mover um músculo, assistindo à violência. Em termos físicos, você não praticou nenhuma ação (afinal, permaneceu imóvel). Mas em termos sociológicos, esta sua inação é na verdade uma ação: ao não fazer nada, você já estava agindo de maneira a influenciar aquela situação (no caso, você se tornou cúmplice de um crime, permitindo que ele acontecesse). Ou seja, sua ação (de não fazer nada) teve um sentido, um significado dentro daquela situação.

Weber distingue entre 4 tipos de ação:

### AÇÃO RACIONAL COM RELAÇÃO A FINS

Uma ação racional com relação a fins acontece quando o indivíduo escolhe um meio com o objetivo de realizar um fim (*se quero ganhar mais, trabalho horas extras*).

### AÇÃO RACIONAL COM RELAÇÃO A VALORES

Uma ação racional com relação a valores é aquela em que o indivíduo age por suas próprias convicções, levando em conta somente a fidelidade às suas crenças, que ele vê como legítimas, virtuosas (por exemplo, o militante político que sobe em cima de um caixote na rua e faz um discurso para a multidão).

### AÇÃO TRADICIONAL

Uma ação tradicional ocorre toda vez que o indivíduo age exatamente de acordo com regras ou costumes que foram herdados, e que ele segue respeitosamente (digamos, quando participa de rituais familiares ou religiosos).

### AÇÃO AFETIVA

Uma ação afetiva é uma ação irracional, motivada por sentimentos, como por exemplo, alguma paixão (*um ataque de ciúmes*).

Weber reconhece que só muito raramente as ações se encaixam dentro de apenas um destes tipos. Na maior parte das vezes, elas se combinam, possuem um traço ou um resquício de outro tipo de ação. O militante político que discursa para a multidão está agindo racionalmente com relação a um valor: ele tem a intenção de passar uma mensagem sobre uma causa política que considera nobre, e escolhe os melhores meios expressivos para isso.

Mas será que este militante não é, ao mesmo tempo, apaixonado pela própria causa? Provavelmente sim, e Weber está ciente disso. Mas ainda assim decide separar as ações em tipos diferentes, porque isto permite um melhor entendimento de seus sentidos.

No fundo, Weber quer entender os sentidos das ações sociais – mas ações sociais são resultantes de *interações individuais*, baseadas na expectativa de reciprocidade. No percurso de suas análises sociológicas das ações, Weber terá a ajuda de outro instrumento conceitual que ele mesmo criou, os *tipos ideais*.

## Os tipos ideais

Dissemos que Weber tenta conciliar o componente subjetivo presente no momento em que o cientista social escolhe qual assunto analisar, com a exigência de objetividade característica do trabalho científico. Mas como fazer a ponte, a passagem entre a subjetividade (crenças e valores do cientista) e a objetividade (a necessidade de deixá-los fora do trabalho)?

Weber encontra na noção de *tipo ideal* a ferramenta metodológica que lhe permitirá não apenas estabelecer o significado dos fenômenos observados, como também formular hipóteses empíricas sobre eles. O que, então, Weber entende por *tipo ideal*?

Um *tipo ideal* é um instrumento puramente formal, elaborado através da *intensificação unilateral* de alguma característica do fenômeno observado. Traduzindo: o tipo ideal não existe de fato, é construído pelo pesquisador com o objetivo de facilitar a compreensão do fenômeno que ele pretende analisar.

Para construir um tipo ideal, o cientista social deve selecionar alguns aspectos do fenômeno observado e ressaltá-los, exagerá-los. Este exagero (*intensificação*) proposital de um determinado aspecto (*unilateral*) da realidade acaba colocando em evidência algumas das suas características, ajudando a compreendê-la melhor. Mas que aspecto deve o pesquisador selecionar?

Segundo Weber, o aspecto deve ser selecionado em função da *significação* que possui para a elaboração de um determinado ponto de vista sobre o fenômeno.



### EXEMPLO



Digamos, por exemplo, que você queira estudar a questão do trabalho em uma comunidade de pescadores. Que aspecto da vida dos pescadores você escolheria para elaborar um tipo ideal: um ritual de lazer nos finais de semana, ou a relação que os pescadores têm com os seus barcos e equipamentos de pesca?

Se você quer analisar como os pescadores *trabalham*, é provável que o barco e os instrumentos sejam mais significativos do que uma dança no domingo à noite. Então, você construiria um tipo ideal a partir da observação da relação dos pescadores com tais instrumentos.

Ainda assim, é possível que você esteja em dúvida sobre o que exatamente seria um tipo ideal. Neste sentido, talvez ajude observarmos aquilo que o tipo ideal não é.

Um tipo ideal não é uma média dos dados existentes sobre um determinado fenômeno (porque o tipo ideal é um conceito construído, e não um dado estatístico).

Um tipo ideal não é um estereótipo (porque um estereótipo é uma marca de preconceito que atrapalha nossa visão acerca da coisa estereotipada).

Nas palavras do próprio Weber, o tipo ideal “não é uma hipótese, mas quer assinalar uma orientação à formação de uma hipótese.

Não constitui uma exposição da realidade, porém, quer proporcionar meios de expressão unívocos para representá-la” (Weber, *Ensayos sobre metodologia sociológica*, p. 82; visto em Saint-Pierre, 2009:60).

Em resumo, o tipo ideal é uma ferramenta conceitual que, apesar de não existir concretamente na realidade, nos permite compreendê-la de forma mais nítida.

É um instrumento que facilita a busca por conexões causais, ou seja, que nos ajuda a entender porque tal fenômeno acontece daquela maneira. Sendo uma construção, o tipo ideal não pode ser nem verdadeiro, nem falso.

Então, como avaliar se ele é um *bom* tipo ideal?

Por sua utilidade, pela contribuição que oferece à compreensão do fenômeno. Se o tipo ideal nos faz enxergar a realidade de uma forma mais esclarecida e aprofundada, então ele é bem-sucedido. O exemplo mais famoso (e bem-sucedido) de tipo ideal é do próprio Weber: a noção de *espírito do capitalismo*.

## A ética protestante e o espírito do capitalismo

Marx estava preocupado em entender as leis econômicas do capitalismo, e em denunciar seu caráter explorador, alienante. Weber, por outro lado, interessava-se pelas motivações originais do capitalismo, os fatores que levaram ao seu surgimento.



### REFLEXÃO

A pergunta que procura responder é: Por que o capitalismo moderno emergiu na Europa Ocidental, e não em outra grande civilização, como a Chinesa, a Indiana ou Islâmica? Por que somente no Ocidente o capitalismo pôde se desenvolver a ponto de se espalhar pelo mundo todo, com sua força irresistível? Qual teria sido a *particularidade* do capitalismo na aurora da modernidade europeia?

Weber parte de uma constatação: no século XVI, a maioria das cidades ricas do império alemão havia se convertido ao protestantismo; no século XIX, os protestantes eram maioria entre os proprietários de empresas e de capital, ao passo que os católicos ocupavam posições menos privilegiadas.



### CURIOSIDADE

#### Para Saber Mais

O protestantismo é uma dissidência do catolicismo, que teve início na Europa do século XVI, com as pregações de Martinho Lutero. Desde então, o protestantismo dividiu-se em três igrejas: Calvinista, Luterana e Anglicana.



### Hedonista

É a pessoa que vive em busca de prazer, que faz das experiências prazerosas uma de suas maiores preocupações na vida.

Poderia a religião ser um fator explicativo desta diferença de sucesso profissional entre protestantes e católicos? Teriam os protestantes inclinação específica para o racionalismo econômico? Weber mostrou que sim e, em fazendo isso, ajudou a esclarecer um importante aspecto que contribuiu para a expansão do capitalismo no Ocidente.

Fiel ao seu princípio metodológico, Weber realizou uma pesquisa histórica com o objetivo de analisar as ações dos indivíduos da religião protestante, tentando captar o sentido que lhes atribuíam e os efeitos que acabaram gerando.

Resumindo bastante, Weber percebeu que:

- 1) os protestantes acreditavam que ninguém poderia saber de antemão quem iria ser salvo na vida após a morte (ou, como eles diziam na época, ser um eleito);
- 2) por não saberem disso, os protestantes se esforçavam para fazer o bem para a sua comunidade, para serem pessoas ordeiras, trabalhadoras;
- 3) eles acreditavam também que, se trabalhassem com dedicação, se seguissem a sua vocação, iriam prosperar, e que isto era um sinal de que o indivíduo poderia conseguir a salvação eterna (um mendigo certamente não seria um *eleito*). Com o passar do tempo, este medo de não saber se seria *eleito* levou os protestantes a desenvolverem uma ética completamente voltada para o trabalho.

Mas não qualquer trabalho: o que o protestantismo exigia era o trabalho metódico, racionalmente organizado, de modo que o indivíduo poupasse seus ganhos e os reinvestisse na atividade produtiva, como uma forma de louvar a Deus, melhorando as condições de vida da comunidade.

Não se tratava do acúmulo de dinheiro para fins exibicionistas ou ***hedonistas***. Ao contrário, os prazeres e as distrações mundanas eram vistas pelos protestantes como algo que afastava o indivíduo de sua obrigação moral para com o trabalho.

Quanto maior a riqueza produzida, maior a responsabilidade de conservá-la e de multiplicá-la pela glória da comunidade e de Deus. Para o protestante, ganhar dinheiro era uma obrigação moral que impunha certas exigências práticas cotidianas. Você só iria ser bem-sucedido nos negócios se pudesse ser uma pessoa confiável, pontual, metódica, cumpridora dos prazos, perfeccionista.

É isto que Weber chama de *ética protestante*, ou seja, um conjunto de exigências sociais que levava os protestantes a se comportarem de uma determinada forma em relação ao trabalho e à vida como um todo. A genialidade de Weber estava em perceber que esta ética protestante acabou ajudando a moldar o que ele chamou de *espírito do capitalismo*.

A ética protestante estrangulou o consumo, especialmente o de luxo, e liberou a ambição pelo lucro. O esforço diário passou a ser não pelo ganho, mas pelo uso racional das posses. Como resultado, os protestantes

acumulavam dinheiro através da poupança, mas apenas para reinvestir em capital – eis a roda que faz girar o capitalismo moderno.

O que Weber está dizendo é que a ética protestante forneceu os *incentivos psicológicos e culturais* necessários ao desenvolvimento de uma atitude rigorosa de trabalho, que foi um dos fatores que permitiu a expansão do capitalismo europeu. Esta teria sido a *particularidade* do capitalismo moderno.

Capitalismo, como sistema, houve vários – a China foi capitalista bem antes da Europa. Mas a diferença do capitalismo que surge na Europa moderna é esta ética do trabalho racionalmente orientado para a poupança e para o reinvestimento no próprio trabalho. (Não é curioso que um componente crucial da origem do capitalismo, sistema que hoje está fundado na ambição, no lucro e na competitividade, tenha sido justamente... a religião?)

Neste sentido, Weber não refuta Marx, isto é, não diz que os fatores propriamente econômicos não tiveram influência no surgimento do capitalismo. Ele apenas mostra que não foram os únicos fatores, nem os mais importantes. O principal, no capitalismo, não estava nas relações entre trabalho assalariado e donos dos meios de produção, *mas na orientação racional para a atividade produtiva*, que era, sobretudo um efeito da ética protestante.

Neste quesito, Weber inverte o marxismo quando afirma que o espírito do capitalismo veio antes do capitalismo como sistema produtivo. (Para Marx, não custa lembrar, as ideias e as normas culturais tinham um papel secundário, porque eram moldadas pela dinâmica econômica).

Em suma, Weber argumentou que o capitalismo foi a consequência, na esfera da Economia, de um *processo de racionalização* que teve na ética do trabalho protestante um dos seus principais motores. Uma vez consolidado, o capitalismo moderno pôde então contribuir para a racionalização dos comportamentos em todas as outras esferas da vida: não apenas na Economia, mas também na política, na cultura, na arte etc. Este tema, o da racionalização do mundo, será aprofundado ao longo da obra weberiana, como veremos a partir de agora.

## Racionalização, burocracia e desencantamento do mundo

Ser *racional* é procurar a melhor adequação entre *meios e fins*: se você quer obter o resultado X, então terá que realizar a tarefa Y de uma maneira Z. Weber afirma que a racionalização do mundo é uma tendência inescapável, e que não haveria como revertê-la. Mas o que exatamente ele entende por *racionalização*?

Quando Weber fala em racionalização, está chamando a atenção para a crescente intelectualização da sociedade, resultado da especialização científica e da diferenciação técnica característica da civilização ocidental. Trata-se, portanto de um desenvolvimento prático, que irá *contaminar* todas as esferas da vida, como religião, direito, arte, ciência, política, economia... Dito de outro modo, para Weber, todas as esferas que compõem a vida moderna são cada vez mais organizadas sobre princípios e procedimentos racionais.

Coerente com a neutralidade valorativa que deveria guiar o trabalho científico, Weber não vai *defender* ou *legitimar* o processo de racionalização. Ele afirma querer apenas apontar suas características e seus efeitos; curiosamente, é aí que seus escritos adquirem um tom pessimista, quase que de lamento.



## REFLEXÃO

Weber via no processo de racionalização uma *faca de dois gumes*: se por um lado ganhamos em produtividade, técnica e cientificidade, por outro, o preço que pagamos foi aquilo que chamou de *desencantamento do mundo*.

O homem moderno deixou de acreditar na magia, no sagrado, no extraordinário. Sua vida é pautada pelo **pragmatismo**, pela necessidade de fazer mais e melhor, e em menos tempo; sua realidade é cansativa, utilitária, monótona. É quase como se Weber quisesse dizer que o homem moderno teria se tornado uma espécie de robô, programado para trabalhar muito e viver pouco, para calcular tudo e sentir nada. O homem moderno estaria preso dentro da *jaula de ferro* (é esta a expressão que Weber utiliza) da especialização profissional, da qual não haveria escapatória: cada vez mais, ele é condenado a ser um *especialista sem coração*.

Um dos efeitos deste processo de racionalização é o que Weber chama de tendência à burocratização, isto é, à formação de quadros profissionais técnicos responsáveis pela administração (do Estado, dos partidos políticos, das empresas, das igrejas e assim por diante). Isto permitiu a Weber uma compreensão mais detalhada do funcionamento da política e do mercado modernos.



## REFLEXÃO

Mas será que a racionalização e burocratização significaram um progresso moral individual ou coletivo? Será que o homem moderno tem um conhecimento melhor da condição em que se encontra?

Weber responderá negativamente a estas duas questões. O fato de termos nos desenvolvido racionalmente não implica em uma melhoria moral ou ética. (Basta lembrar do Holocausto: foi justamente porque a Alemanha nazista racionalizou seu processo censitário que conseguiu identificar e perseguir a população judaica, a fim de exterminá-la.) O que é bom ou mal, feio ou belo, justo ou injusto, moral ou imoral – tais questões estão fora do domínio da ciência. São questões de natureza filosófica, às quais nunca chegaremos a uma resposta definitiva.



## CURIOSIDADE

Com a ajuda da IBM, que na época era uma empresa ainda iniciante, a Alemanha nazista desenvolveu o primeiro sistema moderno de censo, isto é, de contagem de população. Foi a tecnologia da IBM que permitiu aos nazistas identificarem com tanta precisão a população judaica, que depois seria perseguida e aniquilada nos campos de concentração. A este respeito, veja o livro *A IBM e o Holocausto*, de Edwin Black.



## CONCEITO

### Pragmatismo

Uma pessoa *pragmática* é aquela que considera as coisas de um ponto de vista prático. O pragmático não se preocupa com teorias; está mais interessado em saber como o mundo real funciona.

A esta altura, seria válido perguntar: quer dizer que, para Weber, nós estaríamos condenados a experimentar a história como o lento e tedioso desenrolar do progresso burocrático e técnico? Ou ainda: será que o predomínio da racionalidade na política e na administração do Estado acaba gerando uma burocracia que só faz perpetuar-se?

Nada disso, diz Weber: há espaço também para o *irracional* na política e na história. A irracionalidade irrompe de tempos em tempos, chega para chacoalhar a ordem vigente, para mudar o rumo e o sentido dos processos sociais. Ela também desempenha um papel importante, como ficará claro a seguir.

## A teoria da dominação

Como já foi dito, Weber identificou duas tendências fundamentais da vida no mundo moderno, a racionalização e a burocratização. O capitalismo foi um dos principais motores da racionalização: fazer negócios significa agir sempre pensando no melhor meio (ter um bom produto, saber vendê-lo etc.) de atingir um fim (obter lucro, ser bem-sucedido).

Já o grande motor da burocratização foi o Estado, porque responsável por criar e implementar leis, administrar uma população cada vez mais numerosa em territórios extensos, zelar pela sua segurança etc. Mas o que garantiria a obediência das pessoas?

Para responder a esta pergunta, Weber irá distinguir três tipos de dominação:

RACIONAL-LEGAL
TRADICIONAL
CARISMÁTICA

A dominação **racional-legal** está baseada no respeito a uma regra ou norma vista como legítima. A obediência à Constituição do país é um exemplo de dominação racional-legal: o indivíduo reconhece a legitimidade das leis e vive de acordo com elas. A dominação racional-legal substitui as relações de amizade, de proximidade, de parentesco, por uma norma fria, impessoal e universalizante: *somos todos iguais perante a lei*.



### REFLEXÃO

Até que ponto a dominação racional-legal conseguiu realmente penetrar na sociedade brasileira? Então não somos o país do *jeitinho*, onde os *vips* (políticos, empresários, celebridades etc.) possuem privilégios de que o povo dificilmente irá desfrutar? Se a dominação racional-legal é um dos pilares da modernidade, cabe perguntar: será que o Brasil é realmente moderno?

A dominação **tradicional**, por outro lado, está baseada no respeito a uma ordem antiga, a uma tradição. Quando, por exemplo, um indivíduo vive de acordo com as regras de uma religião, de uma dinastia, de um poder familiar ou historicamente perpetuado, está sob efeito de uma dominação tradicional.



## Winston Churchill



Winston Churchill foi Primeiro-Ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, e ficou famoso por sua determinação em derrotar a Alemanha nazista.

Já na dominação **carismática** o indivíduo admira ou obedece a um chefe ou líder que considera excepcional. Nesta categoria, podemos incluir grandes estadistas (como **Winston Churchill**, mas também Adolf Hitler...), ou artistas e atletas excepcionais (Pelé, o grupo de rock inglês The Beatles etc.).

Weber diz claramente que, no mundo moderno, a dominação racional-legal tende a superar a dominação tradicional. O predomínio da dominação racional-legal assinala o declínio dos sistemas tradicionais de poder: nossas vidas são cada vez menos regidas pelas tradições religiosas ou familiares, e mais influenciadas pela ciência e pelas leis políticas do lugar onde vivemos.

No entanto, esta normalidade política e jurídica caracterizada pela dominação racional-legal é frequentemente abalada por um fator importante: o líder carismático. O carisma é irracional, e a sedução que exerce só pode ser explicada em termos afetivos: as pessoas simplesmente amam os líderes carismáticos, identificam-se com eles, deixam-se guiar por suas opiniões.

O carisma é o elemento que vem perturbar a racionalização da vida política; é ele que *tira a normalidade dos eixos*, abrindo um novo espaço de possibilidades. Para Weber, a dinâmica revolucionária da história se desenrolava principalmente de acordo com movimentos carismáticos. O carisma cumpre assim uma função positiva, de renovação.

No entanto, Weber sabe também que todo fenômeno carismático mais cedo ou mais tarde será absorvido, neutralizado. Perde seu caráter revolucionário e se torna uma nova norma, uma nova rotina. Então, dá lugar a uma ordem estável, baseada ou em uma nova dominação racional-legal (o líder institui novas leis e todos passam a viver de acordo com elas), ou em uma dominação tradicional (as pessoas vivem de acordo com a tradição herdada de sua atuação). Tal situação permanecerá inalterada até... a emergência de um novo fenômeno carismático, que irá revolucionar as normas e padrões aceitos como válidos.

Podemos identificar aqui mais uma diferença expressiva entre as obras de Weber e Marx. Para Marx, como vimos, o mundo moderno é por definição o mundo da instabilidade, do caos, o mundo onde *tudo que é sólido se desmancha no ar*. Para Weber, ao contrário, há uma ordem, uma estabilidade na modernidade, que é dada pelo predomínio da racionalidade e da burocracia, mas esta ordem é convulsionada de tempos em tempos pela emergência de fenômenos irracionais carismáticos.

## Notas finais: Marx, Weber e a Caixa de ferramentas

Cada qual a seu modo, as duas principais correntes de pensamento político na época de Weber, o liberalismo e marxismo, minimizavam

a importância e a atuação do Estado. Os liberais enxergavam o Estado quase como um mal necessário, um intruso cuja presença deveria ser limitada tanto quanto fosse possível (daí a insistência no *Estado mínimo*, que deixasse a Economia correr livre). Os marxistas admitiam a importância do Estado, mas apenas para dizer que não passava de um instrumento de poder da burguesia.

Weber discordava de ambas as perspectivas: um dos temas mais importantes de seu pensamento é a influência do campo propriamente político, e não apenas do campo econômico. Reconhecia que a luta de classes importava, mas não com o peso que o marxismo lhe dava. Para Weber, conflitos *entre grupos sociais diferentes*, e *entre estados-nações*, eram tão importantes para o desenvolvimento da História quanto os conflitos de classe.

Weber distinguiu entre classes, estamentos e partidos, o que lhe permitiu uma compreensão mais refinada do problema da distribuição de poder. Ou seja, a sociedade não seria composta apenas por duas classes antagônicas, burguesia e proletariado. *Classe*, para Weber, também dizia respeito à posse de bens. Por outro lado, um *estamento* estaria ligado a status e honra, e não a dinheiro. Um estamento é um grupo exclusivo, uma comunidade fechada, que pensa em si própria como diferenciada do restante da sociedade. Não está relacionado a dinheiro, mas sim a status, honra ou pertencimento.



## EXEMPLO

Por exemplo, o estamento da *high society*, ou *alta sociedade*, famílias tradicionais que fazem questão de se diferenciar dos *novos ricos*, pessoas que *subiram na vida* recentemente).

Por fim, Weber observa também o funcionamento dos partidos políticos, cujos interesses estavam mais relacionados à sua posição no jogo político como um todo do que com ganhos econômicos. Com isso, Weber podia diferenciar entre dominação política e dominação econômica, que o marxismo tendia a unir.

Enfim, a Sociologia de Weber abre uma perspectiva multidimensional, que nos permite observar melhor a dinâmica do poder e do conflito no mundo moderno. Não eram apenas burgueses e proletários que lutavam entre si: estamentos lutavam contra outros estamentos, que podiam eventualmente se unir contra uma classe e não outra, classe esta que era representada por um partido político X, que por sua vez conflitava com o partido político Y...

Do mesmo modo, a obra de Weber nos ajudou a ver que as ideias, as práticas culturais e religiosas, não eram meros reflexos das condições materiais em que os indivíduos viviam. Seu trabalho sobre *a ética protestante e o espírito do capitalismo* nos mostrou que as crenças dos indivíduos são capazes de criar novas realidades materiais, novos cenários econômicos, mesmo que não tivessem a intenção declarada de fazê-lo.

Mas como pensar a contribuição de Weber atualmente? Certamente, sua distinção entre Ciência e Política, importante no contexto em que foi formulada, foi desde então reavaliada. Mas suas lições metodológicas permanecem. Podemos entender as inovações metodológicas de Weber (os tipos de ação, os tipos ideais, as formas de dominação) como *ferramentas* que nos ajudam a realizar o trabalho sociológico de compreensão da realidade.



## CURIOSIDADE

A ideia de que a ciência pode ser completamente objetiva já não goza de tanto prestígio como no século XIX. Foi colocada em questão por diversos autores em áreas tão distintas quanto Filosofia, Sociologia, Antropologia, e também Física quântica (a este respeito, veja o *Princípio da Incerteza*, de Heisenberg).

É preciso apenas aprender a usar a ferramenta correta para o trabalho que se pretende realizar: um martelo será útil para colocar um prego na parede, mas não para serrar uma tábua de madeira... Para quem quer fazer uma análise sociológica das religiões, por exemplo, a obra de Weber é indispensável. Por outro lado, se você quer estudar como o sistema capitalista impacta até hoje o trabalho, os livros de Marx serão um ponto de partida recomendável. E se o pesquisador quer analisar a questão da cooperação nas sociedades modernas, então é provável que busque em Durkheim a inspiração inicial.

Isto não significa, claro, que estamos colocando uma *camisa de força* nos autores, isto é, que devemos vê-los como referidos somente a pontos muito específicos. Se Marx, Weber e Durkheim são os *pais fundadores* da Sociologia, é justamente em função da amplitude de suas obras. Eles lançaram as bases da atividade sociológica, o solo de onde todos os outros sociólogos que vieram depois partiram (e continuam partindo). É verdade que muitos de seus argumentos *envelheceram* — e nem poderia ser diferente.

O próprio Weber sabia que todo cientista está condenado a ser superado, porque sempre haverá uma nova realidade, que demandará uma nova análise, que precisará de novos instrumentos para ser feita, e assim por diante. Mas até para que saibamos reconhecer de que novo instrumento precisamos, primeiro é necessário conhecer os instrumentos que um autor clássico como Weber nos legou. Lidos com atenção, ainda se revelam surpreendentes, e muito atuais.



## RESUMO

Weber fazia questão de diferenciar o trabalho do cientista (objetivo, deveria se limitar a explicar o *que é*) do trabalho do político (subjetivo, voltado para o *que deveria ser*). Era um individualista metodológico: partia sempre da observação das ações dos indivíduos, tentando captar seu sentido, para aí então buscar compreender os fenômenos sociais. Formulou a noção de *tipo ideal* para facilitar a compreensão das causalidades dos fenômenos observados. Criou uma tipologia das ações e das formas de dominação, com o objetivo de clarificar alguns dos principais aspectos da realidade do mundo moderno. Mundo este que ele enxergava como sendo moldado pelos processos de racionalização e burocratização, cujas origens (ao menos uma delas, o capitalismo) remontavam à ética protestante e sua obrigação para o trabalho metódico, racionalmente orientado para a poupança e para o reinvestimento na atividade produtiva. Weber analisou as consequências da racionalização e da burocratização (*o desencantamento do mundo*) e, prestando atenção ao campo político e seu principal ator, o Estado, soube distinguir a complexidade dos conflitos sociais que atravessam a sociedade moderna.



## ATIVIDADE

1. (adaptado de UEM, 2011) Sobre a Sociologia compreensiva de Max Weber, assinale a alternativa correta:

- a) A ordem social impõe-se aos indivíduos como força exterior e coercitiva, submetendo, assim, as vontades desses indivíduos aos padrões sociais estabelecidos.
- b) A ação social é entendida não como a soma das ações individuais, mas como um fenômeno *sui generis*, que se estrutura a despeito do comportamento dos atores.
- c) A tarefa fundamental do sociólogo é a identificação e a compreensão causal dos sentidos e das motivações que orientam os indivíduos em suas ações sociais.
- d) A análise sociológica é científica na medida em que representa fielmente a realidade puramente objetiva dos fatos.
- e) As instituições sociais são resultado de relações sociais estáveis e duráveis.

2. Assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas, sobre a contribuição de Max Weber para a Sociologia:

- ( ) A teoria weberiana distingue quatro tipos de ação: tradicional, afetiva, racional com relação a valores, racional com relação a fins.
- ( ) A consciência coletiva, de acordo com Weber, é um conjunto de crenças comuns à média dos membros de uma sociedade e que orienta a ação social.
- ( ) A Sociologia de Weber busca compreender o sentido que cada autor confere à própria conduta.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) V F V
- b) F F V
- c) V V F
- d) F V F
- e) V V V

3. A sociologia de Max Weber rejeita alguns dos pressupostos mais importantes do marxismo. Tendo isto em mente, é correto afirmar que, segundo Weber:

- a) A perspectiva comparada é um dos caminhos possíveis para encontrar leis históricas de validade geral.
- b) A história é complexa e indeterminada, de modo a impedir a construção de uma ciência empírica das sociedades.
- c) As estruturas sociais são como uma *gaiola de ferro*, que impedem os indivíduos de agir livremente.
- d) A explicação de fenômenos sociais seria possível pela observação conjugada de fatores históricos, econômicos, políticos e culturais.
- e) Os fenômenos singulares da história podem ser explicados por meio de proposições gerais.

4. (adaptado de Unicentro, 2011) Marx e Weber analisaram os principais fenômenos da modernidade europeia — capitalismo, Estado, sociedade — a partir de perspectivas diferentes. Assinale como verdadeira a afirmativa que corresponde às análises de Max Weber:

- a) A vida moderna estimula a formação de um indivíduo calculista, racional e impessoal, refletindo a tendência da exploração dos trabalhadores e da transformação do trabalho em mercadoria.
- b) A expansão da produção capitalista teve como base a separação entre trabalhadores e os meios de produção, assim como a disseminação da propriedade privada.
- c) O objetivo da divisão social é integrar funções diferentes e complementares que, de outra forma, causariam a perda dos laços comunitários.
- d) A ação social, na sociedade moderna, é motivada apenas por interesses econômicos, dado que os meios de produção estão concentrados nas mãos de apenas uma classe social.
- e) A dimensão cultural é fundamental para compreender a modernidade, pois o trabalho orientado para o acúmulo do capital foi, em sua origem, tido como um dever moral que deveria ser perseguido de forma racional e disciplinada.

**Questão Discursiva:**



A charge acima sugere uma situação evidentemente absurda – a ligação com Deus sendo atendida por uma secretária eletrônica – como forma de criticar o predomínio das máquinas de atendimento ao consumidor. De que maneiras podemos ampliar a crítica veiculada por esta charge utilizando as ideias de Max Weber? Justifique sua resposta.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- \_\_\_\_\_. *Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo*. In: \_\_\_\_\_. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BALIBAR, Etienne. *A filosofia de Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- CALLINICOS, Alex. *The revolutionary ideas of Karl Marx*. Chicago: Haymarket Books, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?* In: *Coleção Primeiros Passos*. Brasília: Brasiliense, 1997.
- COLLINS, Randall. *Quatro tradições sociológicas*. (Coleção Sociologia.) Petrópolis: Vozes, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro / São Paulo: Companhia Editora Forense, 1970.
- GIDDENS, Anthony. *Política e sociologia no pensamento de Max Weber*. In: \_\_\_\_\_. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- HARVEY, David. *Para entender O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- HILL, Christopher. *Reformation to industrial revolution: a social and economic history of Britain, 1530-1780*. London: Penguin Books, 1970.
- POLANY, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- QUINTANEIRO, Tania et al. (org.). *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- REIS Fº, Daniel Aarão (org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto / São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- SAINT-PIERRE, Hector Luis. *Max Weber*. Entre a paixão e a razão. Campinas: Unicamp, 2004.
- WEBER, Max; COHN, Gabriel. *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*. (Ensaio comentado). São Paulo: Ática, 2006.
- ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.



## IMAGENS DO CAPÍTULO

### R 104 Marx e Engels

Autor desconhecido · Wikimedia . DP

### R 106 Il Quarto Stato

Giuseppe Pellizza da Volpedo · Wikimedia . DP

### R 107 The Great Transformation

Divulgação · Editora Campus

### R 109 David Ricardo

Autor desconhecido · Wikimedia . DP

### R 112 Pirâmide do sistema capitalista

Autor desconhecido · Wikimedia . DP

### R 113 Capa do Manifesto do Partido Comunista

Friedrich Engels, Karl Marx · Wikimedia . DP

### R 115 Tudo que é sólido desmancha no ar

Divulgação · Editora Companhia de Bolso

### R 118 The Pervert's Guide to Ideology

Divulgação · P Guide Productions Zeitgeist Films

### R 123 Max Weber

Autor desconhecido · Wikimedia . DP

### R 124 A ética protestante e o espírito do capitalismo

Autor desconhecido · Wikimedia . DP

### R 129 Fishermen

USAID Bangladesh · Wikimedia . DP

### R 135 Winston Churchill

Governo Britânico · Wikimedia . DP

### R 139 Charge

Rubinho

# 6

# Temas contemporâneos da Sociologia

RENATA SALOMONE ANSEL

## A produção das diferenças



### REFLEXÃO

Estamos habituados a ouvir relatos sobre a forma como, por exemplo, os europeus, quando chegaram às Américas, estranharam o modo de vida dos índios, suas feições, hábitos e vestimentas. De tanto ouvirmos e lermos as narrativas dos colonizadores, naturalizamos a ideia de que somente eles tiveram a sensação de estranhamento. Você já parou para pensar em como os índios, por exemplo, quando viram pela primeira vez os homens brancos, ficaram impactados com suas formas de se vestir, suas feições e comportamentos?

Ao longo da história da humanidade sempre existiram homens que observaram, interpretaram e produziram conhecimento sobre outros homens, estabelecendo semelhanças e diferenças, e construindo relações hierárquicas entre eles. Mas por que os indivíduos agem desta forma?

Todas as culturas produzem realidades distintas, mas em todas elas existe um conjunto de práticas regulares, que se repetem ao longo do tempo. Na medida em que estas práticas se reproduzem, acabam criando o que chamamos de **padrões culturais**. Conforme estes padrões vão sendo passados de geração em geração, tendemos a naturalizar os tipos de comportamento, de vestimentas, de linguagem etc, que estão associados a eles. Sendo assim, quando nos deparamos com outros costumes, a tendência é pensar no que é diferente não a partir daquilo que o torna distinto, mas sim pelo que o distancia daquilo que nosso grupo social considera como *normal, puro, certo* etc.

## Preconceito, discriminação e segregação

Conviver em uma determinada cultura, pertencer a uma classe social, fazer parte de certos grupos, ter uma visão de mundo específica, pertencer a uma etnia, ser homem ou mulher, fazer parte de uma determinada configuração familiar são algumas das condições que nos levam a refletir sobre a produção das diferenças entre os seres humanos. Como vimos em capítulos anteriores, os indivíduos tendem a observar aquilo que é diverso colocando a sua forma de ver o mundo no centro da análise, de modo etnocêntrico. Você já parou para pensar nas consequências e nos desdobramentos deste tipo de olhar?



### EXEMPLO

Você já deve ter ouvido diversas vezes comentários do tipo: *tinha que ser mulher; ele tem a maior cara de pobre; esse povo é muito atrasado; olha lá, ele anda que nem um viadinho; Não sou racista, tenho até*

*amigo preto*, e outros que seguem a mesma linha de pensamento. Estes tipos de comentários são típicos de demonstrações de preconceitos, como por exemplo, de gênero, de classe, de cultura, de orientação sexual, de etnia e fornecem bases para distintas formas de discriminação e segregação.

---

Vale ressaltar, portanto, que preconceito, discriminação e segregação são conceitos distintos, que atuam também como uma forma de manutenção das desigualdades sociais. Vamos conhecer os conceitos, para compreender melhor o que significa esse processo?

## CONCEITO

### Preconceito

É um **juízo prévio** negativo sobre uma pessoa, um grupo, uma cultura etc. Quem age com preconceito costuma estar fundamentado em estereótipos negativos, indicando desconhecimento ou ausência de informações suficientes a respeito de quem está sendo julgado. O preconceito pode levar à discriminação.

### Discriminação

A palavra vem do latim *discriminis*, que significa separar. É o nome que se dá ao ato de restringir a certos indivíduos oportunidades ou privilégios que estão disponíveis para outros indivíduos. Discriminar é, portanto, atuar de forma a fazer uma distinção de certas pessoas, podendo levá-las à exclusão ou à marginalização.

### Segregação

É uma ação política, pautada em leis ou normas, que tem como objetivo manter à distância, em espaços próprios que lhes são reservados, determinados indivíduos ou grupos considerados indesejados ou inferiores. Para isso, são estabelecidas fronteiras espaciais ou sociais que aumentam as desvantagens entre grupos discriminados. Esta prática é baseada na ideia de superioridade étnica, de gênero, de nacionalidade etc.

Podemos citar como exemplos de práticas segregacionistas o regime do *Apartheid*, na África do Sul; o regime de segregação racial nos Estados Unidos; e o Nazismo, na Alemanha.

---

Agora que já firmamos a base conceitual, fica mais evidente como o preconceito pode ser bastante perigoso para os indivíduos e para a sociedade, não é mesmo? Ele é transmitido muitas vezes sem que percebamos e tende a misturar-se ao contexto cultural, de modo que fica mais difícil de superá-lo. Deste modo, o preconceito pode levar à discriminação e à segregação de outros indivíduos.

Ainda percebemos a persistência de preconceitos relacionados a diversos aspectos, como aqueles ligados à orientação sexual, à etnia, à classe, ao gênero etc. Vamos refletir um pouco mais sobre algumas formas de preconceito?

## CURIOSIDADE

### Estereótipos

O termo é derivado do grego *stereos* (fixo) *typos* (impressão), ou seja, significa ter uma impressão fixa sobre uma pessoa ou um grupo. É uma caracterização generalista realizada, muitas vezes, sem consciência, a partir de crenças, expectativas e impressões sobre indivíduos ou grupos.



## AUTOR

Joseph Arthur de Gobineau



Joseph Arthur de Gobineau (1816—1882) foi um diplomata, escritor e filósofo francês. Foi um dos mais influentes teóricos do racismo no século XIX.

## Preconceito racial

As bases das teorias raciais foram construídas a partir da ideia de que existiam **diferenças naturais** entre os homens. Estas teorias foram utilizadas ao longo da história e nos mais diversos contextos para justificar a dominação de alguns povos sobre outros. Para tanto, difundiu-se a crença de que existiam raças distintas entre os seres humanos e que umas eram superiores e outras inferiores.

Os critérios para distinguir os grupos humanos eram baseados nas diferenças culturais e no fenótipo, ou seja, no conjunto de características físicas dos indivíduos. Segundo esta teoria, a partir das diferenças de tipo físico, por exemplo, poder-se-ia perceber quem eram os indivíduos fracos, ou de raça inferior, e quem eram aqueles considerados fortes, ou superiores. Para difundirem de modo eficiente esta crença, muitos estudos científicos foram realizados, de modo a dar mais credibilidade à teoria.

Um dos estudiosos mais conhecidos das teorias racistas, como vimos no capítulo sobre a diversidade cultural e a formação social brasileira, foi **Joseph Arthur de Gobineau**. O autor populariza, em seu livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, a ideia de que a humanidade seria dividida em várias raças distintas, sendo, por isso, passíveis de serem separadas de modo hierárquico. O maior problema, segundo a teoria de Gobineau, relacionava-se à mistura entre as raças, o que provocaria a degenerescência das mesmas. A partir daí, as tentativas de fomentar discursos científicos para os preconceitos raciais foram se tornando cada vez mais evidentes, levando, por exemplo, aos estudos biométricos.

Os métodos de biometria foram utilizados como formas de quantificar as diferenças entre a espécie humana, recenseando as características físicas, como pigmentação da pele, formato do rosto, tamanho do crânio etc, para categorizar e classificar os homens em raças. Esta categorização levou à definição de uma ideia de *pureza racial* e, com isso, forneceu as bases para justificar a eliminação daqueles que não eram considerados puros.



## EXEMPLO

Essas teorias e métodos reverberaram de diferentes formas em todo o mundo e serviram como base, por exemplo, para justificar os discursos e práticas adotados na Alemanha nazista, levando ao genocídio de milhares de judeus e outros indivíduos que não eram considerados *puros*.

No Brasil, esta ideia chegou de forma a entusiasmar boa parte da elite do país, que adotou prontamente a teoria de que a raça branca era superior. Inaugurava-se, então, um dilema: como construir um projeto de nação considerado respeitável em um país onde a maioria da popula-

ção era negra (de acordo com o censo do ano de 1872, os negros formavam 55% da população)? Foi, então, colocada em prática uma política de branqueamento, que adotou como estratégia o incentivo à vinda de imigrantes europeus, estimulando a miscigenação. Assim, segundo esta lógica, aos poucos o país iria embranquecendo.



## REFLEXÃO

Portanto, percebemos que a palavra raça é uma construção social e política e que a origem de todo o racismo é, então, o preconceito.

## O mito da democracia racial brasileira

Quando falamos de preconceito racial, é comum ouvirmos a ideia de que no Brasil não há racismo e de que o que existe, na verdade, é uma desigualdade de classes.

Esta ideia é fruto de uma teoria que sofreu grande influência das teses de ***Gilberto Freyre***, pensador brasileiro que, em 1933, publicou a obra *Casa Grande e Senzala*. Nessa época, existia uma preocupação muito grande com a formação da identidade nacional, e o livro de Freyre virou uma grande referência para pensarmos a interação entre as diferentes etnias no Brasil. O autor trazia como um dos pontos centrais da obra a ideia de que a miscigenação brasileira possibilitou um convívio harmonioso entre as diferentes *raças* aqui presentes. Sendo assim, a partir de apropriações desta teoria, a interpretação dominante sobre a realidade brasileira passou a ser mais otimista, trazendo a ideia de que, justamente por termos uma convivência pacífica, vivíamos em uma democracia racial.

Esta tese foi, então, desconstruída por outro importante autor, o sociólogo ***Florestan Fernandes*** que, em seu livro *A integração dos negros na sociedade de classes*, aponta para a existência do que chama de **mito da democracia racial**. Para Fernandes, a ideia de que existe uma convivência harmoniosa entre as diferentes *raças* serviu para mascarar as desigualdades raciais presentes na realidade brasileira. Segundo o autor, surgiu no Brasil o que ele chama de *preconceito reativo*, ou seja, o preconceito de agir com preconceito. Esta teoria parte do princípio de que o preconceito seria algo degradante, por isso, fez-se necessário agir para combater a ideia de que existe preconceito no Brasil, sem, com isso, se fazer nada para melhorar a condição degradante em que se encontra a população negra no país. Assim, convivemos com uma espécie de racismo velado, efetivado de forma bastante eficiente. ***Abdias do Nascimento*** resume esta reflexão no trecho a seguir:



## AUTOR

### Gilberto Freyre



Gilberto de Mello Freyre (1900 – 1987) é considerado um dos mais importantes sociólogos do

século XX. Como escritor, dedicou-se à ensaística da interpretação do Brasil sob ângulos da Sociologia, Antropologia e História. Foi também autor de ficção, jornalista, poeta e pintor. Recebeu da Rainha Elizabeth II o título de Sir, sendo um dos poucos brasileiros detentores desta alta honraria da coroa britânica.



## AUTOR

### Florestan Fernandes

Florestan Fernandes (1920–1995) foi um sociólogo e político brasileiro. Foi deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores.



## AUTOR

### Abdias do Nascimento

Abdias do Nascimento (1914–2011) foi um político e ativista social brasileiro. Foi um dos maiores defensores da preservação da cultura e igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil, nome de grande importância para a reflexão e atividade sobre a questão do negro na sociedade brasileira. Teve uma trajetória longa e produtiva, indo desde o movimento integralista, passando por atividade de poeta (com a *Hermandad*, grupo com o qual viajou de forma boêmia pela América do Sul), até ativista do Movimento Negro, ator (criou em 1944 o Teatro Experimental do Negro) e escultor.

“(...) erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. (...) A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o 'maior motivo de orgulho nacional (...). No entanto, devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.”

## Preconceitos de gênero e orientação sexual

Vamos começar compreendendo as diferenças entre os conceitos?



### CONCEITO

#### Sexo

Refere-se apenas ao aspecto determinado biologicamente. São as diferenças anatômicas que estão presentes nos nossos corpos desde que nascemos. Existem dois tipos de sexo: homem e mulher.

#### Gênero

O conceito de gênero começou a ser usado para marcar as diferenças entre homens e mulheres, que não estão restritas aos aspectos físicos e biológicos. A noção de gênero é, portanto, construída socialmente. É a partir da observação das diferenças sexuais que se criam ideias sobre o que é masculino e feminino, as chamadas **representações de gênero**. Assim, como as origens das identidades subjetivas de gênero são exclusivamente sociais, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e mulheres.

#### Identidades de gênero

Refere-se ao gênero com o qual o indivíduo se identifica. O que isto significa? Na maioria das vezes, as mulheres se identificam no gênero feminino e os homens no gênero masculino. No entanto, nem sempre acontece desta forma. Por vezes, algumas pessoas de determinados sexos biológicos não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. São os indivíduos que chamamos de travestis e transexuais, ou transgêneros.

#### Orientação sexual

Quando falamos da orientação sexual, estamos indicando por quais gêneros uma pessoa sente-se atraída, seja de forma emocional, sexual ou afetiva. Pode ser assexual (nenhuma atração sexual), bissexual (atração pelos gêneros masculino e feminino), homossexual (atração pelo mesmo gênero), heterossexual (atração pelo gênero oposto) ou, ainda, pansexual (atração independente do gênero).

Hoje, usamos o termo *orientação sexual* por ser considerado mais adequado do que *opção sexual*. Isto porque a palavra *opção* denota que o indivíduo pode escolher a sua forma de desejo. Apesar de não existirem consensos a respeito do que explica a orientação sexual, o que se pode afirmar é que não é uma escolha.



## AUTOR

### Margareth Mead



Margaret Mead (1901–1978) foi uma antropóloga cultural norte-americana. Em 1925, ficou conhecida pelo trabalho de campo na Polinésia. Em 1926, colaborou no Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, como assistente do diretor, e depois como diretora de *etnologia* (de 1946 a 1969). Durante a Segunda Guerra Mundial, foi secretária executiva do comitê de hábitos alimentares do Conselho Nacional de Investigação. Entre os anos de 1946 e 1953, Margaret Mead integrou o grupo reunido sob o nome de *Macy Conferences*, contribuindo para a consolidação da teoria cibernética ao lado de outros cientistas renomados.

Agora que diferenciamos os conceitos, vamos refletir um pouco mais sobre eles.

A sexualidade humana é um tema que leva a muitas controvérsias e tabus, pois envolve formas distintas de práticas culturais, de comportamentos, de reflexão sobre as questões afetivas dos indivíduos, de lidar com o prazer e de pensar os papéis esperados socialmente. Quando tratamos, por exemplo, sobre questões ligadas ao gênero, entendemos que, por ser uma noção construída na relação entre os indivíduos, as representações sobre os papéis a ele relacionados podem ser influenciadas por fatores como a etnia, a classe social, a religião, a cultura, o contexto histórico etc.

Em um livro chamado *Sexo e temperamento*, escrito em 1950, a antropóloga **Margareth Mead** fala de seus estudos em uma ilha da Nova Guiné, onde percebeu que em um mesmo espaço se atribuíam distintos papéis para mulheres e homens. Comportamentos como agressividade e passividade que, na cultura ocidental são comumente relacionados, respectivamente, a homens e mulheres, nas tribos que Mead analisou eram associados de formas diferentes. A antropóloga estudou três tribos e, em cada uma delas, percebeu diferenças cruciais, como por exemplo, o fato de que em um destes grupos, tanto os homens como as mulheres apresentavam comportamentos dóceis e cordiais; em outra tribo, ambos eram mais agressivos; e no terceiro grupo, aos homens destinavam-se os papéis mais caseiros e eram mais passivos, enquanto as mulheres eram mais aguerridas.



## REFLEXÃO

A partir das análises de Mead, várias reflexões e estudos foram realizados, demonstrando como os **papéis de gênero** não são dados pela natureza biológica, mas são fruto da nossa **construção social**. Portanto, as formas de falar, gesticular, andar e as preferências por certo estilo de roupas, por exemplo, podem não estar associadas necessariamente a uma identidade de gênero específica ou a uma orientação sexual.

No entanto, ainda que saibamos que os comportamentos relacionados aos homens e às mulheres possam variar de acordo com o grupo social no qual estamos inseridos, ainda tendemos a estabelecer padrões fixos para o feminino, assim como para o masculino, de modo a querer determinar aquilo que seria *próprio* para cada gênero, como se fosse uma característica natural do ser humano. Você já deve ter ouvido muitas expressões como: “*esse comportamento é típico de mulherzinha*”, “*isso é coisa de macho*”, ou ainda, “*homens não podem chorar*”, “*lugar de mulher é na cozinha*”, dentre outros. Sendo assim, quando determinados indivíduos agem de maneiras distintas daquelas esperadas, acabam sofrendo preconceito.

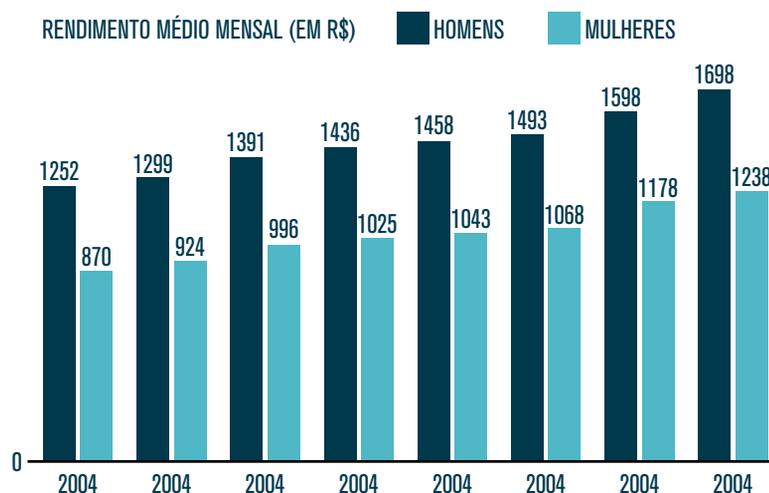
Como em nossa sociedade o que é considerado masculino é visto, muitas vezes, como sinônimo de força, acabamos produzindo, com

### Homofobia

Trata-se de um conjunto de atitudes e sentimentos negativos, como aversão, desprezo, hostilidade, preconceito e violência em relação a determinadas orientações sexuais, como os homossexuais e os bissexuais, e a certas identidades de gênero, como os transgêneros.

As atitudes homofóbicas ainda matam inúmeras pessoas por ano, no mundo inteiro.

isso, uma desigualdade de prestígio, autoridade e poder, que desemboca em consequências práticas, como os tratamentos diferenciados e preconceituosos dados, por exemplo, às mulheres em diferentes contextos, inclusive no mercado de trabalho, onde ainda hoje, de um modo geral, recebem salários mais baixos que os dos homens, como podemos ver no gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2012

O gráfico mostra como os preconceitos relacionados ao sexo ou ao gênero podem ter consequências práticas bastante danosas para a vida em sociedade, podendo levar inclusive à discriminação simplesmente pelo fato de ser mulher ou homem.

Outra questão importante é que, assim como estabelecemos o que seria considerado como natural para a construção dos papéis de gênero, fazemos o mesmo quando tratamos das relações entre os indivíduos. A postura de intolerância e preconceito em relação à homossexualidade, por exemplo, é pautada em diversas justificativas, sendo a mais conhecida delas a de que trata-se de algo que é antinatural. Esta ideia é proveniente do pressuposto de que a heterossexualidade seria algo instintivo do ser humano, em vistas da perpetuação da espécie, através da reprodução.

É importante que nos lembremos de alguns fatos históricos, para que reflitamos melhor sobre o tema. Sabemos que em diversas épocas da sociedade e em distintas culturas, a relação entre pessoas do mesmo sexo era parte integrante do cotidiano, sendo vista como algo comum. Porém, assim como acontece com os papéis de gênero, a visão sobre as relações homossexuais foi mudando de acordo com a cultura, a época e os interesses dos atores sociais daquele contexto.

As visões negativas sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo foram crescendo e adquiriram inúmeras roupagens, que variaram desde a percepção de que era uma anomalia, uma doença que precisava ser curada, ou de que era uma ameaça à ordem, até a teoria de que era algo considerado antinatural. Tais tipos de visões provocaram inúmeras formas de preconceitos e discriminação, levando à chamada **homofobia**.



## CONCEITO

### Heteronormatividade

Visão de que o normal e o correto seriam as relações heterossexuais.

Para que pensemos com mais cautela no tema, é importante lembrar que, do mesmo modo que se diz que a homossexualidade contradiz o *instinto humano* ou o caminho *natural* da humanidade, no final do século XIX, por exemplo, achavam que a ideia de desejo sexual era uma característica tipicamente masculina e que as mulheres tinham relações sexuais apenas para atender às necessidades de reprodução da espécie e de perpetuação da família. Sendo assim, o prazer feminino era considerado perigoso, já que a frigidez e a passividade eram características vistas como *naturais* nas mulheres.

Atualmente, a partir da atuação dos movimentos de libertação das mulheres e dos estudos da Psicanálise, as ideias de desejo e orgasmo femininos passaram a não ser mais vistas como *antinaturais* ou pecaminosas. Do mesmo modo, o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis) trouxe inúmeras mudanças em relação ao modo como enxergamos as diferentes orientações sexuais e os papéis de gênero, questionando o que chamamos de ***heteronormatividade***, desnaturalizando as relações tidas como normais e ampliando o espaço para que outras relações sejam consideradas legítimas. Em muitos países, por exemplo, o casamento homossexual e a adoção de crianças por casais do mesmo sexo já são aceitos, trazendo importantes reflexões sobre as relações entre os indivíduos em sociedade e suas configurações familiares.

## Existe um modelo de família?

É muito comum pensarmos hoje que o princípio básico de formação de um modelo familiar é o amor. De um modo geral, acreditamos que a construção de uma família ocorre em uma escala progressiva: tudo começa quando um casal heterossexual se apaixona, depois passa a se amar, se casa e, em seguida, tem filhos. Esta é a construção que muitos fazem do que seria um ideal de família. No entanto, ao longo da história, a ideia de família apresentou inúmeras formas de se estruturar e, ainda hoje, sua formação varia de acordo com a cultura e com o contexto no qual está inserida.

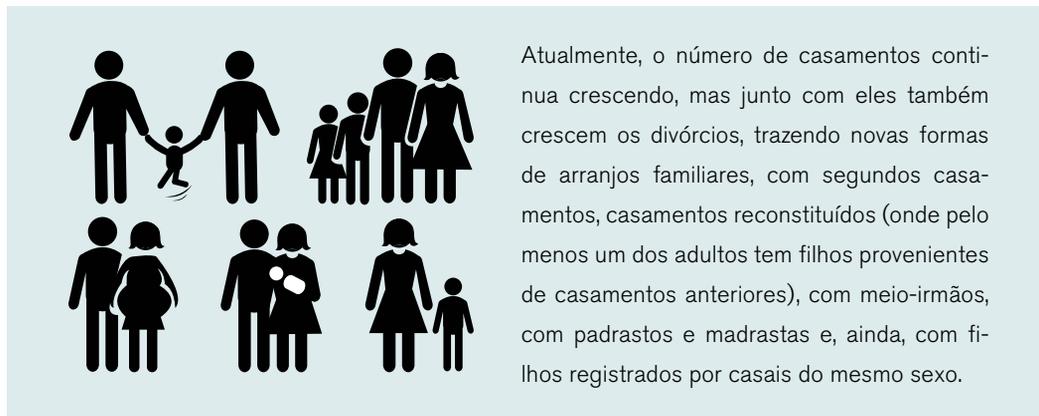


## REFLEXÃO

Para perceber as mudanças sobre a ideia de família, você não precisa ir muito longe, basta perguntar aos seus pais como era no tempo deles. Seus pais se separaram? Se isto aconteceu, eles continuaram morando na mesma casa? O que a separação significava naquele contexto? E hoje, você acha muito estranho quando um casal se separa? Na época de seus pais havia muitos casos de mães solteiras? E hoje, você conhece alguma? Somente estas perguntas nos levam a considerar uma mudança muito rápida na configuração dos possíveis formatos de família.

Se passarmos um pouquinho pela história, veremos que as transformações são ainda mais radicais. Na Europa, por exemplo, no início da Idade Moderna, era comum o arranjo de casamentos reais e aristocráticos por razões políticas ou mesmo para perpetuação da herança. Havia até um ditado nessa época que dizia: “amar a própria esposa com suas emoções é adultério”. Hoje, ainda que sejam menos comuns, ainda existem sociedades onde o *casamento arranjado* continua sendo uma norma.

A ideia de amor romântico só começou a ser difundida no final do século XVIII e, neste contexto, estava relacionado muito mais à ideia de um amor idealizado do que de um amor apaixonado. Sendo assim, não podemos atribuir ao conceito de amor romântico a ideia de ser parte natural da formação da família.



Podemos perceber, portanto, que existem distintos modelos familiares nas sociedades ao redor do mundo e sabemos que nenhum deles pode ser considerado como *correto* ou *incorreto*. No entanto, ainda tendemos a categorizar determinados formatos como ideais, agindo, muitas vezes, com preconceito em relação às configurações que não atendem àquilo que pensamos como sendo *normal*.

## REFLEXÃO

Concluimos com uma frase de Ríos González para refletirmos um pouco mais sobre o tema: “A situação atual obriga a uma análise da realidade das famílias no mundo moderno, sem estigmatizar nem julgar, já que existe uma crise do modelo tradicional de família, mais do que uma ‘crise da família’”.

## Nós e eles: a produção do estigma

Mary Douglas, antropóloga inglesa, afirma que nosso comportamento em relação àquilo que consideramos impuro é uma forma de condenar qualquer ideia que seja capaz de confundir ou contradizer aquilo que criamos como padrão, ou seja, nosso **“esquema de classificações ideais”**. A ideia de pureza aqui não está associada meramente a um cuidado com a higiene, mas indica um respeito pela ordem, pelas convenções. Deste modo, tudo o que é considerado como indesejável e que está fora do sistema de ordenamento que criamos, é comumente visto como sendo ameaçador, devendo ser excluído. Assim, separar, criar categorias e punir aqueles que não se adequem aos padrões que



criamos, são medidas que acreditamos que possam organizar uma experiência vista como desordenada.

É importante você perceber que a imagem de que alguma coisa é impura ou está fora de lugar não é intrínseca a ela, ou seja, uma coisa ou uma pessoa não nascem impuras. Estas ideias são construídas e variam de acordo com o ponto de vista de quem observa. Porém, dependendo da posição ocupada por aquela pessoa que está julgando, esse determinado olhar pode ser rotulado em uma percepção mais generalizada, tornando-se um **estigma**.

Produzir narrativas estigmatizantes sobre os que não se enquadram aos padrões esperados torna-se, então, uma estratégia, um processo político de regulação e controle social. Além disso, apontar as impurezas, as desordens, são ações que determinam também sua própria posição social. Ou seja, se eu classifico outra cultura como *atrasada*, estou querendo dizer com isso que a minha cultura é *evoluída*; se eu estigmatizo outro indivíduo como *mau*, estou me colocando na posição de *bom*, e assim por diante.

Assim, ao se construir, através dos discursos, um estigma sobre determinados sujeitos ou culturas, estabeleceram-se também, ao longo da história, as práticas para lidar com eles e, até mesmo, para intervir sobre aqueles que acreditou-se não estarem enquadrados dentro dos padrões estabelecidos.



## EXEMPLO

Vamos pensar em um exemplo? Você sabia que a ideia de *Oriente* foi criada pelos *ocidentais*, e que os habitantes daquele espaço do planeta não chamavam a si próprios desta forma? Edward Said chama atenção para o fato de que a distinção que se faz entre Ocidente e Oriente é uma construção histórica, estabelecida por uma rede de interesses criada no e para o Ocidente. É uma relação de poder, produto dos ideais e pontos de vista do Ocidente para justificar e legitimar as investidas ideológicas, políticas, militares e culturais no Oriente. Estabeleceu-se, então, uma forma de dominação que atribui características ao que chamaram de *Oriente*, colocando-o em uma posição de impureza e atraso.

O Oriente, tal como era enxergado e produzido pelo Ocidente, tinha formas de comportamento e mecanismos de sociabilidade e legitimação da autoridade que não se enquadravam nos padrões de ordenamento idealizados e autorizados no Ocidente. Assim, uma vez que não se tinha controle sobre essa realidade, o terror da incerteza levava à existência de mecanismos para que se pudesse exercer o controle e o poder. Deste modo, a produção de estigmas sobre a cultura oriental seria funcional, tanto para a relação de dominação, como para a própria construção da identidade ocidental.

## Estigma

Historicamente, estigma era uma marca feita com ferro quente ou fogo no corpo de indivíduos que tinham sido condenados por cometerem algum crime. Assim, através desta marca, todos poderiam identificar os indivíduos que cometiam desvios.

Hoje não deixamos de produzir estigmas, através de marcas que não precisam mais ser físicas. Estigmatizamos uma pessoa, cultura ou lugar, reduzindo-os àquelas categorias que, segundo as normas que criamos em sociedade, seriam consideradas fora do padrão.

Segundo Erving Goffman, o estigma é definido em termos de relacionamentos, não de atributos. Ou seja, não são as características da pessoa (seus atributos) que criam o estigma, mas as nossas atitudes e projeções em relação a ela. O estigma é, portanto, um produto social relacionado às interações entre diferentes grupos. O *normal* e o *estigmatizado* não são tipos de pessoas, mas pontos de vista.

Por exemplo, um indivíduo que está desempregado pode ser estigmatizado como sendo preguiçoso ou aproveitador, quando, na realidade, ele tem apenas um desejo: encontrar trabalho.



## CONCEITO

### Blasé

Expressão francesa que se refere ao indivíduo que é indiferente, apático ou que não demonstra emoção. Pode ser utilizada também para caracterizar uma pessoa arrogante, ou com ares de pompa.

### Zappeur

Expressão francesa que traduzimos como zapeador. Refere-se ao indivíduo que zapeia, que muda de um canal de televisão a outro rapidamente. Esta palavra pode também expressar a ideia de um indivíduo que muda rapidamente de atividade, de ideia, de opção.



## ATIVIDADE

Desde cedo aprendemos que o povo brasileiro é resultante da mistura entre brancos, negros e índios. Essa ideia traz em sua essência a crença de que o Brasil, fruto desta mistura, é um lugar onde as relações ocorrem de forma pacífica, como um verdadeiro éden de respeito racial e humano.

O antropólogo Roberto DaMatta atribui a essa ideia o nome de *fábula das três raças*, indicando que esta foi uma poderosa força cultural que contribuiu para a ideologia dominante. A ideia da Fábula pode ser interpretada da seguinte forma:

- a) Contribuiu para conservar as três raças separadas.
- b) Não teve bases históricas reais.
- c) Permitiu conceber uma sociedade altamente hierarquizada como se fosse uma totalidade integrada e harmônica.
- d) Teve por objetivo desvalorizar o colonizador.
- e) Facilitou a escravidão.

## Do blasé ao zappeur: cenas da vida na metrópole



## REFLEXÃO

Você conhece todos os seus vizinhos pelo nome? Sabe quem é o dono da padaria do seu bairro? Cumprimenta as pessoas por onde passa? Fica comovido sempre que vê uma cena de injustiça ou de violência nas ruas? Se você respondeu *sim* para todas as perguntas elencadas acima, provavelmente não mora em uma cidade grande. Certo? Caso esta suposição não esteja correta e você tenha respondido *sim*, mas habita uma cidade grande, considere-se uma exceção.

De outro lado, se você respondeu *não* para a maior parte das perguntas acima, consegue pensar no porquê destas atitudes? Seria fácil concluir que esta falta de pessoalidade e comoção em relação aos eventos da vida cotidiana é característica de pessoas egoístas, insensíveis e frias; porém, se voltarmos nosso olhar para outros argumentos sociológicos, encontraremos um quadro muito mais complexo.

Para a maior parte dos indivíduos no mundo contemporâneo, as grandes cidades parecem ser ambientes naturais. As cenas se repetem neste cenário como em um filme. As publicidades dos *outdoors* se sobrepõem às construções, como se a elas tivessem sempre pertencido. Nos postes um emaranhado de fios. Nos fios, um emaranhado de pipas que por ali ficaram. Os ônibus lotados. Atrás do ônibus, um anúncio de motel chama a atenção do motorista de táxi. Ele sonha com a moça da propaganda. Pedestres testemunham um acidente. Pedro, cujo nome agora só você sabe, pede comida. As buzinas se confundem com o apito do

guarda. Está lá um corpo estendido no chão. Uma loja anuncia a maior liquidação de todos os tempos.

O cenário descrito acima é parte da vida cotidiana de muitos cidadãos. Porém, apesar de parecerem comuns para muitos de nós, supomos que apenas o ato de lê-las já deve ter provocado em você uma sensação de desconforto e angústia. Correto? Você consegue pensar no que provoca estes sentimentos? E em suas consequências? Como sobreviver diante destes estímulos? É a estas perguntas que iremos nos ater adiante.

---

**Georg Simmel**, sociólogo alemão que viveu de meados do século XIX ao início do século XX, foi um dos maiores estudiosos da vida nas metrópoles. Sua percepção acerca da forma como os indivíduos agem nas cidades grandes é fundamentada, dentre outros fatores, pelo que chama de *economia do dinheiro*. Através da reflexão sobre este conceito, o autor nos faz compreender melhor quais podem ser os efeitos da monetarização sobre as vidas humanas e, precisamente, sobre as relações sociais. Para entender sua teoria, vamos caminhar um pouco pela história e começar refletindo sobre o papel do dinheiro na vida em sociedade?

## A filosofia do dinheiro

Ao estudar a história das sociedades, percebemos como, ao longo do tempo, as relações humanas tornaram-se cada vez mais complexas. Antes, os indivíduos podiam suprir suas necessidades através das trocas diretas (escambo), ou seja, se um sujeito quisesse vender laranjas para adquirir blusas, necessitaria encontrar alguém que possuísse blusas e desejasse trocá-las por laranjas. Desta forma, precisaria da dupla coincidência de fins entre comprador e vendedor, para que a troca se concretizasse.

Ao passo em que as cidades cresceram e suas populações aumentaram, estas possibilidades tornaram-se cada vez mais complexas, trazendo a necessidade de trocas indiretas. Assim, certas mercadorias que tinham uma aceitação maior, tais como o sal, certas especiarias, o tabaco, a prata e o ouro, estabeleceram-se como meio comum de troca, ou seja, como moeda. Deste modo, o vendedor de laranjas ao qual nos referimos, trocaria seu produto por moedas, e depois moedas por blusas. Ao longo do tempo, o uso do ouro e da prata como moeda foi prevalecendo e, mais tarde, o papel-moeda se estabelece como um dos principais meios de troca.

Através deste passeio pela história, e entendendo **dinheiro** como toda mercadoria que ganha a propriedade de meio comum de troca, você consegue perceber sua importância na vida em sociedade? Sem dúvidas, o uso do dinheiro facilitou bastante as transações e a circulação de mercadorias, ampliou o comércio, dentre outros fatores. No entanto, Simmel chama atenção para outros efeitos provocados pelo que denomina *filosofia do dinheiro*, ao destacar seu caráter impessoal e quantificador.



## AUTOR

### Georg Simmel



Professor alemão, Georg Simmel (1858—1918) diplomou-se em Filosofia pela Universidade de Berlim. Foi inspirado pela filosofia de Kant, cuja influência era muito forte na Alemanha de sua época. Em 1908, escreveu aquele que pode ser considerado como um dos grandes tratados que analisam sociologicamente a vida moderna: o livro *A Filosofia do Dinheiro*. Outro importante tema da sociologia simmeliana foi sua análise da vida urbana, que culminou em um dos textos fundadores da chamada Sociologia urbana: *A metrópole e a vida mental*, de 1903. Também são famosas as análises de Simmel sobre temas presentes no cotidiano da cidade, tais como: o segredo, a sociabilidade, a moda, a psicologia feminina, os círculos sociais, o estrangeiro e outros aspectos da vida social. Por esta razão, Simmel é considerado um dos precursores da Microsociologia.



## REFLEXÃO

O crescimento da economia monetária, na concepção do autor, fez com que o dinheiro se tornasse o denominador comum de todos os valores, retirando a essência das coisas, seu valor específico, sua distinção e, com isso, reduzindo as relações de troca a uma questão: **quanto?** Assim, com a ampliação deste tipo de prática, o pensamento humano também foi se modificando, passando-se a trabalhar com o homem como um número e transferindo a impessoalidade da relação com o dinheiro à impessoalidade da relação entre os próprios homens.

A partir desta reflexão, percebemos que, com a propagação da *filosofia do dinheiro*, o que passa a interessar, muitas vezes, é o que é mensurável, ou seja, aquilo que se pode medir. O mundo se transforma em um problema aritmético. Nesses termos, a objetividade e a impessoalidade no tratamento das coisas e dos seres humanos passam a ser consideradas adequadas a um mundo no qual prevalece a lógica do dinheiro.

## A vida na metrópole: solidão na multidão

A *filosofia do dinheiro* domina a metrópole. Será no cotidiano das grandes cidades que as consequências trazidas pela sua prevalência se amplificarão ainda mais. Simmel compara a vida nas metrópoles ao cotidiano dos meios rurais e conclui que o estilo de vida da cidade grande propicia e promove a impessoalidade e a racionalidade.

Na metrópole, as ações dos indivíduos são, de um modo geral, realizadas por desconhecidos e para desconhecidos, o que faz com que a objetividade das transações torne-se muito mais evidente, pois não ocorrem as interferências que as relações pessoais trazem consigo. Assim, os moradores das grandes cidades aprendem a reagir não com o sentimento, mas com a racionalidade, com o entendimento.

A metrópole exige dos indivíduos uma quantidade de consciência, de uso da razão diferente da que a vida rural necessita. Nas cidades pequenas, as coisas acontecem de modo mais uniforme, mais habitual. Nelas, o ritmo da vida flui de modo mais lento, fazendo com que os indivíduos possam dar mais atenção aos acontecimentos cotidianos, conhecer seus vizinhos e entender suas histórias de modo mais profundo.

Em termos psíquicos, o cotidiano na metrópole cria, na concepção do autor, um ambiente onde o indivíduo parece não se reconhecer, onde o sentimento de pertencimento se perde, desorganizando o sujeito de tal forma que ele se sente desamparado e solitário, ainda que esteja situado em plena multidão. Deste modo, diante da sensação de abandono, cada indivíduo pode acabar criando uma experiência particular de exílio, de isolamento.



## COMENTÁRIO

Você começa a entender, a partir das explicações dadas acima, por que a falta de pessoalidade e comoção em relação aos eventos da vida cotidiana nas grandes cidades não está ligada somente a características de pessoas frias ou insensíveis?

## A intensificação da vida nervosa e a atitude de reserva

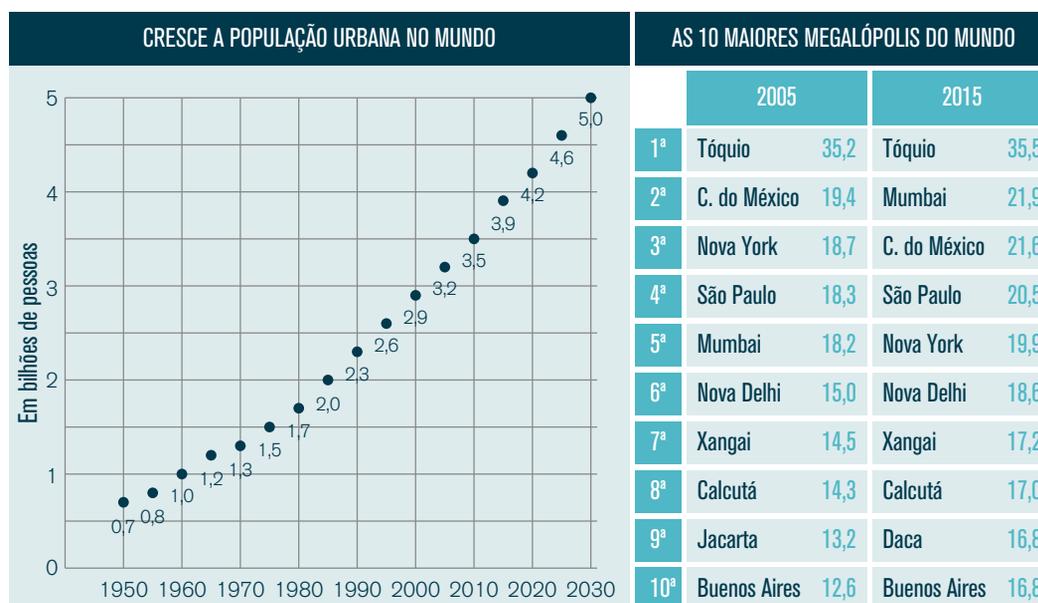
Relacionado à impessoalidade e à racionalidade crescentes do habitante da metrópole, está um fator que Simmel considera típico do homem moderno: *a atitude blasé*. Esta atitude é consequência da multiplicidade de estímulos que são colocados diante dos indivíduos no dia a dia das metrópoles. Massacrados com esta quantidade de informações, e após certo período de tempo, os homens deixam de reagir, vivendo como se estivessem anestesiados, o que resulta em uma atitude distanciada diante das pessoas e dos acontecimentos. Assim, uma vez que permaneçam nesse meio intenso e conturbado, os homens metropolitanos não encontram forças para se recuperar, e acabam agindo de forma *blasé*.

Uma das bases da *atitude blasé* consiste, portanto, na incapacidade do habitante das grandes cidades de diferenciação das coisas, das pessoas e dos acontecimentos importantes. Eles aparecem de modo uniforme, com um tom fosco e sem hierarquias. Esta incapacidade de distinção dos indivíduos torna-se, então, correspondente àquela que o dinheiro promove nas relações interpessoais. É o reflexo da economia do dinheiro que passa a ser interiorizado pelos sujeitos.

Deste modo, quando perguntamos a você sobre a forma como reage a todas as informações colocadas no cotidiano das grandes cidades, queríamos chegar a este ponto: o que aos nossos olhos pode, à primeira vista, parecer uma atitude fria é, na verdade, o que podemos chamar de uma **atitude de reserva**. Esta *intensificação da vida nervosa*, típica das metrópoles, faz os indivíduos tomarem uma posição de reserva — uma *atitude blasé* —, para que, assim, possam garantir sua sobrevivência em meio a tantos estímulos.

## Olhares sobre a sociedade

Observe o gráfico abaixo e perceba o crescimento da população urbana no mundo:



Evolução do crescimento da população urbana no mundo (1950-2030) e as dez maiores metrópoles (2005-2015). Fonte: UNFPA, 2007.



## ATIVIDADE

Leia a letra da música a seguir (de preferência, pesquise o áudio, para ouvi-la):

### **De frente pro crime**

(*João Bosco*)

Tá lá o corpo

Estendido no chão

Em vez de rosto uma foto

De um gol

Em vez de reza

Uma praga de alguém

E um silêncio

Servindo de amém...

O bar mais perto

Depressa lotou

Malandro junto

Com trabalhador

Um homem subiu

Na mesa do bar

E fez discurso

Prá vereador...

Veio o camelô

Vender!

Anel, cordão

Perfume barato

Baiana

Prá fazer

Pastel

E um bom churrasco

De gato

Quatro horas da manhã

Baixou o santo

Na porta bandeira

E a moçada resolveu

Parar, e então...

Tá lá o corpo

Estendido no chão

Em vez de rosto uma foto

De um gol

Em vez de reza

Uma praga de alguém

E um silêncio

Servindo de amém...

Sem pressa foi cada um

Pro seu lado

Pensando numa mulher

Ou no time

Olhei o corpo no chão

E fechei

Minha janela

De frente pro crime...

Veio o camelô

Vender!

Anel, cordão

Perfume barato

Baiana

Prá fazer

Pastel

E um bom churrasco

De gato

Quatro horas da manhã

Baixou o santo

Na porta bandeira

E a moçada resolveu

Parar, e então...

Tá lá o corpo

Estendido no chão...

A letra da música retrata uma atitude que, na visão de George Simmel, é típica do modo de vida nas grandes metrópoles. Partindo da análise da letra de João Bosco, explique o que seria — na concepção de Simmel — essa atitude? Por que tal atitude pode ocorrer? Selecione um trecho da música que evidencie essa atitude.



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

#### Desventuras de um dia ou a vida não é um comercial de margarina

Direção: Adriana Meirelles



Sinopse: uma mulher com pouco mais de 30 anos às voltas com questões de identidade. Em São Paulo, ela percebe as diversas máscaras e papéis sociais com as quais as pessoas lidam ao longo do dia. Como pano de fundo, a vida estressante e tensa de uma grande cidade.

#### O preço do amanhã

Direção: Andrew Niccol



Sinopse: Em um futuro próximo, o envelhecimento passou a ser controlado para evitar a superpopulação, tornando-se o tempo a principal moeda de troca para sobreviver e também obter luxos. Assim, os ricos vivem mais que os pobres, que precisam negociar sua existência, normalmente limitada aos 25 anos de vida.

#### Lar, doce lar

Direção: Cláudio Roberto e Gordeeff



Sinopse: Em um prédio de apartamentos, é possível observar a vida das pessoas. E, com certeza, uma delas já foi sua vizinha!

## A invisibilidade social



## REFLEXÃO

Vamos começar a refletir sobre o tema da invisibilidade social a partir de uma história verídica:

Fernando Braga da Costa, estudante de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), queria fazer sua dissertação de mestrado sobre invisibilidade e concluiu que, para compreender melhor o tema, deveria vivenciar a experiência de indivíduos em tal condição. Decidiu, então, exercer por um período a profissão de gari e pediu para executar a tarefa dentro da própria universidade.

A experiência de Fernando como gari durou 8 anos. Ele relata que, através desta vivência, pôde sentir como é ser tratado como um objeto. Segundo o que conta, quando vestia o uniforme, seus colegas da universidade passavam por ele e nunca o reconheciam. Seus próprios professores, que costumavam abraçá-lo, quando passavam por ele no corredor, às vezes esbarravam nele e seguiam em frente, sem ao menos lhe pedir desculpas. Fernando conta que, certa vez, teve que entrar no Instituto de Psicologia da universidade a fim de pegar dinheiro para almoçar. Ao longo do trajeto passou por inúmeras pessoas conhecidas, mas ninguém, em



## AUTOR

### Luiz Eduardo Soares



Luiz Eduardo Soares é um antropólogo, cientista político e escritor brasileiro.

Soares é um dos maiores especialistas em segurança pública do país. Ele foi Secretário de Segurança Pública no Rio de Janeiro, durante o governo de Anthony Garotinho, e ocupou a Secretaria Nacional de Segurança Pública no governo Lula, tendo sido afastado dos dois cargos por pressões políticas. Na carreira de escritor, Soares foi co-autor dos best-sellers *Elite da Tropa* e *Elite da Tropa 2*.

absoluto, o viu. Ao sair do instituto, tremia e sentia uma angústia profunda por ter vivenciado algo tão devastador. Era como se ele não existisse. Ou existisse como objeto, como função, não como pessoa.

Situações como esta se repetem todos os dias. Seja por questões econômicas, raciais, de status ou ligadas à sexualidade, muitos indivíduos transitam invisíveis pelas cidades de todo o mundo. Sendo assim, a invisibilidade social é um problema que atinge a todos os grupos sociais. O que pode diferenciar umas das outras é a maneira como é encarada e tratada pela própria sociedade. Você consegue imaginar o que pode provocar este tipo de situação? Já vivenciou algo parecido?

---

Existem muitas reflexões e pontos de vista sobre o tema da invisibilidade. Vamos destacar a visão do professor **Luiz Eduardo Soares**, sociólogo brasileiro contemporâneo. Segundo o autor, existem diferentes modos de ser invisível e diversas razões para sê-lo. No caso retratado por Fernando, sobre sua experiência como gari, podemos dizer que a invisibilidade à qual foi submetido, seria decorrente de dois fatores principais: **a indiferença e o preconceito**.

Vamos nos ater ao primeiro fator exposto pelo autor: quando refletimos sobre os motivos que podem provocar a invisibilidade, logo pensamos na ideia de **indiferença** e — assim como acontece quando analisamos os motivos da *atitude blasé* —, nossa primeira reação é a de achar que os indivíduos que são indiferentes a outros seres humanos, são frios e desalmados. Luiz Eduardo Soares nos convida a aprofundar mais a questão, trazendo outro ponto de vista, qual seja: você não precisa ser insensível aos problemas sociais ou aos dramas humanos para chegar ao estado de indiferença. Ao contrário, quanto mais sensível você for, maiores serão as possibilidades de buscar uma forma de anestésiar os sentidos, ainda que de modo não consciente.



## EXEMPLO

Para melhor compreender esta questão, imaginemos outra cena: você está passando pela rua, comendo um sanduíche, e avista ao longe um adolescente pedindo comida. Você, então, muda seu trajeto e atravessa a rua. Alguém poderia dizer, à primeira vista, que você foi egoísta; porém, esta atitude pode não ter sido provocada por insensibilidade, mas, justamente pelo seu oposto, pelo fato de você ser hipersensível. Sendo assim, se você decidisse não atravessar a rua, seria tomado por um sentimento de tristeza muito maior do que aquele que sentiu, quando optou por desviar o caminho. Como conseguir comer em paz seu sanduíche com aquela imagem desoladora do morador de rua com fome em sua memória? Para se proteger e garantir uma cota de felicidade cotidiana, você acabou ignorando aquele sujeito.

---

No caso da experiência relatada por Fernando, o que poderia provocar a indiferença, gerando sua invisibilidade, seria o fato de a profissão de gari não ser vista como uma ocupação digna, sendo desprovida de



## CONCEITO

### Alteridade

Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo homem social interage e interdepende do outro.

*status* e reconhecimento social. Desta forma, os trabalhadores que realizam atividades fundamentais à sociedade, mas que são vistas como de categoria inferior, podem acabar não sendo enxergados nem como seres humanos e, com isso, são ignorados.

Voltando à reflexão trazida por Luiz Eduardo Soares, outro fator que pode provocar a invisibilidade é o **preconceito**. Você pode estar pensando: mas se eu estou agindo de modo preconceituoso, eu não deixo de estar enxergando o outro sujeito, ainda que de forma negativa. Certo? Não. O que você enxerga quando age com preconceito é a imagem que você mesmo criou sobre aquele sujeito. Desse modo, quando o faz, anula ou invisibiliza sua verdadeira história, extinguindo tudo o que no indivíduo é singular, e enxergando apenas o reflexo de sua intolerância. Nas palavras do autor:

“O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações de quem projeta o preconceito. Por isso seria possível dizer que o preconceito fala mais de quem o enuncia ou projeta do que de quem o sofre, ainda que, por vezes, sofrê-lo deixe marcas”.

Assim, entendemos que a invisibilidade, na concepção de Luiz Eduardo Soares, pode ser provocada tanto pela indiferença — que pode ter como fatores motivadores a insensibilidade ou a hipersensibilidade —, como pelo preconceito. No entanto, é importante ressaltar que, independentemente do fator provocador, o fato é que muitos indivíduos circulam invisíveis pela cidade.

A condição de existência do eu é o outro. A condição de visibilidade depende, portanto, daquela de **alteridade**. Sendo assim, a construção da identidade dos indivíduos só se estabelece em sua relação com os outros sujeitos. Na medida em que invisibilizamos alguém, independentemente do motivo que nos move, ele sentirá a necessidade de se afirmar socialmente, de garantir seu ingresso no grupo social, seu reconhecimento na sociedade da qual faz parte.



## COMENTÁRIO

Deste modo, nos cenários da cidade os papéis dos indivíduos se revezam. Na cena seguinte, os atores sociais podem ganhar novos roteiros. Aquele que estendia a mão, pedindo esmolas, muda o gesto: passa a segurar, com a mesma mão que estendia a você anteriormente, um revólver. Ele imediatamente ganha um rosto. Passa de objeto do cenário urbano a protagonista. As posições se invertem: quem passava por ele indiferente, agora é obrigado a enxergá-lo. Um novo ator se descortina aos olhos do espectador.

Luiz Eduardo Soares chama a atenção para o fato de que, com o dinheiro conseguido no assalto, aquele indivíduo, antes invisível, tentará mais uma vez garantir seu passaporte para o grupo social, comprando roupas de marca. O autor ressalta que o fato de querer adquirir objetos e vestimentas de marca não é proveniente de uma ação fútil. O jovem, de forma não necessariamente consciente, acredita que o vestuário na moda funciona como sinal de valorização. Como destaca o autor:

“No caso, como o que está em jogo é a busca de reconhecimento e valorização, a marca é o que importa; é a marca o objeto cobiçado; é ela que atende a necessidade. O fetiche da moda cumpre esta função: quem a consome deseja diferenciar-se para destacar-se, valorizando-se (...) mesmo iludindo-se com o ardil da moda, mesmo enganando-se — como, aliás, todos os jovens (e os não tão jovens) das camadas médias e das elites —, os jovens invisíveis copiam os hábitos dos outros para identificar-se com os outros, passando a valer o que eles valem para a sociedade. Inclusão é o sonho; respeito é a utopia. Aí está, o fio da meada nos trouxe da grana ao símbolo, da natureza utilitária da violência à sua dimensão afetiva e psicológica (...). Quando o jovem compra o tênis de marca ganha de brinde o ingresso no grupo — no grupo dos que reconhecem a marca e valorizam a moda de que ela é sintoma”.



## ATIVIDADE

1. Segundo Luiz Eduardo Soares, uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. A partir dessa análise, desenvolva o conceito de invisibilidade, utilizando como base a teoria de Soares.
2. Luiz Eduardo Soares, em seu texto *Juventude e violência no Brasil contemporâneo*, retrata a ideia de que um jovem pobre e negro caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Segundo o autor, há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. Partindo das reflexões realizadas sobre a ideia de invisibilidade social — abordada por Luiz Eduardo Soares —, é correto afirmar que:
  - a) O fato de o morador de rua dizer que é um super-herói, e que tem poderes de se tornar invisível, demonstra que, mesmo com os problemas cotidianos, é possível garantir a diversão e superar as adversidades.
  - b) Na visão de Soares, a invisibilidade do morador de rua é decorrente de suas próprias atitudes, uma vez que comete desvios constantes, levando a população a ficar desconfiada e não mais ajudá-lo.
  - c) Um dos fatores que levam o morador de rua a se tornar invisível é o preconceito, pois projeta sobre ele um estigma que o anula, substituindo por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ele, mas expressa as limitações internas de quem projeta o preconceito.
  - d) De acordo com Soares, a invisibilidade é também causada pela indiferença. Com o tempo, os moradores de rua vão se tornando indiferentes em relação a nós e ao que projetamos sobre eles, seguindo suas vidas conformados.
  - e) Para superar a situação de invisibilidade um morador de rua acaba roubando. O dinheiro do assalto serve para comprar objetos de marca, o que demonstra a ideia de como são fúteis e influenciados pela mídia.

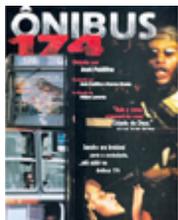


## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

#### Ônibus 174

Direção: Felipe Lacerda e José Padilha



Sinopse: uma investigação cuidadosa, baseada em imagens de arquivo, entrevistas e documentos oficiais, sobre o sequestro de um ônibus em plena zona sul do Rio de Janeiro. O incidente, que aconteceu em 12 de junho de 2000, foi filmado e transmitido ao vivo por quatro horas, paralisando o país. No filme, a história do sequestro é contada paralelamente à história de vida do sequestrador, intercalando imagens da ocorrência policial feitas pela televisão.

#### Crianças invisíveis

Direção: Mehdi Charef, Emir Kusturica, Spike Lee, Kátia Lund, Ridley Scott, Stefano Veranus e Jonh Woo



Sinopse: em sete segmentos, é um filme composto por sete curta-metragens, filmados nos países da África, Sérvia Montenegro, Estados Unidos, Brasil, Inglaterra, Itália e China. O filme mostra um mundo de negligência de cuidados, maus-tratos, violência psicológica e familiar, tráfico e uso de drogas, exploração de trabalho infantil e conflitos étnicos, políticos e econômicos, onde as crianças e adolescentes estão imersos.

## A visibilidade, o *zappeur* e a lógica de consumo



## REFLEXÃO

Você participa de alguma rede social (Facebook, Orkut, Twitter etc.)? Já observou como ocorre a exposição da vida privada nestes espaços? O que acontece na transparência das telas é também um reflexo do que vivemos em nossa sociedade. A crescente espetacularização da intimidade e a característica *confessional* dos relatos, típicos das novas redes sociais, são também sinais de uma necessidade dos indivíduos de serem reconhecidos, de validarem suas existências, de serem legitimados pelo olhar do outro.

Como vimos, através da reflexão trazida por Luiz Eduardo Soares, um dos processos mais desumanizadores para os indivíduos, em sociedade, é torná-los invisíveis. Isto porque a construção da nossa identidade é realizada através de um processo social, interativo. Ou seja, ninguém cria uma identidade sozinho, pois ela só existe através da mediação e do reconhecimento dos outros indivíduos. Sendo assim, independentemente do contexto social, necessitamos do acolhimento do olhar alheio.

Diante de uma sociedade de consumo excessivo, a busca por visibilidade é ainda maior, o que resulta em um processo constante de reformulação das identidades, como um modo de assegurar as formas de inclusão e exclusão difundidas pela lógica de mercado.



## AUTOR

### Zygmunt Bauman



Zygmunt Bauman Frederic é um sociólogo polonês que recebeu os prêmios Amalfi (em 1989,

por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto de sua obra). Tem mais de dezesseis obras publicadas no Brasil, dentre as quais *Amor Líquido*, *Globalização: as Conseqüências Humanas* e *Vidas Desperdiçadas*. Atualmente é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, em seus estudos sobre a sociedade contemporânea, chama a atenção para o fato de que os rituais públicos de perguntas pessoais e confissões, de que os programas de entrevistas são o maior exemplo, existem para dar vazão à agitação dos indivíduos que almejam a todo tempo se expor e precisam desesperadamente do olhar alheio para confirmar suas existências. É como se, para se tornarem alguém, fosse necessário aparecer, impondo suas subjetividades nas janelas de visibilidade das redes sociais ou da mídia.

## A obsolescência planejada

O crescimento vertiginoso do consumo em sua forma massificada trouxe consigo o desejo dos diferentes grupos sociais de acessarem, de modo privilegiado, os bens materiais e, com isso, afirmarem suas identidades e diferenças. Deste modo, o ato de consumir traduz-se também como um exercício de inserção social. Sendo assim, a apropriação da cidade pelos indivíduos também acaba sendo pautada pelas regras de consumo, excluindo cada vez mais aqueles que não consomem.

Você percebe como os objetos hoje perdem sua validade antes mesmo de perecerem ou quebrarem? Bauman, em sua análise sobre a sociedade contemporânea, também chama atenção para o ritmo acelerado de renovação em que vivemos: tudo tem data de validade fixada. E, na concepção do autor, esta análise vale para todas as coisas, desde os objetos, passando pelas obras de arte, pelos movimentos culturais e chegando até mesmo às relações amorosas. Nas palavras do autor:

“O ritmo vertiginoso da mudança desvaloriza tudo o que possa ser desejável e desejado hoje, assinalando-o desde o início como o lixo de amanhã, enquanto o medo do próprio desgaste que emerge da experiência existencial do ritmo estonteante da mudança instiga os desejos a serem mais ávidos, e a mudança, mais rapidamente desejada (...)”.

O consumo excessivo associa, portanto, a ideia de felicidade a um volume e intensidade de desejos sempre crescentes, o que leva a uma substituição rápida dos objetos e de todas as outras coisas. Esta prática de substituição constante pode, então, ser associada à ideia do indivíduo *zappeur*. Mas o que caracteriza um sujeito como *zappeur*? Originalmente podemos dizer que se refere à forma como conduzimos a ação de assistir à televisão nos tempos atuais: trocamos de um canal a outro em uma velocidade muito alta, sobrepondo imagens e sons, embaralhando ícones e não permanecendo por muito tempo em um canal, pois as cenas tendem a não saciar os telespectadores. Trata-se do indivíduo cujo nexos com o mundo é conduzido como quem porta um controle-remoto.

**Nestor Garcia Canclini**

Néstor García Canclini é um antropólogo argentino contemporâneo. O foco de seu trabalho é a pós-modernidade e a cultura a partir de ponto de vista latino-americano. É considerado um dos maiores investigadores em comunicação, cultura e Sociologia da América Latina.

Seguindo a dinâmica do *zappeur*, os indivíduos tendem a agir desta maneira não somente diante dos aparelhos televisores, mas em outros espaços da sociedade, refletindo, inclusive, nas formas como se apropriam da cidade. ***Nestor Garcia Canclini***, antropólogo argentino contemporâneo, chama atenção para o fato de que as transformações nas formas de consumir alteraram também as possibilidades do exercício da cidadania. Segundo o autor, com o aumento da descrença nas instituições e na política, os sujeitos passaram a perceber que muitas de suas questões relativas à ideia de pertencimento passaram a ser respondidas através do campo do consumo privado e dos meios de comunicação de massa, esvaziando a esfera pública.

Assim, apesar de compreendermos os papéis sociais relacionados ao ato de consumir, como o fato de que ele estabelece formas de identificação e de diferenciação dos indivíduos diante dos grupos que o cercam, é importante que estejamos atentos às consequências ligadas ao consumo em excesso (ao que chamamos de consumismo), principalmente no que se refere à degradação do meio ambiente e às suas consequências para o planeta.

Uma das principais questões que diferenciam os homens dos outros seres vivos é justamente sua capacidade de intervir na natureza para criar suas próprias condições de existência. Como vimos, quando estudamos Karl Marx, é por meio da ação produtiva que o homem humaniza a natureza e também a si mesmo. No entanto, no curso da História, estas formas de intervenção do homem também têm provocado efeitos nocivos e, muitas vezes, irreversíveis ao meio ambiente.

Os problemas ambientais trouxeram à tona a reflexão sobre o fato de que não é possível a incorporação de todos no universo do consumo, tanto em função da finitude dos recursos naturais, como em função dos resíduos que produzimos. Cada vez mais os indivíduos transformam aquilo que antes era considerado luxo em novas necessidades. Com isso, a quantidade de produtos que são necessários para satisfazê-los e os padrões exigidos para saciá-los são cada vez mais elevados.

Deste modo, o ambiente natural está sofrendo uma exploração excessiva, que ameaça sua estabilidade, provocando efeitos como: degradação do solo, poluição da água e do ar, mudanças climáticas, perda de florestas e da biodiversidade, exaustão de recursos naturais renováveis e não renováveis, dentre outros.

**ATENÇÃO**

Assim, a percepção de que a permanência dos atuais padrões de produção e de consumo é incompatível com a vida no planeta torna-se fundamental para a construção de uma sociedade mais sustentável; ou seja, é necessário que os indivíduos modifiquem suas formas de interação com a natureza para não comprometerem os componentes do ecossistema e a possibilidade de vida das gerações futuras. A consciência ecológica é, portanto, indissociável da consciência social, uma vez

que a questão do desenvolvimento sustentável não se limita ao consumo ecologicamente viável, ela inclui também as dimensões econômica e social (redução da pobreza e da desigualdade, soberania alimentar, respeito aos direitos humanos etc).



## CURIOSIDADE

### A Sociologia vai ao cinema

#### **Criança, a alma do negócio**

Direção: Estela Renner



Sinopse: documentário realizado na cidade de São Paulo com pais e filhos, trazendo à tona a crescente discussão sobre o consumismo infantil. Consumismo deflagrado pela mídia, que percebeu que o seu grande público-alvo é a criança, e não o adulto. O consumismo compreende desde roupas, sapatos e brinquedos, até alimentos de alto valor calórico, que leva as crianças à obesidade, pois estas estão cada vez mais sedentárias.

#### **A história das coisas**

Direção: Annie Leornad



Sinopse: documentário de 20 minutos, que vai direto ao ponto: como colaboramos diariamente para destruir o planeta. Mostra passo a passo a cadeia de eventos que vai da exploração dos recursos naturais, passando pelo produto manufaturado, a compra e o descarte, até chegar ao lixão.

#### **Comprar, tirar, comprar: a história secreta da obsolescência programada**

Direção: Cosima Dannoritzer



Sinopse: O documentário faz uma viagem através da história de uma prática empresarial que consiste na redução deliberada da vida útil de um produto para incrementar o seu consumo. O filme é o resultado de 3 anos de pesquisa. Fazendo uso de imagens de arquivo pouco conhecidas, fornece provas documentadas e mostra as desastrosas consequências ambientais provocadas por esta prática. Apresenta ainda vários exemplos do espírito de resistência que está a crescer

entre os consumidores e a análise e opinião de economistas, designers e intelectuais que propõem alternativas para salvar a Economia e o ambiente.



## ATIVIDADE

1. (ENEM 2003) A propaganda pode ser definida como divulgação intencional e constante de mensagens destinadas a um determinado auditório visando criar uma imagem positiva ou negativa de determinados fenômenos. A propaganda está muitas vezes ligada à ideia de manipulação de grandes massas por parte de pequenos grupos. Alguns princípios da propaganda são: o princípio da simplificação, da saturação, da deformação e da parcialidade (Adaptado de Norberto Bobbio, et al. Dicionário de Política).

Segundo o texto, muitas vezes a propaganda:

- a) não permite que minorias imponham ideias à maioria.
- b) depende diretamente da qualidade do produto que é vendido.
- c) favorece o controle das massas difundindo as contradições do produto.
- d) está voltada especialmente para os interesses de quem vende o produto.
- e) convida o comprador à reflexão sobre a natureza do que se propõe vender.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual, essa nossa (des) conhecida*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. In: col. *Perspectivas do Homem*, n° 39. Lisboa: Edições 70, 1966.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1962.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SIMMEL, G. *Filosofia do Dinheiro*. Paris: Presses Universitaires, 1977.



## IMAGENS DO CAPÍTULO

P. 144 **Joseph Arthur de Gobineau**  
*AD Oise · Wikimedia* . DP

P. 145 **Gilberto Freyre**  
*Eduardo A. Aguiar · Wikimedia* . DP

P. 147 **Margareth Mead**  
*Smithsonian Institution · Wikimedia* . DP

P. 150 **Famílias**  
*Paulo Vitor Bastos · Estácio*

P. 153 **Georg Simmel**  
*Autor desconhecido · Wikimedia* . DP

P. 157 **Desventuras de um dia**  
*Divulgação*

P. 157 **O preço do amanhã**  
*Divulgação*

P. 157 **Lar, doce lar**  
*Divulgação*

P. 158 **Luiz Eduardo Soares**  
*José Cruz · Agência Brasil* . DP

P. 161 **Ônibus 174**  
*Divulgação*

P. 161 **Crianças invisíveis**  
*Divulgação*

P. 162 **Zygmunt Bauman**  
*Mariusz Kubik · GDFL*

P. 164 **Criança, a alma do negócio**  
*Divulgação*

P. 164 **A história das coisas**  
*Divulgação*

P. 164 **Comprar, tirar, comprar**  
*Divulgação*





















